FON FON

O CONTO BRASILEIRO

AMOR IMPETUOSO

Alvaro Villa-Nova

O Fagundes (Sebastião Fagundes da Silva) era, antes, um humilde e pacato funccionario publico, amigo da casa e das suas commodidades de homem livre, vendo o casamento por um prisma gravissimo, com todas as suas tremendas responsabilidades.

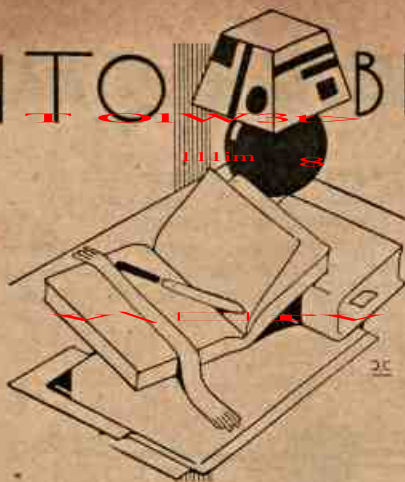
Si, ás vezes, á mesa da pensão, fallavamos em moças ou em casamento, elle sorria, sarcástico, e desfechava impiedosa carga de fuzilaria contra o sexo fraco e, principalmente, contra o matrimonio:

— Casar,... casar.... E o peso actual da vida? E a crise? E os filhos?!..., — argumentava elle, com eloquencia, do alto da sua impenetravel torre de celibatario.

Mas, como já disse alguem, "cada um de nós vale por uma Babel", Fagundes, vergonhosamente, mudou de idéas quando, um dia, conheceu, na pensão, certa mocetona do interior, que veiu á capital, em férias. Chamava-se Florinda. A' noite, jogava-se, alli, o burro inglez, o loto e outras cousas.

E foi á mesa do jogo que o Fagundes, como que sentindo a attracção do abysmo, se deixou arrastar pelo eterno jogo do amor... A moça,—diga-se logo—, não era nenhuma belleza, mas era, em compensação, uma dessas creaturas feitas para amar, irrequiéta, toda cheia de olhares indagadores e de sorrizinhos feitos sob medida para o momento exacto do ataque.

O ataque começou, cerrado, sem que o Fagundes, docemente ferido, pensasse em se defender. Quando a moça regressou, alguma cousa, já ficou queimando o coração do amanuense. Era o amôr.... Sim, Fagundes começou a amar.... Depois, quem escreveu, primeiro, foi ella. Sabiamos de tudo, porque dona Melania, amiga das más e das bôas novas, além de dona da pensão, era uma perfeita gazeta humana, que, á hora das refeições, despejava todas as novidades sobre a mesa.

A primeira carta proporcionou uma nervosa alegria ao coração do nosso homem. Elle respondeu. Veiu outra, como um raio. Outra resposta. E, no fim do anno, Fagundes commemorava o Natal, realizando esta cousa assombrosa para os que lhe conheciam as idéas matrimoniaes, e já perfeitamente natural para elle: ficou noivo.... Por uma circumstancia que chamaremos feliz, a familia da moça veiu de mudança para a capital.

Começou, então, para este rapaz, uma vida de amores tão attribulada, que elle já nem dava conta do que se passava em redôr. Ao envéz de se mostrar contente e communicativo, como parece convir a um homem que ama, Fagundes fechava-se numa carranca sem tréguas, fallando vagamente, por meias palavras, como si estivesse num mundo differente. Na pensão notava-se isso. Dona Melania propoz, então, que deixassemos o rapaz entregue á sua sorte, porque o amôr — accrescentou ella— "era isso mesmo". Fagundes parecia soffrer de accordo com o poeta que sentenciou: "O amôr é mais triste que uma lagrima". Afinal, não havia nada disso. Eram, apenas, manias de noivo incontentavel... Florinda trabalhava na cidade, e os dois se encontravam, diariamente, com uma irregularidade irritante, que não perdoava sól nem chuva: pela manhã, antes do trabalho; á hora do almoço; depois do almoço; á tarde, no ponto do bonde, e, finalmente, á noite, em casa della, como a ultima etapa do dia. Por isso, elle se sentia, por assim dizer, deslocado, longe da noiva, como uma cousa fluctuante e aérea, ao lado dos outros. Era um amor encarniçado, que se caracterizava por uma assombrosa capacidade affectiva. Um amôr que respirava por todos os póros, com a soffreguidão de quem tivesse atacado de dyspnéa.

Quasi todas as noites, ao jantar, um de nós tinha alguma novidade sobre elles. Quem mais informava era sempre o Moreira, que trabalhava na praça e perambulava pelas ruas á cata de negocios:

—Sabem quem eu vi, hoje, na cidade?... O Fagundes atracado com a noiva...

Porque era uma verdadeira atracação. Sempre de braços dados, elle, baixo, atarracado, ella mais alta, roliça e lépida, parecendo arrastal-o, davam os dois a impressão de um só corpo, tão aconchegados andavam todos os dias, ás mesmas horas e pelas mesmas ruas.

Uma vez, o Guilhermino suggeriu:

—E' melhor que elles arranjem, na Ingleza, uma peça de engatar vagões, e passem a usal-a nos braços...

Dona Melania, para ter no que fallar, fallava sempre nos dois noivos, pontilhando a conversa de piadas quasi sempre melhores que os pratos que nos impingia.

Aos domingos, então, a cousa começava mais cedo: ás sete horas da manhã, Fagundes deixava a pensão e rumava para casa da noiva, cuja familia era obrigada a madrugar, quizesse ou não, porque Florinda,— conforme dona Melania —mandava nos paes e no resto, com essa autoridade dos filhos que é um dos signaes do seculo. Com a pressa de levantar para encontral-a, Fagundes atirava para longe, atabalhoadamente, a roupa de cama, que ficava espalhada pelo quarto, onde reinava, de ordinario, tal confusão, que, certa manhã, distrahidamente, dona Melania extendeu, na janella que dava para a rua, alguma cousa que pensou ser a toalha de rosto, quando não passava de uma peça de roupa de baixo, que o Fagundes não tivera tempo de deitar na cesta. Era um amôr urgente. Portanto, justo era que elle vivesse, como vivia, com a rapidez de uma carta expressa, que seguisse, sempre, para o mesmo destino. E o destino era longe: no alto da Lapa, numa ruasinha tranquilla, onde o luar parece que, de proposito, batia em cheio, convidando a amar até alta madrugada.

Já ninguem mais, na pensão, podia contar com elle, como antigamente, para uma prosa ou um cinema. Urgia amar ganaciosamente, com um exclusivismo cégo, que não via outra cousa senão o objecto amado. Si um collega da pensão lhe perguntava, ás vezes: "Oh! Fagundes, como vae dona Florinda...?", elle corava, furiosamente, e respondia, secco: "Vae bem..." O nome da moça era especie de "tabú" em que ninguem podia fallar sem ferir as mil e uma susceptibilidades do noivo.

Certo dia, feriado, Fagundes foi mais cedo aos amores, e bateu á porta da casa da noiva, ás seis horas da manhã. O sogro, um bom e paciente homem, mas, tambem uma creatura que tinha o direito de

(Continúa na pagina 10)

UM HOMEM DE PALAVRA

A familia de meu avô Lava era originaria da Corsega. Elle era cabelleireiro. Emquanto elle penteava, frisava e cortava os cabellos; não havia quem fosse capaz de contar historias tão bem como elle.

Um dia, contou-me uma, que nunca mais pude esquecer, e que lhes vou repetir fielmente:

Antigamente, muitas familias hespanholas e italianas moravam em Anvers. Principalmente venezianas e genovezas, que, sob o imperador Carlos, negociavam com o Levante e as Novas-Indias.

Essa gente guardava fielmente os costumes do seu paiz de origem. Para os hespanhóes isso não ia longe, mas para os italianos, ás serenatas e mascaradas, juntavam as emboscadas e os assassinatos. Os italianos, todos sabem, sempre tiveram um gosto pelas vinganças guardadas com cuidado, perseguidas, por longo tempo. As coisas chegaram a um ponto em que os guardas da noite já não se espantavam, quando ao amanhecer descobriam um homem apunhalado.

Estes habitos, que antes assustavam nossos flamengos, pareceram-lhes depois bastante naturaes. Alguns, não dos melhores, apressados em herdar ou para se livrar de um rival, acabaram mesmo por se habituar galhardamente a esse uso.

Então, um valente da Romagne, chamado Marcos, sabendo que acharia trabalho, veiu estabelecer essa bella industria entre nós.

Estava apenas installado em seu negocio, uma casa de armas, atrás da igreja de Saint-Jacques, quando recebeu a visita de Jean Pot, homem muito estimado na cidade. Este, que tinha um irmão mais velho, a quem odiava mais do que á peste, disse a Marcos:

— Garantiram-me que é um homem de palavra e decidido... Eis aqui quinhentas pistolas de ouro. Se, daqui ha oito dias, eu souber da morte de Pieter Pôt, estabelecido perto do mercado, e cuja casa tem a taboleta "Les Trois Bouchers", dar-lhe-ei mais quinhentas em bôa moeda corrente.

— Perfeitamente, — respondeu Marcos.

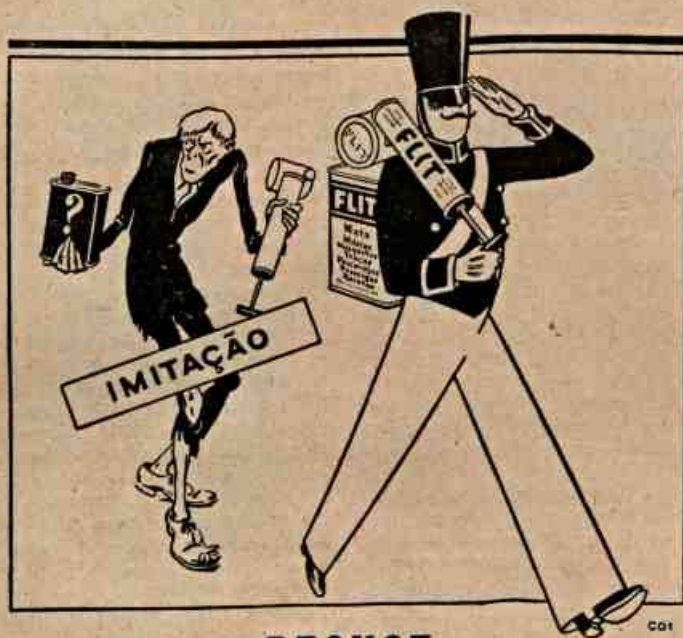
Apenas Jean Pôt sahira, Pieter entrou no antro do valentão.

— Meu irmão acaba de deixál-o e sei o que elle veiu propôr-lhe. Quanto lhe offereceu para mandar-me para o outro mundo?

— Mil pistolas de ouro!

— E' uma bella quantia. Mas, já que chego em segundo logar, é justo que pague o dobro, para ter a preferencia. Eis aqui mil pistolas... O resto lhe será entregue depois do enterro de Jean.

— Isto é contrario aos nossos habitos — respondeu Marcos. — Neste caso, é preciso entrar com todo o dinheiro e adeantado.

— E' justo — concordou Pieter. — Apenas não tenho agora o resto. Marcaremos um encontro em um logar afastado, pois não ha necessidade que desconfiem da nossa convivencia. Dar-lhe-ei outra bolsa do mesmo peso desta.

De Horace Van Offel

Na mesma noite os dois cumplices se encontraram sob uma ponte, em um canto muito deserto. Marcos cumprimentou e segurou a bolsa.

— Senhor, — disse elle, — dou-lhe minha palavra de honra como matarei Jean Pôt. Não importa a maneira. Mas é preciso que lhe diga uma coisa: é que tambem dei minha palavra a seu irmão que o mataria antes.

— Eu sei, — disse Pieter, rindo. — Mas o negocio tem agora mais vantagens do meu lado. E' elle que cahirá na armadilha que preparou para mim.

— Desculpe-me... Mas a honra me prohibe faltar á minha promessa.

Ao dizer isto, metteu-lhe a faca no coração. Marcos não deixou de acompanhar o enterro de sua victima. A missa foi dita em Notre-Dame e o enterro no Cemiterio Verde, perto da torre. No fim da cerimonia, Jean Pôt fez-lhe signal de o seguir. Encontraram-se longe da multidão, debaixo das arvores e entre as cruzes de pedra, Jean Pôt disse:

— Trabalhou muito bem, Marcos.

— Só tenho uma palavra...

— Eis aqui as quinhentas pistolas que ainda lhe devo. Estamos quites!

— Um momento, — disse o valentão, pondo a mão no hombro de Jean Pôt. — Deixei meu punhal no coração de seu irmão, e isto não estava incluido no negocio. Portanto, juntamente com a bolsa, deve entregar-me esse punhal que tem preso no cinto.

— Perfeitamente, embora seja uma arma de valor. O cabo é de prata e a lamina é de aço de Damasco. Mas estou certo que terá mais utilidade para você.

— Veremos depois, — disse Marcos, seriamente, examinando o punhal. — Não se esqueça, sr. Jean, como sou fiel aos meus compromissos. Acontece que seu irmão (que Deus tenha em bom logar) me pagou tambem para o matar.

— Foi por isso que tive o cuidado de me garantir.

— Vã precaução... Só tenho uma palavra e minha consciencia me prohibe de transigir neste assumpto... Fui pago, e portanto vou despachar a mercadoria e...

Não acabára de pronunciar estas palavras, e já a lamina de Damasco desapparecêra no peito de Jean Pôt.

Os que acharam o corpo de Jean Pôt reconheceram o punhal que elle trazia smepre ao lado. Então os padres pediram que seu cadaver fosse arrastado e amarrado na forca. Mas os juizes acharam que não era caso para isso, pois Jean, naturalmente, fôra atacado de delirio, febre e tristeza pela morte de seu irmão. Finalmente, concordaram que se enterrasse o corpo sem cruz nem orações.

Marcos nunca foi incommodado e poude continuar a trabalhar na cidade e nos arredores. Depois de ter feito fortuna, voltou a Roma, confessou-se ao papa e viveu, desde então, como homem de bem.

Foi essa a historia que me contou meu avô. Mas depois soube que ella não era original. Trocando os logares e nomes, ella se encontra até entre os chinezes e japonezes. Os italianos attribuem-na á Cagliostro, os francezes á marqueza de Crecy e os allemães ao barão de Crace.

Mas o que garanto, é que a ouvi de meu avô Lava, homem muito afamado por suas cabelleiras e seus postiços.

E S Q U E C E R

Esquecer o passado, é ser bastante
Feliz; é renovar a fé perdida;
E' conquistar ventura semelhante
A' renuncia, que incita a nova lida.

Esquecer, é não ver a sombra errante
Da saudade, que punge toda a vida.
De um soffrimento, que ficou distante,
Esquecer, é não ouvir-lhe a voz dorida,

Esquecer, pois, o tempo que vivemos
Juntos, os dois, naquelle sonho manso...
Esquece o nosso amor. E viveremos —

Eu, da saudade, e tu, do esquecimento.
Esquece tudo, para teu descanso.
Esquece tudo, para meu tormento.

ALCIDES MARINHO REGO

TANTA FELICIDADE...

TAUL vira-a passar perto de si e, sorridente, murmurára:

— Linda!

Linda pois era este o seu appellido sem que o soubesse elle, olhára-o de relance, tomára um aspecto severo e seguira o seu caminho.

Entrára pouco adeante em casa de joven amiguinha a quem fôra visitar e, levando-a por vontade até á janella, indagára-lhe si conhecia aquelle...

Continuava Taul na esquina, á espera de alguem.

Não a conhecia? Era possivel, porquanto viéra, fazia poucos dias, de outro arrabalde, afim de tomar banhos de mar. Aquelle era o poeta de "Folha Perdida". Não lhe lêra ainda o poema? Uma preciosidade. Era quasi desconhecido o livro, sem saber por que, pois era maravilhosa a producção. Si Linda o quizesse ler, teria immenso prazer em lho emprestar.

Acceitára o offerecimento. Lêra todo o livro. A leitura espertára-lhe a sensibilidade: poesia verdadeira, bem inspirada, muito acima das coisas vulgares; versos de bom gosto.

No segundo encontro, nada murmurára Taul. Tirára o chapéu, cortezmente. Sorrindo, Linda baixára a cabeça por cortezia, para corresponder ao cumprimento.

Dahi em deante, vivia procurando um ao outro. Ella, encantada com o talento delle; elle, captivo com a belleza della. Comtudo, não havia opportunidade de se falarem.

Festa em casa da joven amiguinha. Convidado Taul, comparecêra. Lá se achava Linda, muito elegante, uma gracinha, uma pintura.

Fizeram optima camaradagem: ambos eram intellectuaes. Pareciam amigos de longa data. Convenceram-se de haver nascido um para o outro.

* * *

Amavam-se. Encontravam-se todos os dias; conversavam todas as vezes; e, uma vez, disséra Taul, pois nada havia dito ainda sobre a sympathia que lhe inspirava a mimosa senhorita:

— Gosto muito de ti, Linda!

E Linda, a sorrir:

— Assim tão subitamente, sem uma preparação prévia, você me ataca!...

— Disse-o apenas para te certificar a minha profunda affeição, porquanto os meus olhos já te veem dizendo, ha dias, o que ora te affirmo.

— Os seus olhos falam uma linguagem adornada de flôres...

— Já presenciei que me vês com os olhos da alma. Já me convenci de te ganhar o coração.

— Este pertence-te.

— Muito obrigado, Linda. Gosto ainda mais de ti por me falares sem dissimulações. Adoro a sinceridade..

— Tinha certeza de você gostar de mim; sinto a mesma coisa por você; para que, pois, negar o que está claro como a luz meridiana? Por falar nisso, que horas são no seu relogio?

— Meio dia em ponto.

— Já estou atrazada! Devia estar no dentista ao meio dia, pois o homemzinho á meia hora sae para o almoço; mas a sua palestra é tão cheia de encantos... Adeus!

Na cidade? Quero dizer: no centro, o teu dentista?

— Aqui perto.

— Queiras-me bem, Linda. Adeus!

— Você tambem...

— Sim. Adeuzinho.

— Adeusinho.

De Hormino Lyra

Noutro encontro, depois de breve palestra, dissêra Taul:

— Gosto muito de ti, Linda!

— Está você ficando relogio de repetição: é a segunda vez que ouço isso, sem mais nada...

— E' o preambulo. Vou concluir, mas, cheio de gravidade. Escuta lá: Quero casar comtigo. Sim ou não?!

Linda mordêra o labio interior. Devêra ter-lhe affluido o sangue ás faces; isso, porém, não fôra notado por Taul, pois a maquillagem não o permittiria; emtanto, os olhos denunciavam-lhe a perturbação do animo.

— Nada me respondes. — insistira.

— Vejo-me em difficuldade para lhe responder com a brevidade desejada por mim e por você.

— E's só tu quem resolve o caso.

— Sei. Não obstante, tenho felizmente a quem dar satisfação dos meus actos. O caso é tão sério que o não devo resolver sem conversa com os meus paes.

* * *

Casaram e tiveram memoravel anno de noivos, por quanto viajaram á roda do mundo durante quasi todo esse tempo.

Linda era rica. Taul não era pobre. Demais a mais, receberam de presente cheques dos paes delle, dos paes della, dos padrinhos; e resolveram, por isso, passear.

Quando voltaram e foram morar á rua Copacabana com os paes da noiva, consoante promessa formal do noivo, Taul soffrêra um choque produzido pela antipathia de caracteres entre si e o sogro, o senhor Auto Tamara.

Linda adorava o pae e o senhor Tamara não se conformava com a ida da filha para o ninho que Taul projectava construir.

Por ciumes do senhor Tamara, por teimosia da filha para o contentar, um dia Taul explodira de cólera, estoiraram os nervos de Linda, rebentaram protestos da parte do pae desta; só a sogra — pouco susceptivel de explodir, pouco amiga do marido, por ser este algum tanto estroina, e muito amiga do genro, pelas attenções deste para com ella — procurava acalmar os animos...

Mais dias, menos dias, acontecêra o que era esperado: desquitaram-se por incompatibilidade de genio.

Nada mais falso: um nascêra para o outro; apenas um pae egoista e de pouco senso interrompêra a felicidade manifesta dos conjuges.

Linda ficára morando com os paes della. Taul, fôra morar com os paes delle.

* * *

Ha mais de anno, acabára-se a vida do senhor Auto Tamara. Tivéra morte súbita.

Um dia desses, correra voz andarem namorando-se de novo os conjuges separados de pessôas e de bens.

E não havia coisa mais verdadeira: fizéra Linda novo enxoval para tomar novo estado; pois Taul lhe pedira novamente a mão e a visitava com tempo marcado para o segundo enlace.

Pela segunda vez, casaram legalmente os proprios desquitados.

Parecem anjos da principal jerarchia na ditosa e tranquilla morada dos bemaventurados: tanta felicidade...

A GALERA

Aligera galera, ao vento as brancas velas,
O mar bravio singra em busca de outras plagas;
Ora lhe cáe na cava, ora lhe sobe as vagas,
A custo resistindo á furia das procelas.

A noite sobrevém sem a luz das estrellas,
Tornando inda maior o perigo das fragas.
Relampagos hostis, como rubras adagas,
Debuxam na amplidão sombrias aguarelas.

Eil-a, a galera, emfim, no porto demandado...
As ancoras no fundo, o panno já ferrado,
Ella parece, agora, uma ave, que ao voltar

Ao desejado ninho, após cruzar o espaço,
Sentindo-se cahir de natural cansaço,
As curvas azas fecha e fica a descançar.

Francisco Lopes

RETROS[PECTIVA]

I T A L A [...]
V A Z D E [...]

MARIA DA GLORIA e d. Carlota tomavam chá no aconchego da saleta, com a porta aberta sobre a varanda, de onde se descortinava toda a maravilhosa enseada de Copacabana até o Forte. A tarde era fresca e radiosa. Era tão agradavel viver naquelle ambiente de *ambar* que envolvia tudo numa chuva de topazio pulverizado!

— Emfim, — perguntou Maria da Gloria, — achas mesmo que dr. Salgado quer casar commigo? Que pensas dessa idéa?

— Oh! Milhares de coisas que não enganam uma mulher que tenha um pouco de experiencia... E depois conheço-o muito bem, desde o tempo em que elle era socio de meu marido, em Campinas. E' um sentimental, é um homem affectuoso e timido. Prova é a vida solitaria que leva na sua vivenda da Gavea depois da viuvez. Em dez annos estou certa de que passou somente duas ou trez semanas na cidade. Mas desta vez vae ficando no Palace. Não se decide mais a voltar para o matto. Por que?... Porque por acaso te encontrou aqui em minha casa e porque descobriu que moras perto. Está preso, enfeitiçado por ti. Aliás, não me surprehende! E's ainda tão moça tão viva e seductora...

Maria da Gloria suspirou.

— Entretanto, vou completar 44 annos!

— E's a unica pessôa que o diz. Mas não apparentas mais de trinta. Olha, pergunta a meu filho!

— Teu filho?! — fez a outra, enrubecendo de leve:

— Sim. Fernando. Elle tambem está apaixonado, e, no interesse delle..., e no teu, já é tempo de ter juizo e de cuidar de uma existencia confortavel, calma e serena desde que teu marido (que Deus lhe perdôe!) comeu toda a tua fortuna... O Salgado é rico. E' o marido ideal para ti.

— Mas...

— Mas que?...

Maria da Gloria hesitou um momento, e accrescentou.

— Nunca elle te falou do meu passado?

— Qual passado?... Não!... nunca!... Por que?

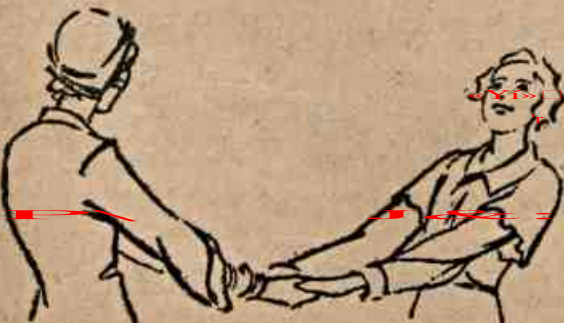
— Por nada.

Calou-se, sonhando, mergulhada justamente na recordação daquelle passado longinquo, evocando o fantasma de sua mocidade.

1910... Maria Luiza ainda era a menina Gonçalves, trabalhando no atelier de costura da casa Raunier-Cabral da rua Ouvidor. Vida livre de moça já então futurista, que não teme as aventuras, antes as provoca, seguindo o exemplo insidioso das companheiras levianas, embora mais velhas. Deixou-se arrastar no perigoso declive... Era amante de um rapaz empregado da Prefeitura, Alipio Dias, alegre, despreoccupado, alheio a acarretar responsabilidades e amigos intimos do dr. Salgado, que, silenciosamente, apaixonadamente, amava Maria Luiza com o desespero dos que elevam os olhos ao que já pertence ao alheio... O objecto de sua adoração era para elle sagrado, como se de facto fosse a legitima companheira do camarada de mocidade. Mas não poude resistir muito tempo ao intoleravel supplicio. Preferiu partir, rescindir contractos, abandonar tudo e a capital, para se ir enterrar numa fazenda do interior de S. Paulo, onde em poucos annos fez fortuna e começou a viajar. Eil-o que agora reapparecia na sua vida, depois de tantos annos, do seu casamento de razão com dr. Avellar e de sua viuvez.

— Quem sabe... — pensava ella. — Talvez o Salgado nem me tenha reconhecido. E' um facto que estou muito bem conservada, mas em vinte annos as modas mudam de tal maneira, que até os traços do rosto seguem os caprichos das novas concepções da elegancia humana.

Chegando a esta altura de sua profunda meditação, a porta do quarto abriu-se bruscamente para dar passagem ao joven Fernando.

— Adivinhe o que lhe trago — gritou elle, alegremente dirigindo-se para Maria da Gloria: — Um convite para irmos a uma festa retrospectiva, no Casino da Urca, commemorativa da centesima representação da comedia "O Marechal Deodoro", do amigo Baptista. Vae ser um encanto! Iremos todos vestidos a caracter... do tempo da Proclamação da Republica, a senhora vae ficar uma belleza! Eu pretendo vestir-me de almirante, e o Baptista de tylbureiro. Vamos nos divertir muitissimo! Estou contente como um rato!...

SPECTIVA

DE

A GOMES

E CARVALHO

Maria da Gloria pensava que, sem precisar se fantasiar, ella já havia usado naturalmente os trajes daquella época. O rapaz insistia, ardentemente:

— Posso contar com a senhora, não é verdade? Desde já sou feliz de pensar que passarei horas ao seu lado!

— Terá tanto prazer assim? — perguntou Maria da Gloria, com faceirice.

— A senhora bem sabe!

— Pois então está dito. Póde contar commigo!

Fernando tomou-lhe a mão, beijando-a com devoção...

* * *

No sabbado seguinte o Casino da Urca resplandecia de luzes e flores em grande profusão. O director do theatro onde se representava a peça festejada, o autor e os interpretes, rigorosamente vestido á moda de 1889, recebiam os seus convidados com alegres exclamações de admiração e jubilo. Quando o joven Fernando, impeccavel almirante de opereta, chegou acompanhado de Maria da Gloria, deliciosa costureira dos ultimos annos do Imperio, numa calèche authentica puxada por duas bestinhas negras, foi um delirio de approvações! Depois, na hora da ceia, cada um tomou o seu lugar em volta da grande mesa oval, como se usavam naquelle tempo, e Fernando sempre pressuroso, ao lado de Maria da Gloria.

O champagne, a excitação da festa deram-lhe coragem e já não media as palavras de ternura que murmurava aos ouvidos de sua vizinha, quando um convidado, retardatario, fez uma entrada solenne dentro do traje de visconde de Barbacena. Maria da Gloria e Fernando, estupefactos, reconheceram logo o dr. Salgado. Que vinha elle fazer no ambiente de artistas moços que se reuniam aquella noite no Casino da Urca? E como teria conseguido um convite?... O pseudo marquez olhava ansiosamente em redor, logo após haver descoberto o que procurava, o seu rosto contrahiu-se dolorosamente e elle foi sentar-se no fim da mesa, onde ainda havia um lugar vazio.

Durante toda a ceia Maria da Gloria, perturbada pelas palavras

(Continua na pag. seguinte)

RETROSPECTIVA

(*Conclusão*)

cheias de exaltação do seu joven vizinho, esquecia quasi o seu velho apaixonado, todo melancolico e encolhido, lá no fim da mesa, onde ninguem fazia caso delle. Mas tudo tem um fim. Chegou outra vez o momento de recomeçar a dança. Os convivas espalharam-se aos pares pelos salões immensos, ao som das valsas de Strauss. Foi o momento que o dr. Salgado achou mais opportuno para se approximar de Maria da Gloria e lhe confessar o amor intenso que havia tantos annos transbordava do seu coração. Esse amor fiel, doloroso, que hoje renascia com maior intensidade revendo-a como outrora, tão fresca e linda como a Maria da Gloria do tempo da mocidade de ambos...

— Porque — balbuciava elle, perdidamente — é bem você a Maria da Gloria que tanto sonhei... A mesma que nunca sahira de minha mente. E agora, milagrosamente reunidos pelo acaso, ouso esperar que não mais me fugirá Não é verdade? Diga, diga que consente em partilhar de minha vida em ser minha mulher... desde que não poude ser minha de outro modo!

Ella o ouvia, profundamente commovida e grata da perseverança de um amor tão fiel..., pensando que bastaria pronunciar uma palavra, uma syllaba somente, para se garantir um destino feliz, calmo, cheio de bem estar e riqueza... E talvez estivesse prestes a dizer-lhe tudo isso, quando o joven Fernando surgiu deante delles com a voz alterada por um fremito de ciume.

— Ah! — Finalmente a descubro! Estava á sua procura para leval-a no meu carro! Estou farto desta *retrospectiva* idiota, desta parada de macacos! Estou impaciente para sahir do *passado* e voltar á hora presente, que é muito mais interessante! Como eram absurdos e grotescos os costumes daquelle tempo!

O dr. Salgado interveio:

— O rapaz acha grotesco! — protestou com doçura. Aquelle tempo tinha, por certo, para os que o conheceram, mais encanto, mais belleza e maior enlevo do que o seu!

E, voltando-se para Maria da Gloria, continuou:

— Não é verdade? Diga a este menino que naquella época os homens valiam tanto, ou mais, do que os de hoje!... Que elles possuiam corações cheios de lealdade, conhecedores da importancia e da nobreza dos mais bellos sentimentos!... A senhora lhe póde dar uma prova irrefutavel.

Ella hesitou um segundo; depois, levada como por uma força mysteriosa e irresistivel, murmurou:

— Mas... eu... não sei...

Salgado olhou-a estupefacto:

— Ah! — Você não póde dar?...

— Não! — repetiu Maria da Gloria, com violencia. Como poderia saber? Eu era tão pequena naquelle tempo... tinha talvez cinco ou seis annos... nem sei...

Fez-se um silencio pesado, que se dissipava a custo.

O dr. Salgado articulou, por fim, com difficuldade:

— Ah!... Eu... E' exacto... Com effeito enganei-me... Peço-lhe desculpar minha distracção...

Foi um desastre! Maria da Gloria teve consciencia de que, renegando o passado, compromettia todo o seu futuro... Quizéra reparar suas imprudentes palavras. Mas era tarde. O dr. Salgado inclinava-se profundamente, dissimulando a sua decepção e o rancor.

Depois, um pouco mais curvo, o andar mais pesado, afastou-se lentamente e desappareceu para sempre, desta vez, da vida de Maria da Gloria...

AMOR IMPETUOSO

(*Conclusão*)

dormir em paz como toda a gente, appareceu á janella de cima, enleado num cobertor:

— Ainda estamos accommodados... O senhor espere um pouco ali na esquina...

Para outro, seria como uma pancada na cabeça; mas para o Fagundes aquillo não foi nada, porque, ás seis horas e dez minutos, Florinda surgia com o classico sorriso que o prendeu, para, classicamente, irem, de braços dados, á primeira missa da freguezia.

Quando o noivado completou um anno de idade, elle pensou em casar. De facto: dois annos depois, estava casado. Dona Melania, parente da familia, serviu de madrinha. Foi um descanço para elles e para nós. Passou-se um anno sem que nos lembrássemos do Fagundes em plena effervescencia amorosa. Um dia, estalou esta novidade por toda a casa: elle era pae!... Os dois, emfim, eram paes!...

E souberam sêl-o com tanto furor, (com aquelle mesmo furor com que se amaram), que, de uma feita, disputando, ambos, a posse da creança para carregal-a, lhe deslocaram um braço, de tal geito, que não houve cirurgião capaz de o concertar...

Foi ahi que elles cahiram das nuvens em que sonhavam, sobre a palpavel realidade terrena.

Fique esta historia como uma lição aos incautos que se amam afoitamente. A vida é exigente, e tem medidas exactas. Ultrapassal-as, é abusar da paciencia da vida, velha e sizuda mestra, que não perdôa aos discipulos que erram.

E eu, francamente, em toda a minha existencia, que não é curta, jamais vi creaturas humanas que se amassem tão afobadamente, tão desordenadamente, como esses dois grandes amorosos do seculo vinte...

Os Perigos da Vida

Como os Rins Ficam Doentes

Doenças do Coração

Comer Muito! Beber Demais!

Quando tiver praticado alguma imprudencia ou extravagancia, comido demais, bebido muito Vinho, muita Cerveja, Licores ou outra qualquer Bebida Alcoolica, para não apanhar alguma indigestão ou outro Desarranjo do Estomago, do Figado, do Baço e intestinos, convém muito tomar á noite, quando fôr dormir, Duas ou Tres Colheres (das de Chá) de **Ventre-Livre** em meio Copo de Agua!

Quem sofre de indigestão, de Perturbações do Estomago e Fermentações Toxicas dos intestinos está muito arriscado a pegar as mais Graves Molestias do Coração, da Cabeça, dos Nervos, do Sangue, do Figado, dos Rins e a terrivel Arterio-Esclerose.

Para não padecer tão dolorosas Doenças, tenha o seu Estomago e intestinos sempre bem limpos e bem tonificados, usando **Ventre-Livre**

Estomago Sujo

A's vezes, sem saber porque, nós nos sentimos de repente muito incomodados e indispostos, com Moleza e grande Abatimento Geral, com Mal Estar em todo o corpo e Preguiça para fazer qualquer Esforço, até Dores e peso no Estomago, na Cabeça e no Ventre, emfim sem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!

Sempre que estas Perturbações aparecem assim de repente, a pessoa deve ter logo certeza de que o seu Estomago e intestinos estão muito Sujos e Cheios de Materias Putridas e Toxicas, e neste mesmo dia comece a usar **Ventre-Livre** meia hora antes do Almoço e do Jantar, para evitar que apareça qualquer Complicação Perigosa e Molestia interna ou Externa!

VENTRE-LIVRE é o Remedio de Confiança para tratar Prisão de Ventre, a inflamação da Mucosa do Estomago, Vontade Exagerada de Beber Agua, Fastio e Falta de Apetite, Gosto Amargo na Boca, Vomitos Causados pela indigestão, Arrotos, Gazes, Dores, Colicas, Fermentações e Peso no Estomago, Dores, Colicas e inflamação intestinal causada pela demorada retenção de Residuos Putridos e Toxicos dentro dos intestinos, Dores, Colicas no Figado e Hemorroidas causadas pela Prisão de Ventre!

Olhe

Ventre-Livre Não é purgante

Os Medicos sabem que os **Purgantes**, principalmente as **Aguas Purgativas**, os **Sáes Purgativos**, os **Pós Purgativos**, os **Xaropes Purgativos**, as **Capsulas Purgativas**, as **Tinturas**, **Pastilhas**, os **Oleos Purgativos**, os **Azeites Purgativos** e as **Pilulas Purgativas**, são todos **violentos irritantes** e, com o tempo, fazem peorar os Doentes, inflamando e causando Grande Mal aos intestinos, Estomago e Figado!

Ventre-Livre é um **Vigorizador Especial** das Camadas Musculares dos intestinos e exerce uma acção muito salutar sobre a Mucosa do Estomago e Funcções do Figado!

Por esta razão **Ventre-Livre** faz sempre Muito bem a todos os Doentes!

Use **Ventre-Livre**, que os resultados serão explendidos e garantidos!

Tem Gosto Muito Bom!

Não Esqueça Nunca:

Ventre-Livre Não é purgante

A VIUVA

— ESTA' tudo em ordem, senhora. Póde se installar. As campainhas e a luz estão bôas. O fogão é que me deu mais trabalho... Imagine: ha tres annos a casa está fechada. O calorifero bem marca 18 gráus.

— Mesmo em cima?

— Sim, senhora, excepto, naturalmente, no quarto do sr. Cartier. Não me responsabilizo, pois não tinha a chave.

Bem, Pantru, muito obrigada... Ah! ia-me esquecendo. Deu corda nos relogios?

— Isso não; pois não os entendo. A ferrugem entrou nos contrapesos do relogio grande, e então...

— Tenho horror desses ponteiros parados ao acaso...

— Mandarei chamar o especialista nesta materia, amanhã de manhã. Não se incommode.

E, cumprimentando com seu bonet basco, Pantru, o factotum do logar, cuja competencia era quasi universal, e servia de machinista, bombeiro, electricista, montou em uma bicycleta e dirigiu-se ao café da estação.

Depois de viuva, a senhora Cartier não puzéra os pés em Chartattes. Deixára quasi precipitadamente a casa, em pleno verão, por uma noite admiravel, cheia de estrellas palpitantes e do cheiro das fructas maduras, em uma ambulancia, que levava seu marido para uma casa de saúde, de onde não devia mais voltar.

As creanças diziam sempre que queriam voltar, sem que ella tivesse coragem de abrir a casa abandonada. Agora, emquanto ellas tomavam posse do jardim, com um barulho de mocidade feliz, ella reatava silenciosamente o fio partido.

Junto ao radio, já fóra de moda, mas que funccionava sempre, sentiu uma emoção enorme, vendo os objectos familiares ao morto. Uma caixa de fumo louro de que elle gostava; uma carteira de cigarros pousada sobre uma carta de negocios interrompida no meio de uma phrase... Um vago aroma de mel e couro da Russia escapava do estojo de metal, pintado de vermelho.

Seria possivel que a faca do cirurgião cortasse para sempre aquella vida tão presente, que parecia despertar ao menor chóque.

Na pressa de se achar só, de se reanimar, Magdalena Cartier chamou as creadas, que brincavam com as creanças, pois era preciso preparar o jantar das creanças, botar a mesa, fazer as camas, dar um rythmo aquelle grande corpo parado ha tres invernos.

Durante uma hora Magdalena trabalhou, apressou tudo, deitou

CAIXA DE

A ASTRONOMIA NOS TEMPOS PASSADOS. — A astronomia foi objecto de um verdadeiro culto durante os reinados de Luiz XIV e Luiz XV.

Os grandes senhores se interessavam muito pelos progressos dessa sciencia, e as damas liam com grande interesse as communicações dos sabios, que tratavam do descobrimento dos novos satélites de Jupiter das manchas do Sol e das distancias das estrellas.

Tem-se uma idéa do interesse de que gozavam os estudos astronomicos em tal época, sabendo-se que em Paris, além do Observatorio Real, do qual era director o grande Cassini, existiam outros observatorios, entre os quaes o de Soubisse, o de Cluny, o do Collegio Real, o da abbadia de Santa Genoveva, o de Soissons, onde Catharina de Medicis ia fazer observações, o do Collegio Mazarino, o da Es-

em suas camas aquelles dois monstros queridos, tomou uma chicara de chá; e poude, afinal, se concentrar, sem receio de ser aborrecida em suas recordações.

Ella se entregou em inteira segurança, que apagava o menor vestigio de angustia. O que retardára sua volta, a mais forte razão, não seria o medo de encontrar uma atmosphera de luto, talvez assombrada pelo phantasma de Jorge?

Mas tudo estava, aquella noite, tão calmo em torno della... Não estava só... Ecos tranquillizadores vinham da cozinha em rumor. E a respiração igual das creanças, já mergulhadas em um somno sem sonhos, não era a melhor das garantias?

No emtanto, faltava qualquer coisa ao ram-ram da casa, nesse momento, tirada do seu torpor. Qualquer coisa indefinida e que Magdalena se esforçava em vão para definir.

De repente, percebeu que era o bater do velho relogio bretão. Gostava do seu som claro, vibrante, batido francamente com uma lentidão camponeza.

Jorge tambem gostava tanto daquelle ente querido, tão caseiro, que esperava pontualmente a passagem do trem das 8 para dar cor-

De Bernard Doumens

da, com um formidavel barulho, nos pesados contra-pesos de duas bolas de páu e bronze.

Não iria elle apparecer naquelle instante, enrolando entre os dedos seu eterno cigarro Virginia, e fazer uma scena meio comica, meio furiosa por causa do assado queimado e a sobremesa nunca bastante doce para o seu gosto? Era um homem! Tinha seu lugar no lar.

Nada subsistia daquella figura vigorosa, daquella vóz sonora de barytono, para sempre desapparecido no fundo da terra?

Magdalena chamava o morto com todo o seu ser. Vêl-a-ia elle, naquelle instante? Sua alma, perdida no ether, não correria do fundo dos espaços desconhecidos, para beijar os filhos adormecidos?

Pouco a pouco, o silencio invadiu a casa que perdêra o seu senhor; e a jovem viuva sentiu-se sem forças para entrar em seu quarto.

De repente, um barulho surdo despertou o campo tomado de lethargia. A' approximação do trem das 8, os moveis e as vigas rangiam terrivelmente, quando o comboio passou sobre a ponte de ferro.

Magdalena acordou sobresaltada, ouvindo o relogio bater oito pancadas, amplas, graves e solennes, como se uma mão invisivel viesse reanimar seu coração de metal.

SURPREZAS

cola Militar, e, por ultimo, o do Castello da Morte.

*

A COZINHA DO DIABO. — Acaba de se produzir um curioso phenomeno na aldeia de Sapactza, na Macedonia. Os camponezes, espantados, viram que, de varias partes do sólo sahiam chammas e fumaças, pelo que resolveram consultar uma adivinha. Esta lhes disse ser aquillo a "Cozinha do Diabo".

O panico foi tão grande, que se falou de uma emmigração em massa, para fugir de tão perigosa vizinhança.

Felizmente, as autoridades locaes, mais scépticas, enviaram áquelle logar, não um adivinho, mas um engenheiro, que, após ligeiro exame, explicou que a famosa "Cozinha do Diabo" era simplesmente uma mina de carvão, tão commum naquellas paragens.

NO REVEILLON

O duplo assassinio do apartamento n. 35

DUAS detonações se fizeram ouvir na casa de apartamentos. Os moradores das immediações do apartamento n.º 35 correram logo para sua porta, a ver o que acontecêra. No méio do aposento jazia ainda arquejando uma mulher de vinte e poucos annos. Vestia camisola de dormir, tendo á altura do peito uma grande mancha de sangue. Junto della, de pyjama, o cadaver de um homem apparentando quarenta annos. De pé, tendo na mão um revolver ainda fumegando, outra mulher, que, com a physionomia desfigurada, fitava as victimas ali estendidas.

Passada a estupefacção dos primeiros momentos, um cavalheiro, entrando no aposento, dirigiu-se á criminosa e, delicadamente, lhe disse:

— Minha senhora as circumstancias me obrigam a detêl-a emquanto não chega a policia.

— Não fugirei. Estejam socegados que me entregarei sem relutancia.

— Póde me indicar o telephone?

— No aposento ao lado.

— Senhores, queiram retirar-se!

Dirigindo-se á porta, afastou os curiosos, fechando-a por dentro. Foi ao aposento vizinho, voltando com dois lençóes, com os quaes cobriu os cadaveres, pois a esse tempo a jovem já havia fallecido.

— Queira sentar-se. Deseja fazer alguma declaração antes da policia chegar, para que me possa orientar como testemunha?

— Vou lhe contar que motivos me levaram a praticar esse crime. Esse homem que ahi está é meu marido. Ella, a minha maior amiga. Ha uns dois annos, mais ou menos, appareceu em nossa casa Maria Célia, que, achando-se na mais completa miseria, me supplicou que lhe désse tecto. Contristada com a sua sorte, e lembrando-me que fôra minha collega de collegio, não tive coragem de lho negar. Quando Alberto chegou á tarde, recriminou-me por têl-a aceito, alegando que iria perturbar nossa paz. Antes tivesse ouvido suas palavras naquelle momento! Offendi-me com a observação de meu marido, chegando mesmo a não lhe falar mais até o dia seguinte. No outro dia, pela manhã, veiu pedir-me muitas desculpas, declarando que dissera aquillo num momento máu pensado, mas que, reflectindo, ficára penalizado com a infeliz. Não havia mal que ficasse. Agradeci quasi de joelhos sua bondade, e assim passou a morar commosco Maria Célia. Nos primeiros dias tratava-a cerimoniosamente, limitando-se a dar bom dia e bôa noite. Mas, passaram-se os tempos, e comecei a notar que Alberto manifestava certa sympathia por Maria Célia. Não estranhei, porque, sendo Maria Célia muito delicada, era natural que fosse assim correspondida por meu marido. Uma vez mesmo, Alberto declarou-me que tinha muita pena de minha amiga, promettendo arranjar-lhe um emprego. Pediu-me que nada lhe dissésse, pois queria fazer uma surpreza. Certa tarde, deu-me a bôa nova de que seu chefe, perguntando-lhe si conhecia alguma moça que quizesse ser sua secretária, indicára Maria Célia. Foi com lagrimas nos olhos e a physionomia exprimindo reconhecimento que minha amiga recebeu dos labios de Alberto a feliz noticia. No dia seguinte, sahiram juntos para o trabalho. E assim aconteceu nos que se seguiram. As relações de simples cortezia dos primeiros tempos se transformaram, com a convivencia, num profundo amôr. Não podendo se casar por já o ser commigo, Alberto começou a manter relações illicitas com Maria Célia, abandonando-me completamente. Ultimamente, montou-lhe este apartamento, onde se entregava ás caricias da amante, emquanto eu, sua mulher legitima, curtia silenciosamente a dôr de ter sido abandonada quando mais necessitava de seu auxilio: nas vesperas de ter meu filho. Vindo a seu apartamento pedir-lhe que o deixasse attendendo ao meu estado, apanhei-os em flagrante. No auge da desesperação, prostei-os no mesmo instante. Agora sou uma assassina! Eis ahi a minha triste historia.

Trez pancadas fortes se fizeram ouvir na porta. Era a policia que chegava.

— Faça remover os cadaveres para o necroterio e interdite o apartamento — disse o commissario a um dos policiaes que o acompanhavam. — Quem é o criminoso?

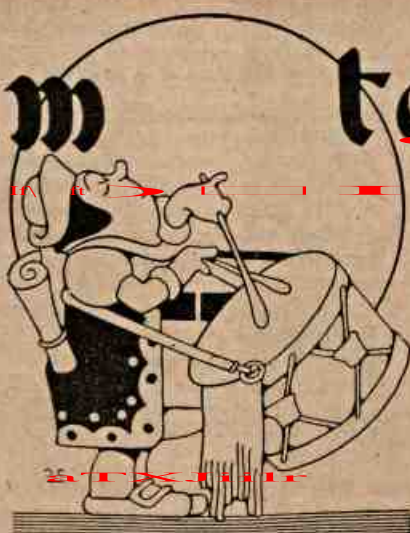
— Esta senhora aqui; e eu sou seu advogado — declarou o cavalheiro.

— Na delegacia prestará declarações. Queiram acompanhar-me.

— Peço que não façam escandalo — disse a criminosa. — Sahirei pelo braço de meu advogado.

E, pelo braço daquelle que, mais tarde, por um feliz capricho do destino, seria seu segundo marido, sahiu para a delegacia a protagonista do duplo assassinio do apartamento n.º 35.

Paulo Valladares

Saibam todos...

NELSON PINTO (Pernambuco) — Grato pelo seu telegramma de boas festas e boas entradas de Anno Novo. Desejo-lhe outro tanto.

STENIO SA' (Pernambuco) — Penhorado agradeço e retribuo o seu despacho telegraphico de boas festas e feliz Anno Novo.

DILKE BARBOSA RODRIGUES (Capital) — Sou muito sensivel aos seus cumprimentos pelo Natal, e formulo iguaes votos pela sua felicidade pessoal.

SARITA (Capital) — Lindo o seu postal, com aquelle motivo lyrico. Infinitamente grato pela delicada lembrança que o acompanhou. Desejo-lhe as mesmas prosperidades e venturas no corrente anno.

LUIZ GONZAGA (E. do Rio de Janeiro) — Eis o texto do seu telegramma: "Feliz Natal favor levar meu nome uma saudade romaria Hermes Fontes. Grato — Luiz Gonzaga". O seu pedido chegou tarde. A passagem do anniversario da morte de Hermes Fontes teve a commemoração que merecia. Publicando o seu telegramma, levo em conta o prazer com que atendi o seu desejo.

SONIA (?) — Agradeço o retribúo a amabilidade do seu cartão de bôas festas.

JURACY (?) — Diz o seu telegramma: "Felicidades decorrer novo anno — Juracy" São esses os votos que faço pela sua sympatica pessôa.

G. ANGORA' (Capital) — Queira acceitar iguaes votos que faço para que seja feliz em 1934.

Creio que não ignora o meu telephone. Em todo, eu o repito aqui: 2-4136. De 10 ás 11 e de 5 horas da tarde ás 6. E' só?

LUCINHA (S. Paulo) — Guardarei com o maior carinho o seu amabilissimo cartão de bôas festas. Desejo tambem que 1934 lhe tenha sido fértil em venturas.

E. E. D. (E. Santo) — Oh! Muito interessante a sua cartinha lilaz. Permitte que a publique na integra?

"Victoria, 31-12-1933. Anno Novo, Yves! Que lhe poderei desejar?

Que você seja feliz? Para que, si não creio na felicidade?

Anno Novo, Yves! O amôr bem grande duma mulher bonita...

Para que você possa ter sempre, um punhado de sonho e de illusões e ao escrever os seus versos comece sempre assim:

Era uma vez um poeta e uma princeza bonita..."

Espero que v. ex. tenha tido umas bôas entradas em 1934. E si v. ex. ainda não arranjou um noivo, — que os anjos o tragam do céu, especialmente para o seu coração sensitivo...

OELEO (Capital) — A sua missiva é dessas que não posso deixar de publicar, com todos os pontos nos ii... Demais, o sr. faz trocadilhos com espirito, o que é raro, nestes tempos de pouca "espiritualidade"... A sua carta, é, por esse motivo, curiosa.

Lá vae ella:

"Rio, 2-1-934 Prezado "Yves": Antes de mais nada é preciso que você saiba que leio o Fon-Fon ha seguramente 5 annos. Naturalmente você já advinhou que eu vou dizer que sou um "assiduo leitor" da sua secção "Saibam todos", na verdade, sempre apreciei os seus commentarios, a sua critica engraçada e mordaz, sempre li com prazer os seus trabalhos; tambem é verdade que ainda não li nenhum livro seu, não posso, por conseguinte, fazer o elogio de praxe... Disse-me, porém, uma amiguinha, que é uma garçonne carioca, que o mais suave enlevo que ella já sentiu na sua vida azul e rosa foi o ter lido os seus livros... Por isso mesmo lel-os-ei em breve... assim que ella m'os emprestar.

Eu nunca tive vontade de lhe escrever, isto é, nunca tive vontade de lhe tomar o tempo fazendo-lhe alguns elogios e pedindo-lhe a publicação de alguns versos. Acho mesmo muito exquisito isto de se andar offerecendo umas amizades que a gente vê logo serem falsas e interesseiras.

Animei-me entretanto a lheescrever depois de ter lido o seu trabalho no ultimo numero do Fon-Fon, o "Encontro". Será possivel, Yves, que você soube do que se passou comigo e "ella"? Será possivel que você presenciou "tudo"? Não, não presenciou. Você imaginou, mas com tanta realidade... Eu cheguei a assustar-me. Só o fim, Yves, só o fim é que você não imaginou tal como se deu...

Ela não me deu o braço... sorriu, mas... preferiu o "outro"...

Desculpe, Yves, o papel, a letra, o sentido. Fiz tudo ás pressas.

Seu velho amigo.

Si você quizer notificar o recebimento desta, peço-lhe usar o pseudonimo. — *Oeleo* — Rio."

Agora, uma pergunta indiscreta: o sr. será do meu sexo ou do outro?... Não m'o negue, amigo... (ou amiga?...) Devo lhe pôr um bigodinho a John Gilbert, ou uma saia de Greta Garbo? E' uma confusão horrivel, essa de não saber a gente, si um homem é mulher, ou si é uma mulher que deseja ser marmanjo...

CECILIO ROCHA (Matto Grosso) — Faço votos para que 1934 lhe seja tambem muito prospero e feliz. Agradeço o seu telegramma attencioso.

MARIA ALBA (Capital) — O seu delicado cartão é muito apreciavel. O motivo, que o illustra, a um dos seus angulos, com aquella litographia festiva, é demasiado expressivo. Uma aldeia pacata entre arvores verdes e alegres. Claridades de sol. Vôos de passaros contentes. Um campo rasgado em flores novas, de primavera coquette. Muito bem.

O texto do seu cartão é tambem muito significativo: "Ao Yves, com os mais ardentes votos de ventura para 1934, vae a infinita admiração da — *Maria Alba*".

Maria Alba! Que nome lindo! A sua graphia me revela uma creatura de alma doce, mansa, ado-

(Continúa na pag. seguinte)

ravel. Será assim, d. Maria Alba?

V. ex. me impressionou, sobremodo. Por tudo: — pelo seu cartão, pelas suas palavras e pela sua letra. Obrigado. O meu vivo desejo é que v. ex. encontre, em 1934, as mesmas felicidades que me deseja...

Mas, olhe lá! — A maior felicidade para mim seria encontrar uma mulher bem mentirosa, e mais fingida ainda...

Todas que encontro se dizem e se julgam sincerissimas... E eu gosto dos contrastes...

E v. ex? Que desejaria? Um homem verdadeiro?

A. N. (Capital) — Upa! Que me diz, caro escriptor? Eu não sabia que este pobre homem apagado, que sou, andava a provocar ciumadas por ahi, com os seus versos mediocres.

A sua missiva me surprehende.

Em todo caso, como representa uma consagração para mim (amen!) ella aqui vae, para moêr os poetas que vão para a *cesta*, e me passam descomposturas tremendas...

Poetas d'agua doce! Lá vae a carta do sr. *A. N.!* arrepiai-vos! Tremei! Rugi! Vociferai! Arregalai os olhos! Bufai! Ameaçai-me com os vossos *directos!* Apavorai-me com o vosso jiú-jitsi! Abri a bocca para me tragar! Fazei como a baleia que engoliu a Jonas! Esperneai! Gritai e blasphemai, ó poetas, de "pés quebrados"!

"Exmo. e Ilmo. Senhor! Com o bom dia que óra lhe desejo venho trazer-lhe mais duas coisas: agradecimentos e parabens.

Agradecimentos pela gentileza de v. ex. fazendo publicar no magnifico FON-FON mais um dos meus contos.

Parabens por ter V. Exa. conseguido realizar o milagre de interessar o leitor brasileiro pela poesia.

Elogio?

Não. Justiça que não lhe négo. Sinceridade.

E, sabe a proposito do que estas palavras?

Por causa da viva anciedade com que, eu o tenho notado, está sendo aguardado o presente bonito que V. Exa. prometeu ao mundo que lê.

"Azul e Rosa" enche mesmo antes de aparecer, todos os cerebros. Todos pensam nelle. Na taça de prazer espiritual que nos proporcionará.

E' uma próva de que V. Exa. conseguiu tocar, com os acórdes maravilhósos de sua harpa apolinea, Orfeu contemporaneo, as pedras de sensibilidade que são os espiritos dos "mastigadores" de Wallace e Sabatini.

Essa é a projeção dos seus versos sobre o grande publico.

Nos circulos de elite, V. Exa. impera. Mormente nos femininos. Entre o belo sexo V. Exa. é, simplesmente, adorado. Tão adorado que já sei de cena de ciume provocadas por versos seus, quando com excessivo ardor elogiados...

E, se alguem o atacar, exmo. sr. Bastos Portela, são esses: os despeitados. Aquelles que se "danam" por o verem fazer vibrar sensibilidades desconhecidas para êles. E, por se sentirem incapazes de fazer o mesmo.

Mas, — as aguias não ouvem o pantano —. V. Exa. ha de continuar a escrever. E a triunfar. E a se fazer amado pela beleza de sua poética. E a ser, como é, um dos nossos maióres poétas.

E' o que, sinceramente, deseja o de V. Exa. Cr. ato. obr. *A. N.*"

Mas, caro poeta, tudo isso será mesmo sincero? Ou será apenas para que eu me encha de vento? A mentira é privilegio das saias. As calças (masculinas) não mentem!

Vamos lá! E' verdade, tudo isso, ou não é?

BAB NOELASCO (Paraná) — Eu hoje estava na maré de sorte: só elogios.

E' curioso notar como se dá o phenomeno da telepathia collectiva. No dia em que o correio me traz uma carta de ataque, posso estar certo de que as outras afinam pelo mesmo diapasão; si é de elogios — acabou-se: ninguem mais, durante aquelle dia, terá coragem de dizer que sou imbecil.

1934 raiou bem, para mim.

Vejamos o que me diz o sr. Bab Noelasco, do Paraná:

"Curityba, 11-10-933. Senhor Yves. Felicidade. Um conto meu para o senhor Yves fazer uma apreciação. E achando-o bom, para publical-o no Fon-Fon, se for possivel, prestar-me esse obsequio. Por duas razões escolhi o escritor e poeta Bastos Portela para meu critico: — a primeira é porque, dono que é, de uma lira que tange com uma sensibilidade quintecenciada, veio mostrar ao Brazil a sua inteligencia fina. Não é por nos ter dado dois livros, cuja essencia, se valorisa contrariamente. Por isso não. Muita gente ha que se exhibe nesse feitio e tem desandado num monte de sendices. E' porque no Suave Enlevo se tem, de facto, um suave enlevo. Quem o leu tem em cada verso, um fragmento de emoção, que se o ajuntando, de pedaço em pedaço, forma um todo: — a alma maravilhosa do livro. Vemos que a forma cáe ahi, acertadamente, na poesia que não se prende á escolas, na rima que são espontaneas. Uma Garçonne Carioca, solta, em cada pagina, a vida. Realismo. São humanos os dialogos. E' o retrato de uma época. E' a observação afiada, de um romancista, com todo o fundo psicológico de quem sabe ver, sabe sentir, e tal qual, sabe revelar com fidelidade.

Lendo esses livros, sente-se a polliformia do espirito do autor; parece que elle, como poucos dos pensadores emeritos, possue duas almas bem diferentes.

A segunda razão é porque no "Saibam Todos" noto, quazi que, uma secção de critica dirigida por Yves.

E' assim, pelas razões espostas, estou certo que meu conto "Uma critica sincera de um escritor vingança pavorosa", sofrerá a critica sincera de um escritor de raro talento.

De ante mão, declaro que, seja qual for, a apreciação, eu não "esperneareí", por isso que, ella me dará a opinião de Bastos Portela. E é isso que eu quero.

Do admirador do escritor e poeta. — *Bab Noelasco*".

Obrigado poeta. O seu conto será publicado. Não pelos elogios que me tece — mas, porque é um trabalho digno de publicidade.

E mil venturas no anno que acaba de entrar.

MARIA HELENA (S. Paulo) — A minha opinião continúa a lhe ser favoravel. Mais do que isso, não é possivel. Cancei. Cancei de trabalhar em proveito alheio, sem a retribuição, ao menos, de um "muito obrigado"... Em se falando então de Evas — Deus te livre...

YVES

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 61
Caixa Postal 97
Telephone: 2-4136

FON-FON — 13 - 1 - 934

Data da consulta...........

Nome do consulente..........

....

Untisal
VIDRO 5$000
CONTENTES
Porque se fricciona-
ram com
Untisal
(a alegria dos pés)
Untisal

NÃO é nada fácil chegar-se á velhice. Segundo affirmações de um conceituado medico, o corpo humano está sujeito a duas mil e quatrocentas enfermidades, contra as quaes o homem luta continuamente. A sciencia está empenhada em encontrar remedio para ellas, e, dia a dia, faz novas conquistas nesse sentido para prolongar a vida da humanidade.

* * *

Para dar suavidade ás mãos é aconselhavel esfregá-las repetidamente com sal fino, depois de lavá-las com agua e sabão. O sal é um suavizador excellente para a pelle.

* * *

Uma pessôa que chega á idade de setenta annos, só trabalhou, na realidade, onze.

Chegou-se a essa conclusão por meio de uma estatistica em que se contou o tempo empregado em dormir, comer, divertir-se, e ainda os dias inconscientes da infancia.

Como se vê, não é tão má a vida, apesar das queixas que a cada instante proferimos.

* * *

Tem-se observado na França, uma notavel diminuição de calvos, nestes ultimos tempos. Opinam os dermatologos que esse phenomeno se deve á vida activa e agitada, principalmente ao ar livre, e ao muito exercicio physico que tiveram os homens durante o grande periodo da Guerra Européa.

* * *

Jonas Hanway foi o inventor do guarda-chuva. Viajando pela China, surprehendeu-se com as sombrinhas que os mandarins usavam para se resguardarem do sol. Foi então que se lembrou de fabricar alguma coisa semelhante para a pessôa se resguardar da chuva. Tirou patente de seu invento, que teve pouco exito entre o publico. Jonas Hanway morreu pobre e esquecido.

* * *

A memoria humana, ás vezes é extraordinaria. Alguns hindús recitam, de côr, os dez mil versos do seu grande poema "O Rig-Veda". Os chinezes e alguns naturaes da Polynesia demonstraram, igualmente, estar dotados de uma memoria sobrenatural.

* * *

O Syndicato de Banqueiros, na Inglaterra, creou um museu especial de cheques. O cheque mais antigo que figura na collecção data de 1875 e o seu valor é de 178 francos. Está assignado por Thomaz Fauler, joalheiro. Occupou tambem logar de destaque dois cheques que a China entregou ao Japão, como indemnização de guerra, no anno de 1895.

Ha, em Madagascar, uma aranha gigante, cuja picada é mortal. O corpo tem uma côr negra, brilhante, com uma mancha rosa no abdomen.

Uma outra especie, existente na mesma ilha, é ainda maior, pois dois pratos sobrepostos a cobrem mal. Ambas constroem suas telas com um fio tão forte, que, para rompê-lo, é necessario bastante força.

* * *

Durante vinte annos, mais de cem mil homens estiveram trabalhando para construir a pyramide de Cheops, que tem mais de cem metros de altura e cobre, nas areias do deserto, uma superficie trez vezes maior que a occupada pela igreja de São Pedro, o maior edificio da igreja catholica.

* * *

Os viajantes da America tropical são, frequentemente, surprehendidos com o tamanho dos sapos que encontram. E' preciso notar que elles não são venenosos. Têm a particularidade de engulir brazas, fazendo o mesmo ruido que se obtem ao atirar agua fria sobre um metal candente.

Notas de ARTE

O ANNO ARTISTICO. — Durante o anno de 1933, assistimos a 171 exhibições de arte, assim discriminadas: 5 RECITAES DE POESIA — 1 de Margarida Lopes de Almeida; 1 da menina Dalila Geraldo; 1 da menina Zoraide Aranha; 2 de alumnas da sra. Nênê Barukel Fortes (senhoritas Fiavita da Silveira e Ruth Dunshee de Abranches; meninas Dalila Geraldo, Zoraide Aranha, Luba Vatinick, Regina Carneiro, Yvette Klein, Marilia S. Paulo, Luz Helena Peyon, Maria Thereza de Almeida Cardoso, Déa Fernandes, Lilia Farina; José Graça); — 72 RECITAES DE MUSICA sendo: 31 de canto — 2 de Vera Janacopulos, 3 de Adelina Korytho, 2 de Bidú Sayão; 1 de Heloysa Mastrangioli; 1 de Rachel Bastos; 1 de Henriqueta Mandim; 1 de Rosetta da Costa Pinto; 1 de Edir Tourinho; 1 de Luiza Lacerda; 1 de Ruth Valladares Corrêa; 1 de Olga Praguer Coelho (canções brasileiras, musicalizadas por Lorenzo Fernandez); 1 de Antonietta de Sousa; 1 de Leticia Figueiredo (canto ao violão); 1 de Armando Soares; 1 de Sofia e Helena Brandão, discipulas de d. Heloysa Mastrangioli; 2 de alumnas da professora Rosetta da Costa Pinto (Susana Mesquita, Esnestina Lobo, Laura e Wanda Oiticica, Yolanda Vaz); 2 de alumnas da prof.ª Marietta Campello Barroso (Magdá de Mesquita Barros, Olga Praguer Coelho, Carmen Bertucci, Anna Maria Ribeiro, Branca dos Santos Lima, Irene Yara Sacramento, Lucia Tanger, Emily Chauviere, Eulalia Krokatt de Sá, Lourdes Antunes Parreiras, Ophelia Rodrigues de Moraes, Carmen Loureiro); 2 de alumnas da prof.ª Maria Isabel de Verney Campello (Maria de Lourdes Sá Earp, Alda Goulart, Clotilde Habcouk, Elisa dos Santos Carvalho, Zininha Telles de Menezes, Heloisa Vasconcellos, Olga Mariano Machado, Olga Rodrigues, Luiza Muñiz Freire, Eneida Silva); 1 de alumnas da prof.ª Léa Azeredo da Silveira (Dulce Barbosa, Olympia Chermont e outras); 2 de alumnas da prof.ª Celeste Jaguaribe da Mattos Faria (Wanda Guimarães, Cecy Alves, Beatriz Bandeira, Helena Vianna, Zézé Machado, Maria d'Alva Carvalho, Carolina Montalvão); 1 de alumnas da prof.ª Heloysa Bloem Mastrangioli; (Anatalina Bastos, Jarda Clapp, Stella Domingues, Beatrix dos Reis Carvalho, Rigmor Flagstad, Edith Faria, Carmen Reis Temporal, Yolanda Couto, Nazareth Leal, Sofia e Helena Brandão, José Almeida Cardoso); 1 de alumnas da prof.ª Riva Pasternak (Ruth Bulhões, Zuleika Calvet, Ruth Magalhães, Therezinha Gama Krauss, Flora Russomano, Gelsa Ribeiro da Costa, Elza Werneck Corrêa de Castro, Esther Figner, Bébê Cavalcanti, Jorge Franklin Sampaio); 1 em homenagem á prof.ª Julieta Gomes de Menezes (Beatriz Bandeira, Anna Maria Ribeiro, Sofia Brandão, Lucilia Frazão, Helena Brandão, Rigmor Flagstad, Lourdes Balthazar da Silveira, Edir Tourinho, Alda Pereira Pinto, Altair Guigon, Hesthia Barroso, Maria Figueiró Bezerra, Marietta Bezerra, Nanita Lutz); — 31 recitaes de piano — 8 de Brailowsky; 7 de Rubinstein; 2 de Noemi Coelho Bittencourt; 2 de Odette de Faria; 1 de Sousa Lima (João); 1 de Tomás Terán; 1 de Dora Bevilaqua e Dulce de Santos; 1 de Nycia Roubeaud; 1 de Anna Carolina; 1 de Anna Gomide; 1 de Ernán Pinto; 1 de Mariazinha Alves; 1 de Sylvinha Marques; 1 de Isa Bevilaqua; 1 de Estellinha Epstein; 1 de Nadile Lacaz de Barros e João Rodrigues Lima; — 3 recitaes de violino — 1 de Leonidas Antuori; 1 de Edgardo Guerra; 1 de Carmen Assis; — 1 recital de violão, de Carlos Collet da Silva, discipulo da escola de Josephina Robledo; — 5 recitaes de violino, viola e violoncello — 4 do *Quartetto Guarneri* (Daniel Karpitowski, Maurice Stronfel, Boris Kroyt, Walter Lutz); 1 do *Quartetto Brasileiro* (Mariuccia Iacovino, Maria Carlota Goulart de Oliveira, Affonso Henri-

(Cont. na pag. seguinte)

que Garcia, Nydia Soledade); 41 CONCERTOS: 5 da Orchestra Villa Lobos (regente — Villa Lobos; solistas — pianista Souza Lima (João), cantores Abigail Parecis e Albert Rappaport); 4 do Orpheon de Professores (regente — Villa Lobos; côro de 300 vozes; orchestra de 100 professores); 5 da Orchestra Symphonica (regentes — Henrique Spedini, Newton de Padua, Lorenzo Fernandes; solistas-cantores: Lygia Gomes Pereira, Emma Freire, Branca dos Santos Lima; pianista Roberto Tavares; violoncellista Ibêrê Gomes Grosso; flautista Pedro Gonçalves; harpista Lea Bach); 6 da Orchestra Philarmonica (regentes Burle Marx, Felix Weingartner, Carmen Studer; solistas — pianistas Tomás Terán e Maria Antonietta Vieira); 1 da Associação Brasileira de Musica (cantora — L. Schmidt Devora; pianista — Ilára Gomes Grosso; violinista — Oscar Borgerth; violoncellista — Ibêrê Gomes Grosso); 2 do Centro de Intercambio Musical Luso Brasileiro (regente — Joanidia Sodré; solistas: cantora — Marietta Campello Barroso; pianista — Yolanda Ferreira); 1 de Giovanni Giannetti e Lycia de Biase (regentes — m.º Giannetti e Lycia de Biase, pianista, compositora Lycia de Biase); 2 de Musica Religiosa (regente Villa Lobos; côro de 300 e 200 vozes, orchestra de 100 e 80 professores; peças: a *Missa Solemne* de Beethoven e a *Missa do Papa Marcello* de Palestrina; 1 de Musica Argentina (cantora Julieta Telles de Menezes; pianista Hector Ruiz Diaz, violinistas Romeu Glupsman e Francisco Corujo, altista Affonso Henrique Garcia, violoncellista Ibêrê Gomes Grosso);

NOTAS DE ARTE

(Continuação)

1 do Canto Coral Barroso Netto (regente Barroso Netto, organista Arnaud Gouvêa, solistas — Vera Vasconcellos Cavalcanti de Albuquerque, Olga Villanova Trindade, Alice Castello Branco de Almeida, Maria da Gloria Lemos, Irene Yara Sacramento, Anna Maria Ribeiro, Carmen Bertucci; 2 do Instituto Nacional de Musica (regentes — Lorenzo Fernandes e Domingos Raymundo, solistas do 1.º — cantora — Yolanda Machado, pianistas — Arnaldo Rabello, Ayres de Andrade e Radamés Gnatalli); 1 de Mario de Azevedo (regente — Romeu Ghipsman, solista — cantora Marieta Campello Barroso; pianista — Mario de Azevedo); 2 da Associação Orchestral do Rio de Janeiro (regentes, Henrique Spedini, Fr. Braga, Villa Lobos, Joanidia Sodré, Chiaffitelli, solista do 1.º — Bidú Sayão; côro — Orpheon de Portugal; bandas: Policia, Bombeiros, Infantaria da Marinha); 1, em favor da Obra de Defesa Social. (Harpista Lea Bach; cantora Cecilia Marques Couto; pianista — Ella Podoroiski); 1 em favor da Obra do Berço (cantora — Heloysa Mastrangioli; pianista — Dulce de Saules; declamadora — Nêmê Barukel); 1 em favor da Missão da Cruz (cantora — Maryvonne Maia; musica instrumental — Quartetto Brasileiro; declamação — Adelmar Tavares); 1 em favor da Pequena Cruzada (côro [illegible] brasileiro, sob a direcção de Luiza Lacerda; regente — Romeu Ghispman; pianista Ch. Lachmund); 1 do Centro Artistico Musical (cantora Luiza Torres Paranhos; violinista Yolanda Peixoto; pianista Yolanda Fereira); 1 da União Artistica Littero-Musical (declamadora Maria Sabina, pianistas Noemia Novarro, Dora Pinto, Cacilda Pinto, cantora Rosetta Costa Pinto); 1 da Academia Brasileira de Musica (cantora L. L., pianista Ruth Araujo, violinistas F. Chiaffitelli e C. de Almeida, violoncellista Vincenzi; 1 em favor dos Retiro dos Jornalistas e da Opera Assistenziale degli Italiani di Rio de Janeiro (regente — A. de Angelis; cantoras — Claudia Muzio, Bidú Sayão, Ebi Stignani, Mafalda Favero, C. Galeffi, V. Damiani, G. Vaghi, Baptista Pereira). — 6 ESPECTACULOS CHOREOGRAPHICOS: 2 de Vera Grabinska e Pierre Michailowsky com suas alumnas (Laura Assis, Déa Barretto, Margarida Sonnerfeld, Mathilde Galano, Alice Jacobson, e dezenas de outras); 2 de ARGENTINA (Antonia Macê); 1 de alumnas da prof.ª Naruna Sutherland em beneficio da Pequena Cruzada (Eunice e Wanda Amaral, Rosita Lacombe, Nilcéa Roma, e outras muitas); 1 da Escola de Dança do Theatro Municipal (Maria Olenewa (directora), Luiza e Maria Carbonnell, Helena Jakowa, Sarita Magalhães, Lygia Fontenelle, Bibi Procopio, Madeleine Rozennelig, etc.) 5 CONFERENCIAS: 3 de Lucie Delarue Mardrus; 1 de Benjamin Lima; 1 de Octavio Bevilaqua; — 10 ESPECTACULOS DRAMATICOS: 6 da Companhia Dramatica Brasileira Jayme Costa (elenco: Italia Fausta, Lygia Sarmento, Olga Navarro, Nathalia Aragão, Arlette de Souza, Lenita de Souza, Maria Helena, Jayme Costa, Armando Rosas, Ferreira Maya, Aurelio Corrêa, Mario Sallaberry, Alvaro de Sousa; peças — *Mona Lisa*, de Renato Vianna; *Dindinha*, de Matheus da Fontoura; *Historia de Carlitos*, de Henrique Pongetti; *A Patrôa*, de Armando Gonzaga; *Loucura sentimental*, de Benjamin Costallat; *O outro amôr*,

NOTAS DE ARTE

* * *

de Leopoldo Fróes); 1 da Companhia Dramatica Franceza Germaine Dermoz (elenco: GERMAINE DERMOZ, Lucienne Parizet, Izabelle Anderson, Suzanne Coulomb, Genevieve Rosemond, Camille Liceney, JEAN MARCHAT, PIERRE MAGNIER, Louis Raymond, Bonifas, Lucien Gadry, Albert Weis, René Delsinne, Paul Domange; peça assistida: *La ligne de coeur*, de Claudio André Puget); 1 do Curso de Declamação Nêné Barukel (*A eterna presença*, de André Dumas, trad. br. de Maria Eugenia Celso, interpretada por Edla Costa Lima, com o concurso de Nêné Barukel); 2 da Festa do Centenario de João Caetano (elenco: Italia Fausta, Amelia de Oliveira, Cora Costa, Justina Laverone, João Barbosa, Attila de Moraes, Aristóteles Penna, Alvaro Costa, Carlos Torres, Chaves Florence, Henrique Machado, Mario Carneiro, Nestorio, Lips, Sylvio Silva, Antonio Sampaio; peças: — *João Caetano*, de Raul Pedrosa; *O amôr e a morte*, de Benjamin Lima); — 23 ESPECTACULOS LYRICOS: 1 com *O. K.*, burleta ou revista de Gilda Abreu (interpretes: Gilda Abreu, Jucyra Lima, Maria Dyla Cruz, Zelia Sousa, Maria Cortez, Lucia Pires, Regina Camara, Nydia Guedes, Dyla Tavares, Beduina Silva, Zacharias do Rego Monteiro, etc.); 2 da Companhia Brasileira de Espectaculos Musicados (elenco: Margarida Max, Marcel Clause, Sylvio Vieira, Affonso Stuart, Chinita Ulman, e outros; peças assistidas: *Kelani* — letra de Oduvaldo Vianna e Affonso Schmidt, musica de Nicolino Milano e Antonio Lago; *Rapsodia Carioca*, letra de Mario Nunes e musica de Léa Azeredo); 5 da Companhia Lyrica Italiana do Theatro Carlos Gomes (elenco: Carmen Gomes, Abigail Pareis, Dolores Frau, Dora Solima, Reis e Silva, Abele de Angeli, Paulo Ansaldi, Lisandro Sergiuti, Alberto Terrone, José Zinzini; regente — Emilio Capizzano; operas assistidas: *Elixir de amôr*, *Traviata*, *Barbeiro de Sevilha*, *Aida* e *Fosca*); 2 das Escolas de Canto do Theatro Municipal (directores: ms. Sylvio Piergili e Salvatore Ruberti; elenco: Nanita Lutz, Nicia de Araujo Jorge, Nazinha, e Herminia Fernandes, Sylvio Vieira, Luciano Cavalcanti, Mario Carneiro, De Marco, A. de Lucchi, Hugo Guido; peças assistidas: *Zanetto* e *Fedora*, *Hymno ao Sol*, da op. "Iris"); 2 da Companhia Lyrica do Theatro João Caetano (elenco: Nanita Lutz, Nicia Araujo Jorge, Sylvio Vieira, Tina Abelardi, João Athos, Renato Moraes, Baptista Pereira, A. Fittipaldi, etc.; peças assistidas: *Fedora* e *Rigoletto*); 11 da Grande Companhia Lyrica do Theatro Municipal (Elenco: Regentes — GINO MARINUZZI, Arthur de Angelis, Luigi Ricci, Santiago Guerra; cantores: sopranos — CLAUDIA MUZIO, GILDA DALLA RIZZA, MAFALDA FAVERO, BIDÚ SAYÃO; meio-sopranos — EBE STIGNANI, *Mercedes Trilla*; tenores — BENIAMINO GIGLI, *Alessandro Ziliani*, *Alessio de Paolis*, *Carlo Merino*, *Luigi Marletta*, Carlo Nardini, Nello Palai; barytonos — CARLO GALEFFI, *Victor Damiani*, *Vittorio Baciato*; baixos — GIACOMO VAGHI, *Duilio Baronti*, *Salvatore Baccaloni*. Orchestra de 100 profs. de que 65 da Orch. do Theatro Municipal; 24 bailarinas; 60 coristas de ambos os sexos; scenarios e guarda roupa do Theatro Real de Roma. Operas cantadas: *Andrea Chénier*, *Mme. Butterfly*, *Manon*, de Massenet, *Barbeiro de Sevilha*, *Traviata*, *Lohengrin*, *Rigoletto*, *Norma*, *Amico Fritz*, *O Guarany*, *Tosca*); — 10 EXPOSIÇÕES DE ARTES PLASTICAS: 1 de Carmen Kuenerz e Antonio Pacheco Ferraz (pintura) — 1 de Antonio Pareiras (pintura) — O 5.º Salão de Artistas Brasileiros (pintura e esculptura) — O Salão de 1933 (pintura, esculptura e architectura) — 1 de Fernando Guerra Duval (photographia pinturialista ou pintura photographista) — 1 de Margarida Mattos (pintura, galeria particular). O Salão Argentino no Rio — 1 de Moema Machado (pintura) — 1 de Oswaldo Teixeira — 1 de Marcel Féguide.

Todo esse movimento artistico registramol-o em 124 *notas de arte*, de que 79 publicadas em 43 numeros do FON-FON e 45 em 27 edições extraordinarias de *O Globo*.

OSCAR D'ALVA

A mãe. — Por que está chorando tanto essa criança?

A ama sêcca. — E' por causa das abotoaduras do papae della.

A mãe. — E, por que não lh'as dá, logo?

A ama. — Eu já dei, e ella as engoliu...

EU E VOCÊ

(Para Adaucto Fernandes)

NAQUELLA tarde de sabbado, o dia parecia muito mais festivo. Era justamente a hora em que as cariocas, soltas, chics, elegantes, bonitas, perfumadas, na sêde infinita da sua liberdade, andam pela cidade toda, encantando o bulicio enorme das ruas.

Em meio dessa multidão alegre e fascinante, eu era, innegavelmente, a unica excepção. Um que de tristeza indefinida mergulhava dentro de minha alma, tão sombria como aquella tarde de sabbado, ameaçando chuva. A côr cinzenta da noite que se aproximava trouxéra, para eu soffrer, toda a historia das minhas recordações. Naquelle dia completáva, precisamente, um anno que alguma coisa de mais intenso que um simples capricho de mulher bonita havia abalado profundo o oceano verde das minhas emoções. Essa idéa, sem que eu a pudesse evitar, ferreteou-me angustiante, dolorosa, marcando com a crueldade de sua força o ambiente da tarde que eu vivi.

Pesarosa, com a alma afogando-se no mar revolto do pensamento que me empungia, áquella tarde, eu tambem sahi... Não sei bem como foi. Recordo-me que, sem destino, á-tôa, cheguei até a casa de Scila, a minha mais intima e gentil amiga. Alli, talvez eu encontrasse um pouco de distracção, qualquer coisa que desanuviasse o meu espirito, fazendo-me alegre como as outras. Ao entrar, encontrei Scila em companhia de uma visita, um homem ainda moço, de apparencia e modos distinctos, a quem fui, desde logo, apresentada. E, como não houvesse conseguido perceber-lhe o nome, ao trocarmos os primeiros cumprimentos, tive-me presa, ao seu lado, toda attenção, voltada inteiramente para elle, que falava, velludoso, arrebatante, sobre as rosas e o amor. A minha curiosidade cresceu, intensa. Agora, certa do valor mental do sol que me surgia, era preciso que eu lhe soubesse o nome. E, a palestra — um simples devaneio parnasiano — recomeçou mais viva, mais cheia de arte, sobre a tortura lyrica das rimas preferidas.

PRECOCIDADE — *O menino.* — Si não me déres os quinhentos reis, irei visitar o Joãosinho, que está com sarampo, e, si contagiar, ha de te sahir mais caro...

Depois, numa quéda de "panne", Scila passou a falar do tempo incerto, da chuva que aborrecia diáriamente, ás mesmas horas, das modas, dos cinemas, da "Broadway" carioca, dos banhos de mar, do nú artistico, dos cabarets, do jogo... O meu illustre desconhecido olhou-me, fixo, penetrante, e riu superiormente, prelibando, naquelle instante, á falta de melhor assumpto, o desnivelamento mental, dominante.

— E' supersticiosa? — perguntou-me, significativo.

— A's vezes...

De Maria Apparecida

— Nesse caso, me advirta sempre quando eu quizer rir.

E, confesso, eu não o entendi. Na parabola da sua ironia terrivel, eu me quedei, pensando no desastre literario de Scila. E, a olhál-a, cheia de compaixão, diminuída deante do mestre que me fitava curioso, estabeleceu-se um curto e doloroso silencio. Não seria mais licito esperar de mim, ou de minha amiga, uma sahida qualquer. Coisa amargurante como essa nunca me fora dado assistir. Mas, súbito, só com um riso franco o nosso conviva espiritual mudou o tom pesado do ambiente. E tudo se modificou. A palestra recomeçou com mais arte, e a literatura, o perfume, o amor, a musica, as flores e as mulheres entraram novamente em scena. Uma vibração humana derramava-se na sala, e o enthusiasmo sadio dominou os nossos corações. N'unca ouvira, em homem nenhum, tanta elegancia artistica, no manejo esmerado dos vocábulos. Um grande mestre. Foi nesse momento que eu comecei a me interessar por elle. Percebi, na grandeza de sua alma, o Oceano Pacifico de suas torturas, e, sem saber como, desde logo, senti que elle não me era indifferente. Artista e poeta, sonhador e romancista!... Era a primeira vez que me encontrava, frente a frente, com o escriptor da minha predilecção. E, atônita, numa especie de embriaguez divina, a ouvir-lhe a meiguice encantadora da voz, a elegancia requintada da mimica, amei-o espiritualmente, num arrebatamento sagrado, em que eu senti haver derramado, á chamma de seu olhar, o áleo santo das minhas confissões... E nunca mais o vi. Ainda hoje, como lembrança do nosso encontro em casa de Scila, eu fico a reviver, no milagre da memória, o fúlgor da sua intelligencia... Ah! está a historia do meu poema que ninguem contou... Eu continuo a querêl-o espiritualmente... E você?... Ah! eu nem sei se você ainda se lembra de mim. Onde é que eu estava, quando, áquella tarde, fui á casa de Scila?! D'ahi para cá, o que foi que fiz do castello doirado de meus sonhos? E você, onde é que anda, que não me vê?

As borboletas são como os colibris: — preferem a liberdade ampla dos espaços ao mel doirado das abelhas. E, como fica longe o pomar do meu rosal! Um dia, — faz tanto tempo! — o colibri do meu sonho cangou de se torturar, e eu soltei-o. Não me ficava bem que o visse soffrer. Tive pena delle e desmanchei-lhe a gaióla de rendas. O coração é como as aves. Carece de espaço de bosque de sombra de ninho... Você sabe onde é que adêja o colibri do meu amor? Ah! se a borboleta pudesse acompanhar-lhe o vôo!... Mas eu me esqueci que não era ave. Você já sabe qual é o sol que me deslumbra?... Qual é o ninho que você procura?... Dentro dos roseiraes tudo está florindo... Ha um rumor divino de preces. E' o hymno dos beijos que anda cantando a musica de oiro de meu sonho...

— De hoje em deante não fumarei mais. E' um caso resolvido.

— Homem, sabes que é necessário uma força de vontade enorme para isso?

— Ora, a minha mulher, além da força de vontade, tem a força physica...

A Arte é a melhor historia — a historia do espirito.

Não nos descreve os factos — talha no marmore ou debucha na tela, perpetúa na poesia ou eterniza na musica a propria alma de cada época de cada povo, de cada homem.

A historia da Arte é a historia da propria intelligencia humana.

O espirito grego está mais numa estatua de Phydias do que numa pagina de Herodoto.

O cinzel de um Polycleto ou de um Miron, fazendo do corpo humano o seu modelo, representantando a força vigorosa e sã, imprimindo na pedra bruta as imagens incomparaveis de uma intelligencia fecunda, resalta todos os traços caracteristicos de sua civilização luminosa.

As trovas dos cancioneiros medievaes são a melhor expressão do espirito aventureiro de seu tempo.

Numa pagina de Dante ou de Petrarcha, num verso de Boccacio, gravou-se a reacção da intelligencia humana, encarcerada nos dogmas e superstições, até a explosão gigante da Renascença.

A musica russa, a poesia hindú, tudo o que é Arte, é a representação exacta da propria alma e da propria cultura de um povo em cada momento de sua vida. Sciencia, religião, historia, philosophia, natureza, tudo ahi se reune para um mesmo fim: Symbolizar!...

A Arte é um reflexo da alma, em todos os infinitos complexos que a formam.

O panorama artistico de nosso seculo, por exemplo, qual é?

A Arte livre, revoltada, rompendo todas as tradicções da Belleza, arrebentando todos os moldes classicos, abusando, ás vezes, dessa liberdade, como Marinetti no gozo extremo do recalcado instincto humano — destruir!...

E no emtanto, quanta belleza nas linhas puras da estatuaria classica! Quanta harmonia dôce nos versos delicados de uma poesia lyrica!

Todas as escolas são bellas porque não ha Arte sem belleza.

Amo os versos de Pindaro ou Junqueiro, Castro Alves ou Dante, Goethe ou Antonio Torres, porque amo o bello; contemplo as linhas de Cezane ou Raphael, porque contemplo a belleza; admiro a musica de Bach ou Strawsky, porque admiro a Arte!

Impossivel, porém, é conter o avanço da Arte livre e nova, a Arte rebelde e dynamica, porque esta é a Arte do século.

A verdade está, quasi sempre, no termo medio dos dois extremos e a avalanche renovadora, depois de ostentar os louros da conquista, terá que buscar na média um termo de equilibrio.

Por emquanto, porém, contentem-se os classicos com a fatalidade do destino: nascer, desenvolver-se, morrer...

A Arte de hoje é a Arte rebelde, concisa, dynamica, agitada, tal como tem fatalmente que ser o symbolo de uma phase de agitação, de transformações radicaes, de pragmatismo, de velocidade.

Os romanticos, os lyricos, os parnasianos, de hoje, são artistas fóra de seu tempo, ultimos rebentos de uma casta de esthétas que a propria evolução matou.

Todo o problema da vida é adaptar-se. Quem rima metaphysica onde só se pensa no positivo, quem canta sonhos quando tudo é acção, quem evoca sentimentalismo piegas num vulcão social, está fadado a ver suas lamurias ou seus cantos morrerem no proprio coração de poéta triste...

O senhor. — Bem, queridinha; agora, dize-me: de quem és filha?

A menina (que é filha de um casal divorciado). — Deixe-me vêr: este mez sou filha de meu pae...

NACIONALISMO

Expirou o tempo da Fórma. Hoje se busca mais o Fundo.

As phrases "flores de rethorica", encarceradas na metrica severa dos parnasianos, as phrases de estylo e que têm apenas acustica, phrases que não resistem a menor analyse que não a grammatical, porque não têm Fundo, mas, apenas, Fórma, porque nada exprimem a não ser soluços de amôr de algum poéta apaixonado são belleza que teve seu tempo. Serviram para embalar as virgens pudicas que sonhavam com principes encantados... E essas já se foram...

Passaram, deixando embora saudades...

A literatura de hoje é a literatura social, a literatura philosophica.

Ninguem mais pensa nas novellas de amôr... O cinematographo matou o commercio desse genero de livros. E o campo ficou aberto para a literatura scientifica.

A poesia de hoje é a poesia livre, ousada, forte. O lyrismo morreu. Arcades, parnasianos, classicos exhalam o ultimo suspiro.

A pintura de panoramas invertidos os traços de Cezane, a musica louca de Strawsky, tudo é revolução, destruição, esboroamento das tradições e dos moldes antigos.

Tambem nós, nós o povo que não lê e que não tem sua Arte, nós o povo de cuja vida literaria disse Medeiros e Albuquerque ser um "capitulo da franceza", nós começamos afinal a querer crear a nossa propria Arte e deixar de ser os eternos imitadores...

Triste do povo incapaz de crear!

Por que seguirmos o classicismos luzitano? Por que copiarmos a literatura hugoana? Por que "pensarmos em francez", como tristemente Nabuco confessava fazer? Por que esse abuso do europomorphismo?

Nossa Arte deve ser creada por nós e universalizada por nós.

A Arte brasileira expressão de nossa alma livre, de nosso espirito novo, prenhe de imaginação, extuante, quente, como nosso sol, bella como nossa paizagem tropical!

"A remodelação esthetica do Brasil — escreveu Graça Aranha — iniciada na musica de Villas-Lobos, na esculptura de Brechet, na pintura de Di Cavalcanti, Annita Malfati, Vicente do Rego, Sina Aita, e na joven e ousada poesia, será a libertação da Arte dos perigos que a ameaçam do inopportuno arcadismo, do academismo e do provincialismo".

ARTISTICO

Poderá, talvez, parecer estranho que eu ostente o titulo longo: "Da Academia de Letras da Faculdade de Direito", e venha em seguida combater o academismo. Não é, entretanto. E não o é simplesmente porque nossa Academia é um cenaculo de moços que, reunindo-se, tiveram antes o intuito de melhor acompanhar, com carinhosa attenção e dedicado estudo, todo este periodo de destruição e edificação que ameaça matar tudo o que é.

Em nosso seio ha logar para todos os moços que queiram o estudo e o trabalho, porque somente o trabalho e o estudo podem dar á patria e á humanidade a geração de espirito forte e culto de que ellas precisam.

Mais depressa acompanharemos — e, pessoalmente, incentivo, com a parcella infima, se não de minha collaboração, que de nada valeria, pelo menos de minha adhesão, que augmenta o numero — mais depressa acompanharemos, dizia eu, as hostis renovadoras da Arte do que iremos collocar no seu caminho o grão de areia de nosso combate.

Pois, em verdade, por que sermos conservadores de uma Arte que não é nossa? Nosso passado artistico pertence mais a Portugal ou á França do que ao Brasil. Nossos literatos têm-se perdido em exercicios de pura rethorica, de virtuosismo, de lyrismo piegas, quando não imitam os moldes europêus. Não podemos ser arcades, não devemos ser classicos.

Não temos passado artistico e mal se nos esboça o presente.

Façamos a nossa Arte bem nossa, reflexo de nossa alma, alma de nossa raça. Sejamos originaes, modernos. Trabalhemos pelo nacionalismo artistico, por uma Arte bem brasileira, que "fixe todo o nosso tumulto de povo em gestação", como queria Alencar.

Escrevamos uma poesia nova, livre, ousada, no marmore do parnasianismo; ergamos um pedestal a Graça Aranha no tumulo do classicismo lusitanizado; tracemos um perfil a Alencar sobre os estylos camoneanos; e festejemos o alvorecer de nossa Arte, bem brasileira, que deverá crescer, crescer, universalizar-se..., e nunca attingir a perfeição. Porque a perfeição é o começo do declinio...

RENATO CASTELLO BRANCO

(Da Academia de Letras da Faculdade de Direito)

O empregado. — Ahi está um senhor que deseja visitál-o, seu Ramiro. Diz elle que quer informações acerca de seus êxitos financeiros.

O director de uma sociedade um tanto duvidosa. — E sabe si elle vem da parte de algum jornal, ou da... policia?...

Os vestidos de "sport", sujeitos constantemente ao effeito dos raios solares, devem ser feitos de fazendas de côres firmes e resistentes. O desbotamento tira a elegancia e a belleza da mais bella e elegante toilette.

UZE OS TECIDOS TINTOS COM CORANTES

I N D A N T H R E N

cujas côres resistem ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens.

ANNO XXVIII

FON-FON

NUMERO 2

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 13 de Janeiro de 1934

VIDA NOVA

O espectaculo do mundo actual só apavora as almas invadidas pelo pessimismo doentio, os inúteis ou inutilizados para qualquer acção.

Ao contrario, para os fortes, o panorama offerece perspectivas admiraveis de um sadio optimismo na direcção de horizontes banhados de luz.

Ouve-se o grito de marcha e temos de caminhar para a frente. No processo de renovação de todas as coisas, ha de se operar tambem o milagre da adaptação da indole dos povos para o abraço fraternal de que a Humanidade carece.

Sonho? ... Não. E' a realidade, que se aproxima com a igualdade, a socialização, a queda de todas as realezas para a implantação de um direito tangivel, o direito á Vida.

Uma nova fé social que a nivelação economica impõe e que não mais é possivel obscurecer com panacéas desmoralizadas. Tudo sahirá renovado das mãos dos Homens, até mesmo o Amor rachitico embalado no berço do romantismo, especie de degenerescencia dos sentidos. Diluido o circulo de ferro das religiões, o homem, emancipado de todos preconceitos, saberá amar com elegancia mental, com fortaleza de nervos, appollineamente.

E, como consequencia das attitudes novas, uma raça mais forte surgirá, povoando os campos, atulhando o littoral, cumprindo a missão sagrada de ser útil em todos os sectores da actividade humana, sem falhar, sem vacillações, não sabendo rastejar, mas tendo a noção perfeita do heroismo dos vôos amplos. Por isso, quando os covardes hoje se atemoriam a decadencia do mundo moderno, os fortes sorriem.

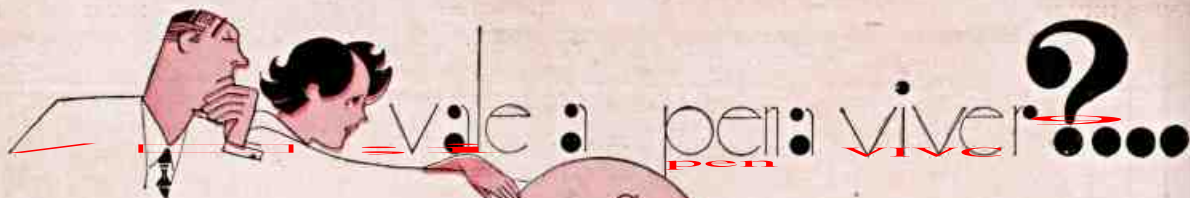
Quando os fracos se esgueiram, os que não o são levantam o olhar para o alto e offerecem a muralha do peito ás iras dos deuses.

A ordem é de marcha: marchemos, pois...

Tenho que o movimento renovador do mundo actual obedece a um imperativo, impossivel de ser desviado da rota determinada. E nisto reside a sua grande belleza.

MARIO POPPE

Vale a pena viver?...

A nova "enquête" de FON-FON

Os systemas philosophicos que, depois do israelita Spinosa, se foram desenvolvendo e espalhando no mundo occidental até o seculo XIX tiveram todos um fundo materialista, mesmo quando se apregoavam idealistas, e apresentaram sempre os mais accentuados caracteristicos analyticos. Elles analysaram o universo, o nosso planeta, o homem e a physionomia interior do homem. Nessa critica continuada, tudo foram despindo, descobrindo, descarnando até que deixaram o individuo inteiramente isolado e enfraquecido no ambiente da vida.

Projectando-se nas manifestações da literatura, sobretudo na poesia, essas philosophias geraram o scepticismo o pessimismo, o saudozismo o penumbrismo e outras formas de tristeza e de decadencia. Assistimos ao espectaculo das carpideiras literarias. Todas achavam que era tempo de morrer, que só o passado fôra grande, fôra bello, que nada mais funesto do que o nascimento. Depois seguiram-se os cultores do que se chama ironia e que não passou de desdem da vida.

A Grande Guerra encerrou em sangue esse periodo de desfibramento. E, se nella houve heróes e martyres, é que se não haviam perdido de todo, nas camadas do povo, as virtudes ancestraes. Ella abriu a tiros de canhão uma era nova, e este seculo, para as gerações que despontam, é um seculo de luta, mas de optimismo de fé na victoria.

Procedendo a um inquerito entre as mais altas figuras da vida social e cultural brasileira sobre se vale a pena viver, nós esperamos que as respostas dêem bem a medida do sentimento actual a esse respeito.

São Paulo, 12 Junho 1933.

Illustre Sr. Redactor de FON-FON.

Saudações.

Recebi aqui a vossa carta de 1.º de Maio p. p. na qual me pede para responder a seguinte pergunta:

«Vale a pena viver?»

Sim, quando se tem um ideal artistico.

Antonio Parreiras

Paris, 26 de Julho 1933.

Meu querido amigo.

Vale a pena viver? Haverá pergunta de mais difficil resposta!? Vou vêr se posso responder. Vou começar a pensar...

L. Dantas

SE VALE A PENA VIVER

A vida, para a maioria de todos nós, se passa entre contrariedades, infortúnios maiores ou menores e desilusões, que nos entristecem e por vezes nos angustiam. Isto sucede em todas as categorias e em todas as fases da existencia. Nem o jovem que desponta na vida pública, nem o velho encanecido no trabalho, nem o mancebo que almeja a felicidade de um lar doce e tranquilo ou o bem-estar das posições sociais, nem o homem que já atingiu a meta do seu destino, — nenhum dêles escapa a essa contingencia. Em uma palavra, a dôr é a companheira da nossa vida.

Ha, entretanto, mercê de Deus, compensações, que aliviam e consolam.

Os afetos de um lar abençoado; a ventura dos filhos do nosso amor ou a dos netos queridos; a estima dos bons amigos; a consideração dos melhores patricios; a realização de alguns dos nossos ideais; a propria conciencia de havermos cumprido sempre o dever, e de nunca termos faltado com a nossa atividade para o bom exercicio dos cargos e das obrigações assumidas; — tudo isso alenta por sua vez, e se contrapõe á mágoa, suavizando-a, e dando quiçá um bálsamo ás feridas do coração ou aos contratempos da vida.

Destarte a existencia humana é um mixto de sombras e luz, da mesma forma que a Natureza nos dá noite e dia; se aquela, porém, nos oferece por vezes sobresaltos e sonhos perturbadores, este, com seu esplendor, avigora as almas e suscita o nosso agradecimento a Deus.

O mimoso trêvo, que ao escurecer contraiu as tenues folhinhas, ao romper da aurora as expande e assim restaura a sua beleza.

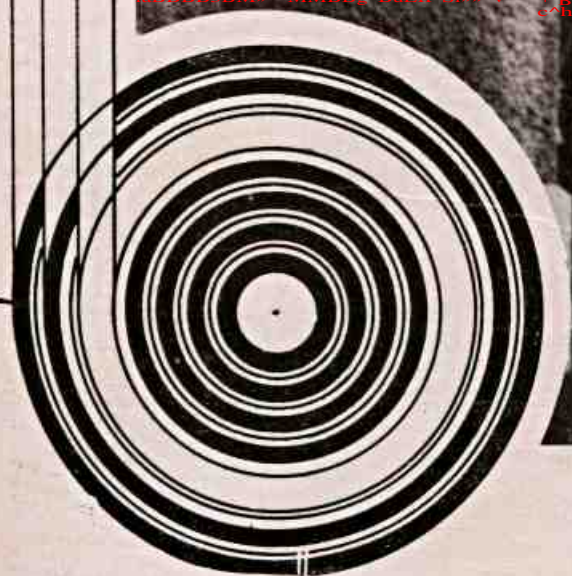
E' assim a nossa alma: temos horas, dias, ou anos de desfalecimento, mas nem por isso devemos desejar a morte.

O confôrto supera a dôr e, portanto, é licito concluir:

VALE A PENA VIVER!

3 - 6 - 933.

Ramiz Galvão

Na proxima edição publicaremos a resposta do romancista Xavier Marques, membro da Academia Brasileira de Letras.

A Mulher Chic

Robe marrocain blanc.
Jaquette tricot rouge.

(Photos especiaes para FON - FON)

Creações JEAN PATOU

Alto-Falante

O dr. Antonio Barros de Almeida formou-se em medicina pela Faculdade da Universidade do Rio de Janeiro, onde fez brilhante curso, terminado em 1933. Foi interno do dr. Samuel Pereira e da Assistencia Municipal, tendo-se especializado em pediatria no Hospital Arthur Bernardes.

OSORIO DUTRA E OS SEUS POEMAS DE "INQUIETAÇÃO"

OSORIO DUTRA é uma das organizações artisticas mais completas e mais interessantes da actual geração de escriptores brasileiros. O expressionismo lyrico de sua poesia, espontanea, rica de colorido e de rythmos, tem a virtude dos sortilegios que fascinam e que encantam.

Bizarro e exotico, ás vezes, buscando na nostalgia das immensas distancias motivos e emoções estranhas que sua alma fixou em longas peregrinações por outras terras, o poeta de "Castellos de Marfim" e "Céo Tropical" é sempre inconfundivel na movimentação lyrica de seus poemas.

Nenhuma, porém, de suas obras fixa melhor sua verdadeira physionomia espiritual e artistica que a recentemente publicada sob o titulo feliz, simples e encantador, de "Inquietação".

"Inquietação"... Revôo de azas inquietas sob o céo azul e illuminado de sol:

Sol luminoso e forte,
Sol dos que soffrem pelo mundo,
Sol do verão azul da minha terra,
Entra pela janella do meu quarto
E vem bater, em cheio,
E sem cuidado,
Sobre a mesa em que escrevo estes [versos de fogo!

ou palpitação de azas arfantes e cansadas que buscam, dentro da angustia crepuscular, o agazalho quiéto dos ninhos, — os poemas de "Inquietação" reflectem e traduzem fielmente a alma nostalgica e sonhadora de Osorio Dutra.

O victorioso poeta Paulo Gustavo acaba de lançar a terceira edição do seu poema «Por amor ao meu amor». Quando outro merito não tivesse esse lyrico de alma gentil, que goza de tantas sympathias em nossos meios literarios e mundanos, bastava esse registro — um livro em terceira edição — para se ter uma idéa do seu triumpho em nossas letras. «Por amor ao meu amor», com a doçura dos seus accentos e dos seus queixumes, é bem um livro feito para as mãos femininas.

Quanto mais vivo menos me co- [nheço...
Desejo sempre o que não posso [conquistar:
O paiz que está longe:
A mulher que não vi, mas de que [ouço fallar:
A ventura suprema e inattingivel;
A belleza integral que não tenha [um defeito,
O reino augusto da Illusão!

....

O meu destino tinha de ser esse:
Viajar continuamente,
Chegar, para partir logo em se- [guida,
Carregando nos hombros, noite e [dia,
O mal da Inquietação!

Cantar, sempre cantar, morrer cantando... eis o supremo desejo do poeta:

Eu vivo como quem recita um [poema,
Dando aos versos que diz justa [emoção,
E assim transformo em rutilo dia- [dema
As velhas maguas do meu coração.

O homem que, por desanimo, blas- [phema,
Não merece o consolo do perdão.

(Conclue na pag. seguinte)

O sr. Raul Pedroza, cujo nome goza de grande prestigio nos circulos artisticos do Rio de Janeiro, é uma brilhante intelligencia e uma sensibilidade fidalga de estheta. Agora, esse pintor de traço original e impressionante acaba de se apresentar escriptor com a obra theatral intitulada «João Caetano», levada á scena no João Caetano, no recente espectaculo commemorativo do primeiro centenario do theatro brasileiro, realizado a 2 de dezembro ultimo, sob os auspicios do interventor dr. Pedro Ernesto e sob o patrocinio da Associação dos Artistas Brasileiros. Trata-se de uma peça finissima, escripta em verso, com observação dos costumes e dos typos da época em que viveu o grande tragico que lhe dá o nome.

Os novos engenheiros-architectos da Escola Nacional de Bellas Artes realizaram, na segunda-feira passada, a sua festa de formatura, que constou de missa votiva, celebrada na igreja de São Bento, da cerimonia da collação de gráo, na séde daquelle estabelecimento, e de um elegante baile, offerecido pelos jovens diplomados, nos salões da Escola, á sociedade carioca. O nosso «cliché» focaliza um aspecto desta ultima festa.

ALTO FALANTE

(Conclusão)

Ah! que eu sinta, na supplica suprema,
A mesma decidida exaltação!

Na doce paz da minha vida obscura,
Glorifico o milagre do manná
E envelheço cantando com doçura.

E ainda appello, num sonho de rajah,
Para todas as formas de ventura
Que a vida nos promette, mas não dá.

MAX LINDER

SABEDORIA

A morte põe fim á rebeldia dos sentidos, á violencia das paixões, aos desvios do pensamento e ao servilismo que a carne nos impõe.

* * *

Quantos personagens celebres já cahiram no esquecimento!

MARCO AURELIO

Os bacharéis da turma de 1923 da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro reuniram-se sabbado ultimo, no restaurante do Automovel Club do Brasil, para commemorar, com um festivo almoço, sob a presidencia do professor Castro Rebello, o decimo anniversario da sua formatura.

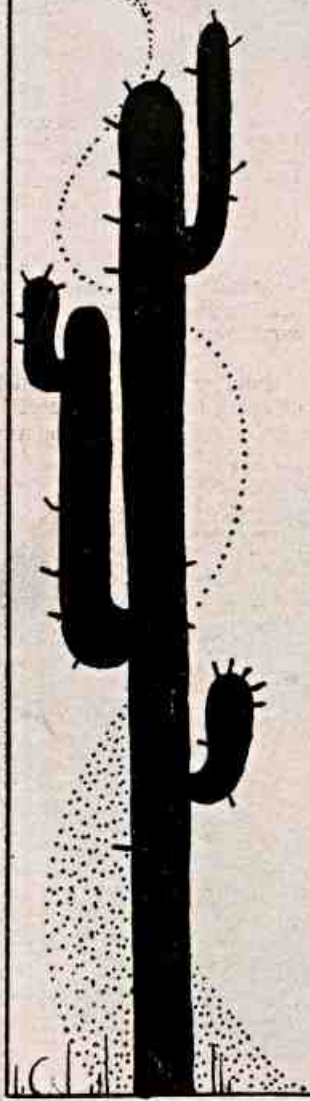
Sobre os Cardos

Pequenino, meu pequenino,
não te debruces sobre os cardos.
Vês, eu bem sei, acima dos louros cabellos,
uma porção de gabirobas louras.
Para alcançál-as
e sugar-lhes a doçura,
teas que te apoiar nos cardos duros
que estão circumdando
a arvore esguia,
cujos fructos de ouro,
saborosos e mignons,
atiçam, meu menino, a tua gula,
nesta hora dourada do meio-dia.

Pequenino, meu pequenino,
não te debruces sobre os cardos.
Elles são maus, têm espinhos,
e irão ferir-te os membros tenrinhos
e machucar teu peitinho branco.

Pequenino, meu pequenino,
não te debruces sobre os cardos.
Assim selvagens e bellos,
amparando teu fardo gentil,
lembram esses amigos da gente grande,
em quem a gente não cança de confiar,
em suas almas descançando,
inteiramente, a alma.
Mas que, no emtanto, nos ferem
com os espinhos terriveis da sua traição,
fazendo distilar a flux
o sangue sentido das nossas lagrimas
e para sempre afugentando.
a primavera do nosso coração.

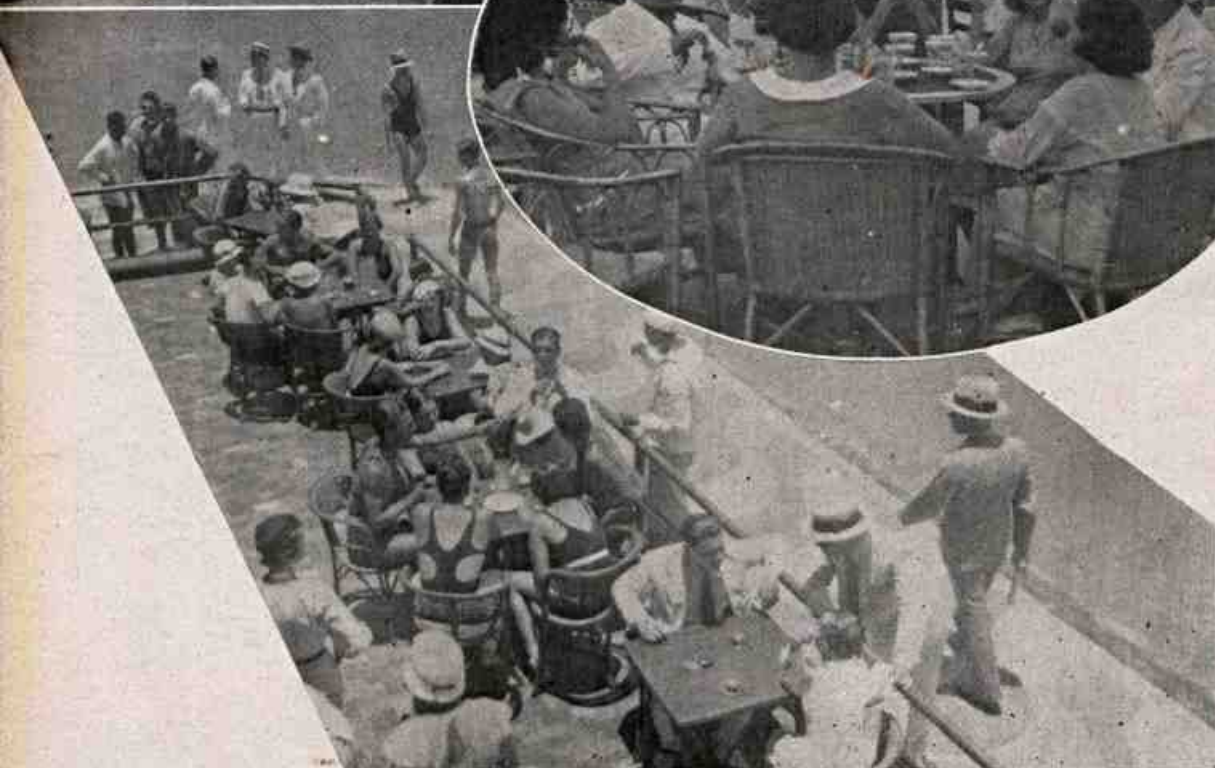
Pequenino, meu pequenino,
não te debruces sobre os cardos.
Com os seus espinhos traiçoeiros,
far-te-ão chorar.
Lembram esses amigos da gente grande
em quem a gente não cança de confiar
mas que, no emtanto, sem dó,
nossa pobre alma confiante
vêm um dia atraiçoar.

Maura de Sena Pereira Lamotte

O illustre politico e diplomata colombiano dr. Alfonso Lopez, presidente da delegação de seu paiz á VII Conferencia Pan-Americana, recentemente reunida em Montevidéo, e que, no principio desta semana, transitou pelo Rio de Janeiro, de regresso á Colombia, recebeu, aqui, varias homenagens, entre as quaes, o banquete offerecido a s. ex., segunda-feira ultima, no Copacabana Palace Hotel, pelo ministro da Colombia nesta capital e a sra. Uribe Echeverri. Tomaram parte neste ágape altas figuras do corpo diplomatico, autoridades brasileiras e outras pessôas gradas.

Afim de apresentar aos nossos chronistas mundanos o programma do seu grande baile de Carnaval, a se realizar no proximo dia 27, sabbado, no João Caetano, a Associação dos Artistas Brasileiros os convidou para um «cock-tail», sabbado á tarde, na «terrasse» daquelle theatro da praça Tiradentes. Foi uma reunião de fina cordialidade e elegancia, pois á mesma compareceram, tambem, algumas figuras de destaque do nosso mundo feminino, e cujos nomes se acham devidamente registados na «Feira de Vaidades» de FON-FON. Este «cliché» apresenta um grupo tirado no João Caetano, antes de ser servido o «cock-tail», pretexto amavel para uma hora de commentarios sobre o grande baile de Carnaval da Associação dos Artistas Brasileiros.

VERÃO EM COPACABANA

Nossa pagina fixa aspectos de Copacabana, em frente ao Lido, onde se vae realizar, no proximo dia 28, o primeiro concurso de «maillot», promovido por FON-FON e pelo Lido, sob os auspicios da Associação Brasileira de Imprensa. A «season», em pleno fulgor social, terá, dagora por deante, copiosa reportagem em FON-FON, como consagração da praia aristocratica de Copacabana.

Feira de Vaidades

CONCURSO DE MAILLOT

DOMINGO, 28 de janeiro, no Lido.

* * *

Realizar-se-á no dia 28 de janeiro corrente e não mais a 21, o annunciado concurso de Maillot, promovido por FON-FON *e pelo Lido, sob o patrocinio da Associação Brasileira de Imprensa.*

* * *

Acceitam-se inscripções até a vespera do concurso, só se admittindo concurrentes femininos. As inscripções poderão ser feitas por meio de cartas, dirigidas á redacção do FON-FON, *ao Lido, em Copacabana, ou á S. A. Viagens Internacionaes, á Avenida Rio Branco, n. 21, loja.*

* * *

Já estão reservados custosos premios para as concurrentes, que forem classificadas nos 5 primeiros logares, destacando-se os da S. A. Viagens Internacionaes, Casa René, especialista em roupas de banho, á Avenida Rio Branco, 161, Perfumaria Moderna, á rua da Assembléa, 78, Casa Hermann, á rua Gonçalves Dias, 50, Laboratorio Leite de Rosas, á rua Ypiranga, 51, etc.

* * *

O Jury compor-se-á de nomes em evidencia literaria, artistica e social do nosso meio, sob a presidencia de Herbert Moses, devendo funccionar no interior do Lido.

* * *

Seguir-se-á ao julgamento do concurso um almoço dançante no Lido.

APPERITIVO E CHA' DANÇANTE, NO LIDO

O domingo maravilhoso dava a Copacabana ares de uma praia inverosimil. Scenario de mil e uma noites. Sonho realizado de Sherazade. Um desafio á imaginação dos poetas.

* * *

O apperitivo e chá dançantes, no Lido, mobilizaram todos os elegantes da cidade. Uma apotheose á *season.*

Em frente ao bonito restaurante, que lembra um trecho da Côte d'Azur, algumas dezenas de finos elementos da nossa sociedade. Nas *terrasses* outras muitas figurinhas de expressiva doçura carioca no sorriso, que é um premio ao nosso enlevo contemplativo.

E a orchestra tecendo uma urdidura de sons, uma teia sentimental, a que se deixam prender todos os espiritos romanticos.

VARIAÇÕES

HA uma secreta affinidade entre nós dois. Qualquer coisa intima e recondita confunde substancialmente os nossos sêres. Parece que somos duas arvores, nascidas longe uma da outra, mas de raizes entrelaçadas. Não raro, as flores que engrinaldam as frondes — as nossas emoções, — ignoram o segredo das raizes occultas.

* * *

Os grandes destinos estão assim unidos por laços invisiveis. Para toda gente, são sensiveis as differenças. Para elles, porém, que revelam a si mesmos as suas poderosas affinidades, nas menores coisas as almas se assemelham. E acabam confundindo-se...

* * *

No sub-solo da nossa união, aprofundam-se raizes seculares. Deve vir de longe a attracção dos nossos sêres.

Achámo-nos como duas forças, que se completam. Como duas notas afinadas num mesmo som. Como dois perfumes fluidificando num só perfume.

Milagre das naturezas affins.

* * *

Assim como da combinação de duas côres surge uma terceira, da harmonia das nossas almas nasceu o nosso amor: effeito substancial de nós mesmos. A somma dos nossos sêres. A somma dos nossos defeitos e das nossas qualidades.

LUCIANO

CARNAVAL

VEM ahi a festa maxima do Rio. Já se ouvem os annuncios do carro de Momo. Todas as actividades já contam com o seu desfallecimento no triduo allucinante.

E a cidade prepara-se para o Carnaval, como na casa grande dos engenhos se antecipam as providencias para a recepção de formatura do primogenito da familia.

Um mez antes o reboliço é enorme. Lava-se a louça antiga; envernizam-se os moveis; espalham-se ao sol as peças do vestuario. Vae pela casa toda uma inferneira de trabalho. Dez, vinte braços espanam, revolvem tudo. E, na atmosphera da fazenda, parece que se respira um ar de alegria contagiosa, avassalante.

O Rio já começou a expôr ao sol as suas intimidades domesticas. E toda cidade mobiliza-se para o Carnaval, transferindo, adiando os seus compromissos para depois.

Todos os annos é assim. O Rio transfigura-se. Um fremito de loucura electriza-o. E o povo triste desafoga todas as suas magoas numa desabalada alegria, sem peias nem convencionalismos.

O Carnaval está para a cidade, como um dia de chuva, na secca, para o sertão.

E a estiada daqui parece que durou vinte annos...

LUCIANO

* * *

O senhor embaixador argentino passeia o seu olhar, com irresistivel sympathia portenha, sobre o scenario caracteristicamente tropical.

O embaixador Cárcano já é um dos nossos melhores amigos.

A reunião é selecta e animada. O senhor e senhora commandante J. Lucena chegam um pouco atrazados. Não ha mais um logar cá fóra. Registro a presença da senhorita Lia Brigitto e do senhor e senhora Mario Chagas Doria.

* * *

Ainda vi, entre outros, o embaixador e embaixatriz Cavalcanti de Lacerda, senhor e senhora Philips, senhor e senhora Plinio Uchôa, interventor Armando Salles de Oliveira, dr. Gustavo Capanema, senhoritas Goya, Vera e Lilisa Tigre de Oliveira, senhorita Izaura Liberal, senhorita Barros Moreira, senhor e senhora Corsorio, senhor e senhora Walter Sarmanho, senhor e senhora Gomes de Mattos, senhor e senhora Marcos Inglez de Souza, senhor, senhora e senhoritas Dolabella Portella, senhor e senhora Oyama Rios, senhor e senhora Oswaldo Teixeira, senhor e senhora Sergio de Vasconcellos, senhor e senhora Gustavo Rheingantz, senhor e senhora Oswaldo Ferraz, senhor e senhora Edson Menezes, senhoritas Carolina e M. Luiza Palmeira, senhoritas José Rangel, dr. Oliveira Castro, senhorita Maria Luiza Teixeira, dr. Alberto Rheingantz, etc., etc.

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS BRASILEIROS

SABBADO, 6 de janeiro. Dia de Reis. Estava annunciado para as 17 e meia horas no Theatro João Caetano, um *cocktail*, que a Associação dos Artistas Brasileiros offereceria aos jornalistas, para apresentação do programma de um grande baile carnavalesco.

O convite era seductor. A Associação dos Artistas Brasileiros tornava por si só esse convite irresistivel.

A presença de muitos jornalistas e de selectos valores das artes e das letras prestigiou ainda mais a brilhante reunião.

Foi uma hora de refugio na tarde escaldante de sabbado.

* * *

O grupo feminino estava insignemente representado pelas illustres artistas: Sarah Villela de Figueiredo, Olga Mary Pedrosa e Maria Francellina Falcão, pintoras; Carlota Nascimento, esculptora; Léa Bach, musicista; Anna Amelia Carneiro de Mendonça, poetisa, e pela senhora Marques Couto.

Lourival Fontes e Herbert Moses, mais os senhores Celso Kelly, Guerra Duval, Luiz Paulino, Raul Pedrosa, alem de varios jornalistas, animaram as palestras com bom humor e reverentes salamaleques ao proximo visitante, o Rei Momo.

O *cocktail* foi em honra de Sua Majestade.

* * *

Afinal, o programma revelado aos presentes pelos directores da Associação dos Artistas Brasileiros informa que o baile será mesmo no dia 27 do corrente, no Theatro João Caetano. Baile de requinte, que excederá todas as festas anteriores, realizadas pela prestigiosa entidade que tomou, ainda agora, a iniciativa desta.

Aliás, basta um pequeno esforço de memoria. O baile dos artistas, no Theatro Phenix, ha tres annos passados, immortalizou os seus promotores. Não é preciso dizer mais: Celso Kelly está, como daquella vez, á frente da iniciativa!

NOITE CARNAVALESCA NO AUTOMOVEL CLUB

OS preparativos da noite carnavalesca, que se vae realizar nos luxuosos salões do Automovel Club, deixam desde já perceber que se trata de uma festa verdadeiramente delirante.

A segunda-feira de Carnaval não sentirá, este anno, a falta do baile official da Prefeitura.

Têm, aliás, esse proposito firmado os organizadores da grande noite carnavalesca. Escolhidos os tradicionaes salões da aristocracia carioca, que são os do Automovel Club, para essa festa sensacional, já se trabalha alli na decoração capríchosa do soberbo interior.

A realização desse baile feerico e incomparavel, segundo todas as affirmativas do Centro de Iniciativas do Carnaval, que o projectou, deixará uma impressão unica no espirito das altas rodas mundanas do Rio.

A decoração interna do Automovel Club está confiada a artistas insignes e o numero de surprezas da noite será tão grande, que ninguem jamais olvidará a noite desse Carnaval.

RECEPÇÕES

APESAR do verão, no Rio, constituir já hoje uma *season*, de que Copacabana é o centro de maior animação, ainda ha quem deixe a cidade e se lembre de subir a Petropolis.... Aliás, a linda cidade serrana tem todos os attractivos de uma estancia de grande altitude, cheia de parques poeticos e de avenidas romanticas.

* * *

Foi pelo motivo de sua subida para a cidade das hortensias, que a senhorita Maria Martins offereceu ás suas relações uma brilhante recepção, tendo o palacete do casal Lisbôa Serra, em Botafogo, acolhido festivamente, entre outras, as seguintes figuras da sociedade carioca: senhoritas Sylvia Cunha, Simone Ley, Mariucha Paranaguá, Dagman Leuzinger, Beatriz Portella, Lydia Cardoso de Oliveira, Aluiza Jordão, Nair Quintella, Vera Costa, Sara e Marina Ascoli, Flora e Martha Anysio de Sá, Martha, Maria e Marina Botelho, Clotilde e Vera Oliveira Castro, Helena e Emilio Soares Brandão, Nair e Marina Sampaio, Celina, Helena e Sylvia Vianna.

RONDA DO ENTARDECER

AS primicias do Carnaval animaram os mais bellos sorrisos de satisfação do sabbado ultimo, na Avenida.

Physionomias alegres, conversas bem humoradas. E uma ronda infatigavel de gentilissimas senhoritas, distribuindo cumprimentos, combinando passeios para a noite, a primeira batalha de *confetti* deste Carnaval.

Fiel ás tradições, o calor compareceu. Sabbado quente, quentissimo. Mas, gostoso, como só o sabe ser um legitimo sabbado carioca, em vesperas do Carnaval...

* * *

O entardecer illuminou-se das figurinhas mais bonitas, que tem o Rio. Que pena não as conheça o chronista a todas pelos nomes!... Só de vista, ainda que frequentemente.

Comtudo, posso mencionar as senhoritas Celia, Zina e Flora Joviano, que acabam de regressar de Caxambú: as senhoritas Lourdes Nelson Machado, Maria Amelia Thompson Motta, Maria Helena Roxo, Laura Figueiredo de Mello, Jenny Espinola, Eunice Mascarenhas, Gloria Vieira da Cunha, Lucinda de Sá, Helena Fialho, Nhanhan Rocha, Maria Helena Thedim Barreto, Nadeje Alencar, Santinha Castello Branco, Loelia Moreira, Ruth Santiago, Magdalena da Gama Oliveira, Maria Helena Nelson Pinto, Dinorah Coutinho, Lou Moreira Santos, Elza Pacheco, Cleo e Jacy Bacellar, Elisa Pinto Machado, etc.

* * *

Numa roda, que o acaso fechou, bem em frente á Colombo, quatro endiabradas pequenas levavam em brincadeira o donjuanismo de um *chauffeur* amador, que pára alli todas as tardes. Ouvi, apenas, que uma das garotas affirmou, peremptoriamente:

— Elle só vale pelo automovel. Com o automovel sou capaz de supportal-o...

E era mesmo!

* * *

A rua Gonçalves Dias estava quasi intransitavel. De vez em quando, uma onda de perfume de Guerlin trazia á lembrança coisas do passado, ou avivava impressões do presente.

E a gente se deixava ir na onda, como diria aquelle *chauffeur* amador, que ainda está procurando vaga nos dominios de Cupido.

* * *

As senhoras Zulmira Lobo Moreira Fialho e Celina Py deviam vir da Lallet. Passaram mais as senhoritas Heloisa Helena Gama, Lucilia Noronha, Maria Pernambuco, Lásinha Luiz Carlos, Léa Baroukel, etc. etc.

A's sete horas, o dia ainda claro, já a cidade sentia os primeiros enthusiasmos da batalha na Avenida.

Mais tarde, a nossa principal arteria do centro urbano era uma noite meirim de Carvanal.

E, dagora por deante, nada se fará senão subordinando-se tudo ao triduo maravilhoso.

BILHETE POSTAL

MINHA amiga: Dou-lhe a minha solidariedade na tristeza, que a domina. Você tem razão de ficar assim desconsolada. Quem não ficaria, no seu caso? Calcule o desapontamento de alguem que fôsse, pela mão de outro, caminho do futuro, em busca de alguma coisa, que a gente, á falta de outro nome, chama de felicidade. De repente, esse companheiro infiel o deixa em plena estrada desconhecida, sem um aviso, ou uma desculpa. Que mereceria o ingrato?

Esse é o seu caso. Apenas, minha amiga, elle não vê que você tem bastante força para matar a lembrança do guia infiel e que, em você mesma, tão cheia de saúde e de belleza, se encontram mil attractivos para não correr o risco de ficar só na estrada...

Essa peregrinação é cheia de prazeres. Ha no curso da longa caminhada muito pouso delicioso, muita sombra adorarei. Basta um rancho na matta, um céo estrellado, um fructo, que mate a sêde.

Mas, é preciso, minha amiga, antes de tudo, que o companheiro seja integral.

Raciocine, pois, na sua tristeza. Pense, por exemplo, que maior seria a sua decepção mais tarde, quando você, confiante e bôa, começasse a dividir com o ingrato a sua alma. Quando você se procurasse e se achasse nelle. Quando você deixasse de ser menos você do que elle mesmo...

Pelo menos agora, ainda você se sente com força para reflectir sobre a substancia de que é feita a alma de certos homens!

LUCIANO

A MULHER CHIC

A elegancia feminina tem a supremacia dos detalhes. O chapéo é, na arte de vestir da mulher, o detalhe mais expressivo. Esta pagina salienta alguns primorosos modelos, que definem todo o encanto da moda parisiense, em plena vigencia do mais completo e original bom gosto.

A alma das mulheres

A bolsa feminina é o espelho da alma da mulher. Não são os olhos, conforme se pensava dantes. Os olhos variam a cada passo.

Uma dama, que só vê através do "lorgnon", não póde retratar a alma no brilho das retinas. Aquella que é estrábica não nos poderá mostrar a sua alma, senão de modo differente do que ella é na realidade. A alma se nos apresentaria deformada, torta, vêsga, — tal como a expressão fiel do seu olhar.

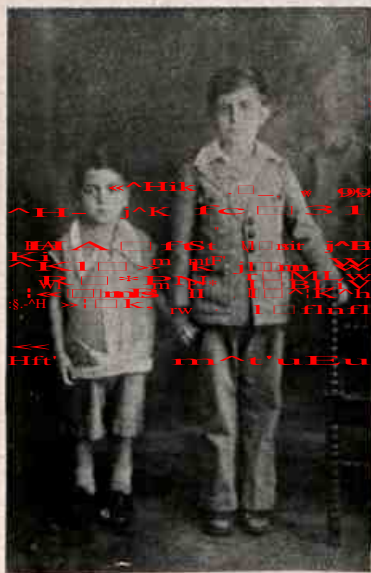
Não, meus senhores!

Quem quizer conhecer a vida intima, os sentimentos, os desejos, as paixões de uma saia, basta lhe devassar a bolsa, e vêr o que ha dentro della.

E' no seu interior que melhor se reflécte a alma feminina.

* * *

A bem dizer, a psiché de uma Eva é pura convenção. Não existe alma feminina.

Esta é como o eletron, os cinco raios de uma estrella, o eixo imaginario da Terra, e outras abstracções interessantes, creadas unicamente para explicarem coisas absurdas.

Rogério e Rubens Monteiro, dois filhinhos do casal Annibal da Fonseca Monteiro, numa photographia tirada quando ainda vivia sua querida e saudosa mamãe, a senhora Drusiana Luciana Monteiro, recentemente fallecida.

Deise é o nome da primeira netinha do illustre parlamentar e republico dr. Adolpho Bergamini, filhinha do casal Porotita Bergamini Lopes-tenente Moacyr Lopes, da alta sociedade carioca. Deise é um encanto de menina, com uma graça e uma seducção, que enchem de felicidade os seus desvelados e extremosos paes.

Em todo caso, o complexo ideo-affectivo de uma mulher — para falar na linguagem de Freud — póde ser muito bem explicado pelo que ella traz no lado interno da sua bolsa de couro...

* * *

Vejamos.

Aqui está um desses objectos uteis e elegantes. Relacionemos o que ha dentro delle: um lenço de renda, já um pouco tinto de baton. Um vidro de perfume da moda. Uma lista de livros de bons autores. Um *carnet* com o seu programma do dia: visitas, recepções, chás, etc.

Essa é, certamente, uma dama chic. Lê Pitigrilli, despreza os conselhos bôbos de Marden; discute a psychanálise e manifesta acentuadas tendencias para o feminismo.

* * *

Outra bolsa.

Que vejo eu? O infallivel lenço de cambraia (ou de sêda?). Duas ou trez photographias (typo eleitoral) de jogadores de *foot-ball*. Programmas de cinema. Cartões de cavalheiros, mais ou menos conhecidos no mundo das finanças trazendo numeros de telephones de escriptorios, bancos e emprezas estrangeiras...

E' uma dessas pequenas frivolas, mas que não sabem fazer outra coisa senão achar dinheiro na rua. Têm sorte!

Senhores! Muito cuidado com ellas! Estão certas de que — "Ce qui femme veut..."

* * *

Eis aqui outra bolsa. Examinemol-a.

A primeira coisa que encontro é um bilhete de amor, redigido em cassange, numa letra de gymnasial. Recórtes de gravuras de artistas cinematographicos. A historia de um pacto de morte, cortada dos jornaes, e cujo titulo é o seguinte: "Quando não se póde ser feliz no amor..."

A dona dessa prenda, senhores, (podeis jurar, sem medo de errar) — é uma sentimental. E' uma creatura romantica.

E' facil nas lagrimas. Voluvel nas idéas. Fraca na vontade. Mas, por isso mesmo, é muito mulher para se matar com o namorado, na Pedra da Moreninha, na Ilha de Paquetá.

Sonha com um *bungalow*, uma baratinha e vestidos de Patou. Espera, pacientemente, casar com um tenente aviador ou então um doutor em qualquer coisa...

Yves

As meninas Eurydice e Aracy Martins Magalhães, filhinhas do sr. Francisco Magalhães e de d. Mathilde Martins Magalhães, que acabam de fazer, com grande alegria de seus paes, a sua primeira communhão.

EDIFICAÇÕES ESCOLARES

O interventor do Districto Federal, dr. Pedro Ernesto, de accôrdo com o dr. Anisio Teixeira, escolheu o domingo passado para o lançamento da pedra fundamental dos dez primeiros predios escolares do plano organizado pelo director-geral do Departamento de Educação da Prefeitura para a construcção de trinta edificios destinados ás nossas escolas publicas. As solennidades encheram todo o dia, partindo a comitiva de autoridades e convidados da avenida Henrique Valladares, ás 7 ½ da manhã, e rumando directamente para o Leme, onde foi lançada a primeira pedra do predio escolar que será construido na praça 20 de Setembro. Dali, os drs. Pedro Ernesto e Anisio Teixeira, acompanhados pelos jornalistas e outras pessôas que faziam parte da comitiva, se dirigiram aos locaes onde deviam ser lançadas outras pedras, procedendo, em cada um delles, á mesma cerimonia realizada no Leme. No Meyer, foi servido o almoço aos convidados, para, em seguida, continuarem as solennidades pela tarde toda, até o acto final, que se realizou na praça Belmonte, em Olaria. Focalizamos nesta pagina alguns expressivos flagrantes de tão gratas cerimonias.

Sorrindo...

FORÇA DE HÁBITO

CONHECI no Ceará um padre que havia sido juiz durante muitos annos e que, um dia, dominado pela vocação religiosa, resolvêra abandonar a vida de magistrado e entrar para o seminario, onde se ordenára.

Sahido do instituto de ensino ecclesiástico, o antigo juiz foi escalado, pelo arcebispo, para servir numa longinqua parochia do interior, para onde logo seguiu, afim de iniciar a sua nova carreira. E, lá chegado, um dos primeirso actos do novo sacerdote foi a celebração de um casamento já marcado e que estava dependendo, apenas, do padre esperado. A noiva não era conhecida do reverendo. Tratava-se, porém, de uma joven namoradeira, muito requestada pelos moços do logar e até mesmo com fama um pouco duvidosa.

A cerimonia realizou-se no dia da chegada do sacerdote. No momento "psychologico" das perguntas do ritual, o novo padre, dirigindo-se á noiva, articulou:

— E' de seu gosto, senhorita, receber o seu noivo como esposo?

E ella, pressurosa:

— Sim.

— E o senhor — proseguiu o sacerdote, virando-se para o rapaz — que tem a dizer em sua defesa?

A força de hábito puzéra na bôcca do antigo juiz uma phrase que cahiu no recinto do templo como uma granada de espanto. A noiva teve um chilique. E os convidados abandonaram precipitadamente a igreja, ali deixando sozinho, com o sacristão, o padre que fôra juiz, e que ainda não esquecêra de todo o estylo verbal dos interrogatorios criminaes...

M. C.

* * *

ENTREI, com um amigo, numa livraria. O empregado attendia a uma senhora, que pretendia adquirir um livro para moças. Perguntava a dama:

— Garante, então, o senhor, que este livro é absolutamente moral?

E o vendedor, convencido:

— Garanto, minha senhora. Qualquer moça póde lêl-o com os olhos fechados...

* * *

SAHINDO da livraria, fui a uma pharmacia. Ali, encontrei outra senhora, que não queria livro para moças, mas, talvez, algum remedio desconhecido, não inventado ainda. O pharmaceutico esfalfava-se, num dia de calor, procurando ser gentil com a exigente freguezа. E mostrava-lhe, por assim dizer, toda a pharmacia. A dama não comprava nada. E já o pharmaceutico se sentia exhausto e com os nervos rebentando, quando a fregueza apontou para um vidro em cujo rotulo estava escripto: "Exterminador de peste".

— Como se usa aquelle remédio? — perguntou.

E o pharmaceutico, para se ver livre da fregueza:

— A senhora póde tomar uma colher de meia em meia hora...

* * *

FAZENDO a propaganda do seguro de vida, um agente assim falou a um cavalheiro a quem procurava convencer de que devia entrar para o numero dos segurados de sua companhia:

— Eu, por exemplo, ando sempre com uma apólice de 100:000$000 no bolso, pagavel, em caso de morte, a minha esposa.

— E que desculpa dá o senhor a ella para viver? — perguntou, ironicamente, o outro.

* * *

O matuto ouviu, pacientemente, a conversa longa, detalhada, eloquente, do caixeiro-viajante. Quando o homem fez uma pequena pausa, para cuspir, o matuto exclamou, com riso de philosopho:

— Eu aposto, seu moço, como o senhor já tomou injecção com agulha de victrola...

* * *

— VAMOS ver a exposição de naturezas mortas que foi, hontem, inaugurada na Escola de Bellas Artes?

— Não, porque me impressionam muito os quadros fúnebres.

* * *

DE *Jules Renard*: "Aquelle homem tinha, apenas, dois amigos e um inimigo: a conta certa para um duello."

* * *

NA escola:

O alumno. — Como se escréve ovo, professor: com h ou sem h?

O professor. — Conforme quem o põe. A gallinha, por exemplo, o põe sem h.

* * *

UM coronel que tinha um olho de vidro entregou o mesmo ao seu ordenança, á hora de deitar-se, na campanha:

— Toma, João. Guarda este olho na gaveta da cómmoda.

O ordenança, porém, ficou firme, sem se afastar. E o coronel perguntou:

— Que esperas mais?

— O outro olho, seu coronel.

* * *

CONVERSA de dois actores de segunda classe:

— O bobalhão do Maneco está convencido de que é o primeiro actor do Brasil.

— Pois elle está se tornando muito modesto, porque dizia ser o primeiro actor do mundo...

* * *

UM amigo encontra outro a quem, ha muito, não via. E falou-lhe assim:

— Como estás differente! Vê-se logo que já és um homem casado! Não tens um buraco nas meias!

— E' verdade. Uma das primeiras coisas que minha mulher me ensinou foi serzir meias...

* * *

PAUL BOURGET entrou no salão de uma casa onde se realizava viva reunião para a qual havia sido convidado o illustre autor de "L'eau profonde". A dona da casa [illegible]va-se ao piano executando de[illegible]isvelmente um trecho de opera, e, vendo chegar o escriptor, interrompeu a execução e approximou-se de Bourget, para recebel-o, dizendo-lhe, então:

— Permitte-me que continue, mestre? Já sei que aprecia muito a bôa musica.

— Muito, muitissimo — respondeu-lhe o novellista francez. — Mas, não importa, minha senhora. Tranquillize-se... Póde continuar... P[illegible] de continuar...

Ronda do Sentimento
INGENUIDADE
Lucio da Mora

As grandes iniciativas da administração municipal

Vêem-se nesta pagina: nos medalhões, os drs. Pedro Ernesto e Anisio Teixeira; no centro, um aspecto da exposição de «maquettes» realizada no gabinete do interventor do Districto Federal; em baixo, um flagrante da inauguração da estação de radio do Instituto de Pesquizas Educacionaes do Departamento de Educação Municipal.

O espirito renovador e progressista que anima e inspira a actual administração municipal vem-se affirmando e concretizando magnificamente numa serie de obras de vulto que, só por si, recommendam aos melhores applausos e ás sympathias da população carioca, o nome do illustre interventor do Districto Federal. O dr. Pedro Ernesto vem, de facto, realizando uma administração fecunda em beneficios para a capital da Republica, buscando, dentro dos proprios recursos da Prefeitura, dar solução a problemas da mais alta relevancia qual o relativo á construcção de predios escolares, ha tanto reclamado, e, agora, em franca execução. A obra renovadora e constructiva de Anisio Teixeira, á frente do Departamento da Educação Municipal, estava a exigir, para sua maior projecção e efficiencia, a providencia que vae, agora, alicerçal-a no cimento armado do primeiro bloco dos 30 edificios escolares, a sevem construidos e cujas pedras fundamentaes foram lançadas, festivamente, no ultimo domingo. Este gvande e valioso serviço só por si marcaria, em alto relevo, a obra que vem realizando o dr. Anisio Teixeira, no departamento do ensino municipal, se muitos outros meritos e virtudes, já lhe não tivessem recommendado o nome á estima publica.

Registamos aqui, com prazer, outra providencia tomada pelo joven e illustre director geral do Depavtamento da Educação Municipal, visando uma alta finalidade pedagogica: a vecente inauguvação da estação de vadio do Instituto de Pesquizas Educacionaes, iniciativa de indiscutivel alcance e que muito vivá contvibuir para a mais ampla propaganda e diffusão do ensino.

Esta pagina focaliza varios dos typos de predios escolares adoptados pelo Departamento de Educação da Prefeitura do Districto Federal, após cuidadosos e prolongados estudos visando, de par com os [illegible] pedagogicos, a construcção mais economica possivel. O dr. Anisio Teixeira, amparado pelo patriotismo do interventor dr. Pedro Ernesto, desenvolveu as suas «démarches» no sentido de coordenar os interesses da Prefeitura com as exigencias do ensino. Dahi a feliz solução do problema que vinha, de ha muito, preoccupando o illustre director geral do Departamento de Educação, e que, repetimos, vinculará o nome do dr. Anisio Teixeira a uma epoca de renovação educacional que assignala, sem duvida, um dos maiores e mais intensos movimentos em prol do ensino na capital do paiz.

Trepações

Os moradores do arranha-céo tiveram uma noite de Natal bastante movimentada e divertida, com o elegante surúrú alli desenrolado.

Foi um golpe de azar, que transtornou a vida do sympathico rapaz residente num dos apartamentos do arranha-céo, fazendo divulgar uma historia que corria em segredo absoluto, sem a mais leve suspeita de quem quer que seja.

Mas, o diabo arma das suas, quando menos se espera... Foi o que aconteceu, tão sómente devido aos zelos estremados do porteiro, em bem cumprir com as suas obrigações. O mensageiro chegou com uma linda caixa de *bonbons* para *madame* do apartamento tal, da parte do rapaz, que habita em outro. O porteiro recebeu das mãos do mensageiro o pacóte, e, raciocinando como bom servidor que é, entendeu que havia engano... Não podia o pacóte ser enviado á moradora do andar indicado! Certamente, o mensageiro se equivocára, pois o morador, cujo nome bem conhecia, tinha esposa, e aquillo devia ser para ella...

Si assim pensou, melhor agiu, levando a caixa de *bonbons* para a esposa do sympathico rapaz. O resto é facil adivinhar. Quando o moço chegou em casa, ficou atonito deante do interrogatorio da esposa, perdeu o geito e estourou o escandalo!

O porteiro quasi apanhou, porem, como não teve propriamente culpa da *burrada*, ficou firme no posto, achando que até havia prestado um excellente serviço, zelando pela moralidade do arranha céo. Coisas que acontecem...

A senhora Julieta Telles de Menezes, festejada cantora, tantas vezes applaudida nesta capital, e sua gentil filha, a joven pianista senhorita Yêda Telles de Menezes, acabam de regressar da sua excursão artística pelos paizes do continente sul-americano, onde se apresentaram com o maior successo, conquistando novos triumphos para a sua carreira. Na Argentina, ou no Uruguay, no Chile ou no Perú, as duas brilhantes artistas brasileiras realizaram concertos de êxito surprehendente, e que constituíram verdadeiros acontecimentos de arte. Foi, realmente, uma «tournée» victoriosa, e de grandes vantagens para o nosso paiz, essa da senhora Julieta Telles de Menezes, que o «cliché» apresenta ao lado da senhorita Yêda.

NA noite festiva da passagem do anno, a mesa do *reveillon* do hotel, em torno da qual se reuniram os casaes amigos, chamava attenção pela alegria dos convivas. Parecia que alli todos batiam certo, que não havia senão felicidade e harmonia de vistas. Sobretudo muita fidelidade conjugal...

Entretanto, quando a dança ia no auge do enthusiasmo, um dos cavalheiros da mesa, que tinhamos na conta de marido exemplar, *derrapou* para os salões do Casino, onde o jogo tambem corria animado. Mas, o nosso heróe não cultiva o *sport* do jogo. Detesta mesmo a roleta. Por isso, era estranhavel que tivesse abandonado os amigos para inspeccionar o Casino. Emfim, a nossa curiosidade foi satisfeita quando o surprehendemos num dialogo quente, com certa dama estrangeira. Parecia tratar-se de uma pequena scena de ciume, pois a formosa dama exigia satisfações e o illustre cavalheiro desmanchava-se em desculpas, pretendendo, naturalmente, justificar que naquella noite estava preso, ao lado da esposa, como de praxe na passagem do anno, entre os casaes felizes...

Si *madame* tivesse o mau gosto de procurar o marido, que permaneceu no Casino um bom pedaço da noite, estava estragado o *reveillon*. Mas, o cavalheiro teve sorte, porque *madame* não arredou pé da mesa onde estava acompanhada de pessôas amigas, perdendo excellente opportunidade para fazer o marido esquecer a estrangeira que actualmente lhe atrapalha a vida...

Pertence á última turma de cirurgiões-dentistas da Faculdade Fluminense de Medicina o sr. J. Martins G. de Miranda, que collou grão em novembro último, juntamente com os seus collegas que tambem terminaram o curso em 1933.

O dr. Ulysses Gomes de Oliveira é um dos novos bacharéis da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, cujo curso concluiu o anno findo, com a última turma sahida daquelle estabelecimento. Pernambucano, filho da cidade de Barreiros, o joven patricio fez-se por si, conquistando, a golpes de esforço e de intelligencia, os postos que até aqui tem exercido com o maior brilho.

Bacharelou-se, o anno passado, pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro o dr. Alexandre de Oliveira de Castro e Filho, funccionario do Thesouro Nacional e brilhante elemento da turma de 1933. Filho do Estado do Pará, o novo bacharel distinguiu-se, nos bancos academicos, pelas provas de intelligencia demonstradas durante o seu brilhante curso.

Em homenagem á memória do conde Jeronymo Monteiro, vulto politico de grande destaque no Espirito Santo, ex-Presidente daquelle Estado, ex-senador da Republica e deputado eleito á Constituinte, como candidato do Partido da Lavoura, foi realizada no theatro Gloria, de Victoria, uma sessão solenne a que compareceram representantes de todas as classes sociaes capichabas. O «cliché» acima focaliza dois aspectos dessa solennidade: a mesa que presidiu aos trabalhos da mesma, e a assistencia. Vê-se na tribuna o dr. Attilio Vivacqua.

GRAVE

Tristeza! Solidão! E uma mudez que aterra!
O ar é pesado e escuro como chumbo:
A matta é um cemiterio!
Os passaros não cantam
nem revôam!
Succumbo!...

ANDANTE

Um mormaço e caldante
estatéla de tedio a alma das cousas!
E ha por tudo um silencio de agonia,
uma pausa dolorida,
como se a propria vida
florestal da terra
fosse tocada de paralisia!

PRESTO

O vento fino e rapido acicála,
salta, assobia, rebenquéia, estála,
retorcendo as jussáras desgrenhadas,
desgrimpando os esgalhos das paineiras
transindo de pavôr as azas retardadas
e atarantando as féras traiçoeiras.
E tudo róda num requebro rudo,
ribomba, ruge, reboleia, arranha...
E o vento passa vergastando tudo
e vae morrer aos pés de pedra da montanha!...

ADAGIO

E a matta, aniquilada,
vergastada,
chóra as gottas de lagrima das chuvas,
soluçando no uivar das suçuaranas,
nos harpejos coraes das guaricanas,
nas trompas angustiadas das taquáras,
nos óboes das cabriúvas
e na voz lancinante das yaras...

SCHERZO

Fina, fina,
pequenina
a gotta róla das palmas dos indaiaz.
E os flautins dos bambús,
os borés dos jacús
e o adufe dos pica-paus
zinem, rezinem, zabumbam na festa dos tangarás.
A maitaca
é uma matraca!
A gralha, num diz-que-diz-que,
diz que o tuím não belisque
os renóvos da taquára...
E os riachos transbordantes,
rindo risadas rascantes,
caminham ébrios e ondeantes
pela alagada coivara.
E, emquanto a matta admira
e applaude tudo o que vê,
a mamangava delira,
a irara frême e suspira,
assobia o curupira,
a jurity tange a lyra
e dansa o caxinguelê...

ANDANTINO

Alegria!
A floresta cançada aos poucos se refaz.
Tudo canta e saltita!
Tudo grita!
E o sól morre na ponta da espada do ananaz!
E o roitibó da tarde
começa a soluçar...
O sól desmaia, já não arde...
As sombras cobrem de pavôr a selva inteira!
E na floresta brasileira
um côro de urutaus principia a chorar...

MYSTERIOSO

A noite negra vem surgindo de roldão.
E a terra, amedrontada,
vê nascer no espinhaço da quebrada
o risco branco da primeira assombração!

ODILON NEGRÃO

FON-FON no cinema

Vidas Cruzadas

(From Hell to Heaven)

Da PARAMOUNT com CAROLE LOMBARD e JACK OAKIE

Colly, a linda Colly, vae a Luray Springs em procura de Billings, o seu apaixonado, a quem abandonou para de posar um rico capitalista de Boston. Ella precisa urgentemente de 10.000 dollars, e Billings responde ás suas solicitações com a proposta de apostar em seu nome 10.000 dollars contra ella propria.

Na mesma localidade age em segredo Lynch, um detective da agencia Pinkerton, que está na pista de Wesley Burt por encargo dos seus patrões que lhe descobriram um de-falque. Tambem vae á mesma cidade Charlie, um "speaker" de radio, que attenderá aos seus encargos na irradiação das peripecias e resultados do "Capitol Handicap".

Burt aposta em "New Hope", Ruby em "Wingaway", Colly em "Sir Rapid", Pop Lockwood descarrega todo o seu dinheiro no seu proprio cavallo "Stoutheart", sem dar ouvidos aos conselhos de um seu velho amigo Teddo Jones, que havia muito abandonara o turf, mas voltára a elle na esperança de alcançar o dinheiro para pagar uma operação em sua esposa. Toda a aposta no favorito.

Pouco antes de começar a corrida, Lynch diz a Burt que, logo que ella acabe, terá que leval-o para Nova-York, onde o entregará ás autoridades. Burt, agora mais fervorosamente do que nunca, supplica aos céos a victoria de "New Hope", na esperança de obter o dinheiro, repôl-o, e ficar em liberdade. Mas as suas esperanças fracassam: "Wingaway" vence o páreo, "Stoutheart" é o segundo "Sir Rapid", o terceiro.

Ao terminar a corrida, Lynch vem a saber que Winnie foi encontrada morta. As suas suspeitas recahem immediatamente sobre Ruby, a quem trata de prender sem mais demora. Ruby puxa de um revólver, mas Burt lho arranca das mãos, recebendo uma bala no hombro. Na luta que se segue entre Ruby e Lynch, vem aquelle a ser morto, e o detective, revistando-lhe os bolsos, descobre uma avultada somma de dinheiro, que dá a Burt para que elle possa liquidar o seu caso com os patrões.

Sonny revela a Pop que elle não perdeu todo o seu dinheiro como pensa, pois não apostou no vencedor e sim no segundo collocado, "Stoutheart", que de facto obteve essa collocação.

Colly vae procurar Billings afim de lhe pagar a sua aposta, mas o "bookmaker", insiste em affirmar que ella ganhou, ao que Colly responde annunciando ao seu antigo namorado que não mais se separará delle, pois ha muito muito se divorciou de seu esposo.

Sue Wells, que dera o dinheiro do marido a Sonny para apostar em "Stoutheart" para segundo, recebe do seu consorte uma chuva de sopapos quando elle descobre que, por instrucções de Sue, Sonny apostára no cavallo para vencedor.

A felicidade de onze pessoas está pendente dos resultados que tiver o "Capitol Handicap", a ser disputado em poucos dias no hypodromo de Luray Springs.

Wesley Burt, que desviou varias sommas de vulto no escriptorio de corrector em que trabalha para poder custear o luxo de sua esposa, Joan, vae com ella a Luray Springs, onde espera recobrar nas apostas o necessario para cobrir o seu desfalque.

Winnie Lloyd está tambem em Luray Springs, na esperança de obter que Pepper Murphy, o jockey do favorito "Wingaway", a esclareça definitivamente sobre os boatos correntes de que a corrida não será lisamente disputada. Winnie, fazendo praça dos seus encantos aos olhos do jockey, sem difficuldade lhe arranca a informação de que elle tocará para traz com o seu animal. Em meio ao colloquio, surprehende-os, porém, a senhora Chadman, proprietaria do "Wingaway", e logo despede Pepper dos serviços da sua coudelaria.

Entra tambem em acção no local Jack Ruby, um malandrão, e sua companheira Elsie, cujo intento é obter de Winnie alguns milhares de dollars, que allega ter-lhe entregue em confiança antes da Justiça o mandar fazer uma das suas habituaes excursões á penitenciaria do Estado.

Tommy Tucker era quem devia montar "Stoutheart" por conta de Pop Lockwood, mas a sua conducta duvidosa numa corrida anterior faz com que Pepper o despeça, sob os protestos da sua linda filha Sonny, apaixonada pelo rapaz. Livre assim Tommy do seu compromisso com o patrão, contracta-a a senhora Chadman para montar "Wingaway", em vez de Papper.

Machina Infernal

Da FOX com CHESTER MORRIS e GENOVIEVE TOBIN

ROBERT, um moço americano desilludido da vida, resolve suicidar-se e gasta os seus ultimos francos passeando de *taxi* por todas as ruas de Paris. A certa altura do passeio, o seu carro choca-se com um outro em que viaja Elionor, uma moça encantadora, americana tambem.

Robert convida-a a cear no restaurante mais proximo. São seguidos por trez bandidos, que se deixam fascinar pelas joias de Elionor. Para salval-as, Robert apodera-se dellas e foge. No meio do tumulto, Elionor desappareceu. Robert vem, então, a saber que Elionor parte no dia seguinte com uma sua tia para os Estados Unidos e, tendo ainda na sua companhia o noivo, o multimillionario Doreen. Encontram-se tambem a bordo dois marinheiros bolshevistas, o professor Hoffman, um veterinario, a sra. Albina, o telegraphista Spencer, e o capitão do navio em sua ultima viagem, agora victima de mysterioso mal, e ainda um domador de feras.

A tia de Elionor confessa-lhe que acaba de perder tudo o que possuia no jogo da bolsa, e que, por conseguinte, ella deve casar-se o mais depressa possivel com Doreen, a quem Elionor detesta por causa da sua arrogancia. Robert consegue entrar a bordo como policia e aproveita a opportunidade para entregar a Elionor as joias desapparecidas. Doreen recompensa Robert com uma quantia sufficiente para pagar o preço da passagem.

O telegraphista Spencer entrega ao commandante um telegramma que o avisa de que a bordo se encontra uma machina infernal, que dentro de duas horas deve explodir. Os passageiros, conhecedores da terrivel novidade, começam a accusar-se mutuamente. O professor está convencido de que o culpado é o capitão, que desse modo quer terminar tragicamente a sua carreira. Doreen accusa o professor, por isso que elle tem um excellente salva-vidas no seu camarote. O capitão accusa Doreen, porque pretende suicidar-se espectaculosamente á semelhança do rei do phosphoro. Os creados accusam os respectivos patrões. Mas Robert resolve todas as duvidas confessando que foi elle quem trouxe para bordo a machina infernal. Doreen promette-lhe uma fortuna, se elle impedir a explosão. Robert acceita a proposta, mas com a condição de passar a sós com Elionor uma hora. Elionor consente, mas, uma vez dentro do camarote, os dois sozinhos, Robert confessa-lhe que mentiu. O capitão e mais alguns passageiros ouvem-lhe a confissão e o perseguem por todo o barco com o fim de o castigar. Roberto refugia-se na cabine do telegraphista, que lhe mostra as provas de

um livro que está escrevendo com o estudo da reacção dos seres deante de momentos tragicos. Para ter uma prova das suas observações é que forjou o radio da machina infernal, que era, falso, para ver o que faziam todos os passageiros.

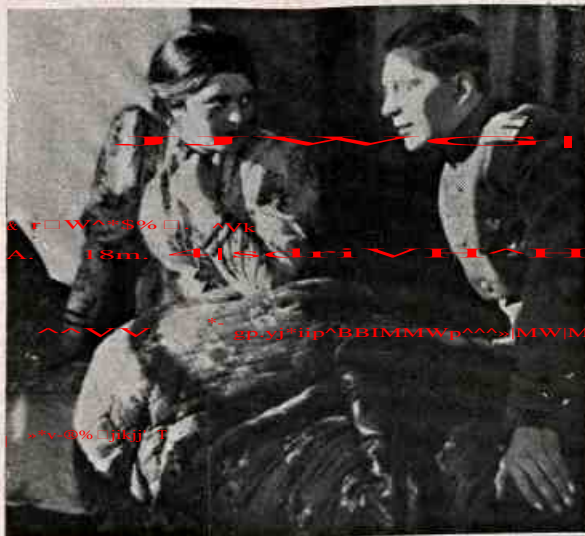
De posse da verdade, Robert consegue ter como compensação da sua descoberta o amor de Elionor, com quem casa mesmo a bordo, com grande prazer de todos, inclusive o noivo Doreen, que prezava mais a vida que o amor daquella pequena.

Amor de Cossaco

Producção da Meshrabpom-Film de Moscou

com

Abrikosoff e Zessarskaja

PREMIANDO-LHES a fidelidade, o Tzar lhes déra immensas areas ás margens do Don, e alli os cossacos viviam, transformando-se ás vezes em agricultores que abandonavam o cabo da charrúa sempre que eram chamados para manobras ou para a guerra. Pantalej tinha dois filhos, ambos cossacos: Peter era o mais velho e Grischa o caçula. Vizinho dos Pantalej era Stepan Astachow, casado com Aksinia. Ella era moça... e Grischa também. Foi por isso que, naquelle anno, tendo Stepan ido para as manobras usuaes, a juventude de ambos os atirou um aos braços do outro. E bem depressa chegou aos ouvidos de Stepan, lá nas steppes, onde estava elle em manobras, o que se dizia, e foi por isso que, de volta,

elle espancou a mulher. Entretanto, para evitar o que esperava, o pae de Grischa tratou do seu casamento com Natalia, a filha do rico dono de moinhos Karschinow, e o casamento se effectuou, com grande magua de Aksinia. Mas o amor dos dois jovens era muito forte, pelo que uma noite elles concertaram a fuga, e foi com o espanto que se soube na aldeia do desapparecimento dos dois.

Grischa precisava viver, e por isso, apresentaram-se, elle e Aksinia, como caçados, na fazenda do velho general Litzmitski, que se aposentára e agora dirigia as suas propriedades. E, emquanto elle trabalhava nos campos, Aksinia servia no lar do velho general, que vivia em companhia de seu filho, Eugenio, tenente de cossacos. E tudo marchou bem até o dia em que chegou á aldeia a noticia alarmante — o Paesinho de todas as Russias chamava os seus filhos, pois que a guerra estava declarada. E todos se foram, deixando esposas que não se conformavam, noivas que choravam, irmãs que soluçavam...

Passaram-se os tempos. O tenente Eugênio voltou á fazenda, em gozo de licença. Por essa occasião, Aksinia soffria duro golpe. Morria-lhe o filhinho, que Grischa nem chegára a conhecer. E Eugênio foi todo desvelos para ella, e desses desvelos nasceram outros sentimentos. Emquanto isso Grischa era ferido, em combate e transportado para um hospital de sangue. Foi lá que elle se imbuiu das novas idéas, pregadas contra a guerra, como principio, e depois, contra o governo e o Tzar, que faziam aquella guerra para seu proprio interesse, sacrificando vidas aos milhares, sinão aos milhões. E, nessa disposição de espirito, Grischa desrespeitou um principe que visitava o hospital, de onde foi expulso. Agora, já bom, elle se dirige á sua aldeia, para logo á entrada saber da verdade: — Aksinia se tornára a amante do tenente Eugenio... Grischa sente o sangue ferver-lhe. Vae em procura do tenente, quando este ia a sahir para o passeio costumeiro, de carruagem. Escondendo o seu rancor, atraz de sorrisos, elle se offerece para conduzir o seu joven patrão; mas eis que, em plena steppe, para onde levou a troika, elle faz descer o seu superior, a quem chicoteia, com raiva, com odio... Então, ouviu os gritos de Aksinia, que vinha após elles — Aksinia que previa o que ia acontecer, e que corria em procura de perdão. Mas elle não quiz ouvil-a, e os seus brados lancinantes foram ficando para traz, para traz... E Grischa, com o seu amor de cossaco, que não se mancha, foi andando, para longe, muito longe...

Willy Fritsch e Renate Muller, os dois mais queridos «astros» da Ufa.

ELISSA LANDI — Já noticiámos que o primeiro papel cinematographico de Francisco Lederer, o "astro" tchecoslovaco, é o de um esquimáo. Dest'arte, elle vive um drama de amor num scenario de gelos eternos. A sua heroina é a actriz hungara Steffi Duna, que se ajusta, de modo magistral, ao especialissimo papel. Francisco Lederer surge, neste momento, como o actor em torno do qual giram as curiosidades maiores dos "fans". Chegado, recentemente, á metropole do cinema, revelou taes aptidões scenicas, qualidades tão autonomas, que já ascendeu ao "estrellato". "Man of two world", em que elle e Steffi Duna formam um par curioso de esquimáos, é o seu film de estréa. Elissa Landi, a formosissima actriz, participa, tambem, do "cast" desse film.

UM NOVO TRABALHO DE KING VIDOR — Annuncia-se que John Bright, notavel escriptor de enredos cinematographicos, acaba de ser designado para trabalhar ao lado de King Vidor. E' um celluloide admiravel, de enredo vivo, attrahente, e que se intitula "We Have a Right To Live". Falta, apenas para o inicio dos trabalhos, que King Vidor consiga um typo exotico de "girl", o que é indispensavel ao enredo.

A RKO-RADIO FILMARÁ UMA PEÇA DE BERNARD SHAW — Bernard Shaw foi conquistado, finalmente, pelo cinema americano! Eis a grande novidade que alvoroça, neste momento, os "fans" dos Estados Unidos. A gloria da conquista coube á RKO-Radio, attribuindo-se a Kenneth MacGow, productor associado dessa Companhia, a realização de todas as negociações precisas com o grande dramaturgo inglez. Dest'arte, ficou assentado que a primeira peça de Bernard Shaw a ser adaptada ao celluloide é "The Devil's Disciple". A obra em apreço desenrola-se no scenario da revolução americana, localizando-se os seus principaes personagens na parte norte do Estado de Nova-York. "The Devil's Disciple foi publicada em 1890. Ha dez annos atraz resurgiu no "Theatro Guild" de Nova-York. A peça, que é uma verdadeira obra-prima, importa numa satyra genial.

MERIA C. COOPER RESTABELECIDO — "The Reporter" publicou, ha pouco, a noticia de que Merian Cooper não voltaria a reassumir o seu cargo de productor. Essa novidade, entretanto, vem de ser desmentida. E foi o presidente da *RKO-Radio* B. B. Kahane que negou qualquer fundamento á nota daquelle jornal. Kahane affirmou que visitara, poucos dias antes, Merian Cooper, encontrando-o plenamente restabelecido de sua recente molestia. O chefe da producção RKO-Radio está projectando uma viagem ao campo, depois do que irá a Nova-York traçar planos para a proxima temporada. O seu retorno ao "studio" está fixado para o corrente mez.

OS PERSONAGENS DE "VOANDO PARA O RIO" — Damos abaixo a relação dos personagens de *Voando para o Rio* (*Flying down to Rio*), e o "cast" organizado pela RKO Radio para a sua interpretação:

Belinda Rezende, *Dolores Del Rio*. Julio, *Raul Roulien*. Roger Bond, Gene Raymond. Ginger Bell, Ginger Rogers. Fred Ayres, Fred Astaire. Carlos de Rezende, Walter Walker. D. Elena Rezende, Blanche Fridirici.

Mark Sandricks, o director de "Cruzeiro dos Amores", que tanto apreciamos pelas suas innovações technicas, auxiliará Thorton Freeland na direcção de "Voando para o Rio". E, ao que parece, haverá tambem um prologo falado em portuguez e interpretado por Dolores Del Rio, Roulien e Paulo Magalhães.

O NETO DO KAISER FOI "BLUFFADO". — Lily Damita acaba de passar um "bluff" no neto do Kaiser, Luiz Ferdinando. Assim é que abandonou os passeios em que se exhibia ao lado do principe, para adoptar a companhia do corretor Sidney Smith, de Nova-York. O proximo film da linda "estrella" será *Amigos e Amantes* (*Friends and Lovers*), com o francez Adolpho Menjou e o allemão Von Stroheim.

KATHARINE HEPBURN. — Não póde ser considerada bonita, porque na realidade não o é. Se fôr bem analysada, vê-se que os

STUDIOS

seus traços physionomicos se aproximam do de um satyro. Mas isso é, precisamente, o que a torna interessante e attrahente. E' admiravel observarmos que, não sendo "bonita", nos dá a impressão de que o é. Seus dois recentes films — *Morning Glory* e *Little Women* constituiram retumbantes exitos de bilheteria.

ANN HARDING. — Não é de uma belleza completa; mas, no emtanto, de todas as "estrellas" é a que mais se aproxima da belleza clássica. Seus traços são quasi clássicos. Mas, por sorte sua, não o são inteiramente, pois a perfeição sempre é fria. Ann Harding vae apparecer brevemente no film *Right to Romance*, ao lado de Nils Asther, Sari Maritza e Robert Young.

RKO-RADIO DESEJA CONTRACTAR PAUL MUNI. — A RKO-Radio está envidando esforços para que a Warner Brothers lhe ceda Paul Muni afim de desempenhar o principal papel em *Success Story*. Colleen Moore será a "leading woman" e J. Walter Ruben dirigirá.

SOFFRENDO PELA ARTE... — Francis Lederer é, por certo, o actor que se mostra mais partidario do realismo. Elle não admitte "trucs" senão excepcionalmente; nega obediencia a qualquer effeito convencional, a qualquer artificio de "studio". Por occasião da filmagem de *Man of two Worlds*, fez simplesmente isto: numa scena de festa de esquimáos, preferiu comer carne e peixe crús, ao envez de appellar para as imitações ou substituições, que, em casos identicos, são usados. E' um authentico caso de artista "soffrendo" por sua arte. Para imprimir maior realidade e emoção ao movimento physionomico, é capaz de se submetter aos peores supplicios. Em *Man of two Worlds*, elle encarna, com intensidade e brilho, o typo estranho de um esquimáo. Pois bem: Muito antes de se iniciar a filmagem, Lederer deixou de pentear ou cortar cabello. E eis como tomou, sem qualquer maquillagem, a apparencia de um homem rude e primitivo. Elissa Landi é a "leading woman".

ESQUECENDO-SE DE CASAR... — Don Alvarado e Marylin Miller participaram que estavam noivos. Isto em principios de 1933. Mas os sinos ainda não tocaram, para o casamento, e ambos parecem gozar da mais ampla liberdade. Don Alvarado faz parte do "cast" de *Morning Glory*, o proximo film de Katharine Hepburn.

CHARLES R. ROGERS vae produzir "E' um prazer perder!", um film cujo argumento gira á volta do famoso jogador "Nick, o Grego", personagem que estará a cargo de George Raft.

* * *

W. C. Fields, que é, como se sabe, um dos mais extraordinarios malabaristas do mundo, desde a sua entrada para o cinema sempre se recusou a exhibir na téla as suas habilidades de *jongleur*. Consentiu, porém, recentemente, em que, no film "Six of a Kind", em que elle figurará com Mary Boland e Alison Skipworth, o photographem no acto de fazer num bilhar alguma das habilidades que lhe deram fama como malabarista.

Cary Grant e Randolph Scott, desde ha muito companheiros de casa numa *garçonnière* elegante de Hollywood, estão actualmente de viagem para a Inglaterra onde passarão as férias em casa de Grant. O boato de que brevemente elle se casaria, na Europa, com Virginia Cherrill, que tambem recentemente seguiu com aquelle destino, foi categoricamente desmentido por Cary Grant, antes de partir.

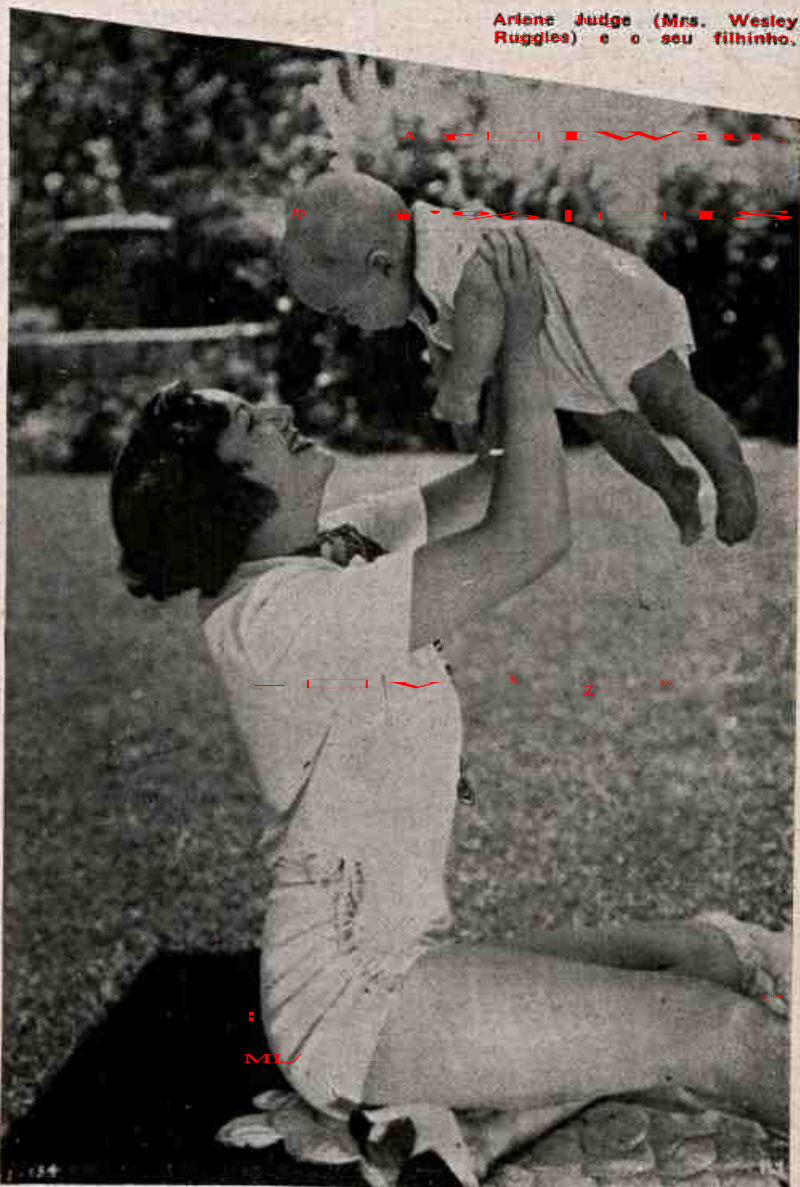
* * *

Como os longos vestidos de *bouffants*, essenciaes ao seu papel de "Catharina, a Grande", são valiosos demais para que varram os passeios, Marlene Dietrich, para esse seu film, é quotidianamente levada do seu camarim ao *set* num wagonzinho electrico em que viaja de pé.

Arlene Judge (Mrs. Wesley Ruggles) e o seu filhinho.

A locomotiva

De

BENARD GERVAISE

DAQUELLE anno, chegado o dia de Anno Bom, d'uma fórma rigorosamente conforme ás previsões do calendario, o Alfredinho viu entrar no domicilio paterno seu tio Paulo, que, pondo-lhe entre os braços um volumoso embrulho, lhe disse, sentilmente:

— Toma, Toto, é teu.

— Obrigado, padrinho — respondeu Alfredinho.

Porque — por um lado — Alfredinho chamava-se igualmente Toto nos dias em que se portava bem e — por outro lado — o tio Paulo era tambem o padrinho de Alfredinho-Toto, isso em virtude duma accummulação prejudicial felizmente, demasiado frequente nas familias.

Depois de um abraço affectuoso, que teve como effeito arranhar-lhe um pouco o rosto, Toto desfez o embrulho. Este continha uma locomotiva. Não uma dessas irrisorias machinas de madeira que se puxam na ponta dum barbante, nem mesmo uma dessas porcarias de côrda que parecem despertadores montados sobre rodas. Não: uma verdadeira locomotivazinha movida a vapor e dotada de todos os aperfeiçoamentos desejaveis: apito, valvulas, manometros, etc. Emfim, uma locomotivazinha susceptivel de rodar, esbarrar, descarrilar e esmagar na medida das suas forças.

A' vista desse luxuoso brinquedo, os paes de Alfredo julgaram do seu dever emittir protestos hypocritas: "E' uma loucura!" "Não se deve dar ao garoto presentes tão caros!" "E' por demais bonito!" etc, etc.

Toto não julgou a proposito misturar-se a esse concerto. Meditava já um plano grandioso, tendo por objectivo a transformação da locomotiva em submarino quando começasse a estação das regatas no largo do Luxemburg.

Assim, experimentou alguma surpreza vendo seu pae tomar-lhe o objecto das mãos. O pae de Alfredinho era um homem que gostava de mechanica. Ajustou os trilhos, guarneceu a caldeira, accendeu os fogos como um velho ferroviario encanecido na profissão e ennegrecido pelo carvão.

Dentro em pouco, uma fragil columna de vapor elevou-se a ar e o trem partiu. Toto soltou gritos de triumpho.

— Como elle está contente, o rapaz! — fez o papae, como indulgencia, mas sem interromper o seu trabalho de foguista.

Quando a machina rodou bastante, parou em plena linha sem razão apparente, tal uma verdadeira locomotiva. Alfredo avançava a mão para apanhal-a quando sua mãe lhe disse:

— Vamos, Toto: por hoje já brincaste bastante com a tua locomotiva. Vamos guardal-a até amanhã.

No dia seguinte, teve ainda o prazer de vêr seu papae fazer evoluir a machina maravilhosa em volta do salão; mas, quando manifestou o desejo de divertir-se por sua vez, foi para ouvir sua mamãe gritar:

— Mas, meu querido, não é possivel, não podemos deixar-te brincar com ella; és muito creança, e porias fogo na casa!... Vamos, não chores! Quando cresceres, dar-te-emos a tua locomotiva!

Por isso, Toto apressou-se em crescer, o que lhe levou varias estações, apesar de toda a sua bôa vontade. Infelizmente, á medida que o seu tamanho se alongava, a sua conducta tornava-se execravel. Quando solicitou a entrega do precioso brinquedo, esbarrou numa recusa formal:

— Ah! não, isso não! — disse ainda a sua mamãe. — Veremos quando te portares um pouco melhor.

Louvavel e bemfazeja firmeza.

Toto corrigiu-se tornou-se um alumno modelo e, no fim do anno escolar, tirou o premio de excellencia. Pareceu-lhe chegado o momento de renovar o pedido. Mas então foi o papae que o reconduziu ao sentimento justo das opportunidades.

— Como?! — exclamou o digno homem — Como? Um rapaz desse tamanho, quasi um homem, querer ainda divertir-se com um brinquedo de creança! E' ridiculo! Porque não me pédes um polichinello? Com a tua idade, eu...

Alfredo, que cessára definitivamente de chamar-se Toto, não respondeu.

Nunca mais ninguem o ouviu falar na sua locomotiva. Nunca mais!

Isso durante uns bons vinte annos, no fim dos quaes, tendo-se casado, teve um filho que se chamava Toto quando se portava bem e Julio nos outros dias.

Pelas festas, offereceu a esse menino o bello presente do tio Paulo. E foi então que, pela primeira vez, começou a brincar com a maravilhosa locomotivazinha, que, aliás, estava completamente fóra de moda, pois a electricidade havia substituido o vapor relativamente ao modo de propulsão dos vehiculos ferro-viarios.

O discipulo de Epicteto

Nascido em uma cidade da Phrygia, viveu Epicteto na escravidão por muito tempo. Hepaphroditto deu-lhe por mestre Caio Musonio Ruffo, philosopho estoico. O corpo, franzino e doente, era envolucro de uma alma grandiosa, radiante de luzes infinitas. Sua maxima principal era: *abstem-te e tolera*. No *Manual de Epicteto*, estão condensados os ensinamentos do philosopho. *Ama guardar o silencio. Não digas se não o necessario e em poucas palavras.* Por causa do seu grande desdem pelas coisas exteriores, sabia supportar a vida humilde e a falsa opinião a respeito de sua pessôa. Sendo um sabio profundo, não desejava dizer-se um sabio.

* * *

Discipulo de Epicteto, Marco Aurelio soube, pela energia e serenidade, cumprir, com o maximo rigor, todos os luminosos ensinamentos da moral estoica. Imperador dos romanos jamais se orgulhou com o brilho e as luzes do poder, sabendo ser, mesmo no throno, bastante humilde e simples. O discipulo de Epicteto foi um exemplo de heroismo, de coragem, de resignação e de fé. Honrou o nome do mestre. Estoico no sentido completo do termo, muito cedo desenvolveu a intelligencia, educando o espirito nos moldes da mais rigida disciplina.

Modelo de vida perfeita, grande influencia exerceu sobre os de seu tempo, e, ainda hoje, é lido e admirado pelos espiritos cultos.

O livro predilecto do imperador era o "Manual de Epicteto". Lia sempre. O maior desgosto de Marco Aurelio, nas suas guerras longinquas, diz Renan, era não ter a companhia dos sabios e dos philosophos.

Imitando Epicteto, escreveu em grego um punhado de maximas estoicas, formando doze livros, que foram reunidos depois de sua morte. Os principios de philosophia da lavra do eminente imperador dos romanos encerram um mundo de coisas bellas. O trabalho de Marco Aurelio é uma joia literaria que, apesar da corrida dos seculos, não perde o fulgor. Tudo nelle é grandioso e fulgurante.

Era um amigo da sciencia. Consultando os oraculos, sabia caminhar, com acerto e aprumo, na vereda tortuosa da vida. Nada o detinha.

Foi um verdadeiro discipulo de Epicteto. Perdoando as injurias, morreu com a coragem de um soldado e a serenidade de um santo.

* * *

Muito embora não tivesse nascido na Grecia, Marco Aurelio, escrevendo sempre as suas maximas em grego, bem póde ser considerado um atheniense, pela belleza heraldica do seu espirito luminoso e pela elegancia áttica das suas attitudes de artista perfeito.

PAULO FREITAS

Do "Jardim de Athenas".

ROMANTICO

(A uma dama triste)

Tristonha, ao peitoril de um solar, contemplando
O céo, dama gentil, amargurada, estava,
E o estellario, do céo, qual lampada brilhando
Sobre a terra um fulgôr levissimo espalhava.

Tinha a dama gentil, ansiosa, delirando
O pensamento além, no amôr que procurava,
Emquanto o coração, fremente, lhe vibrando,
Num incendio voraz, immenso, se abysmava.

O lindo céo, talvez, compadecido della
Negro então se tornou e de nuvens toldou-se;
Nesse momento, a dama, esplendida mais bella:

— Era um astro a luzir, uma estrella brilhante,
Fulgindo em seu olhar lacrimal, terno e doce
A saudade immortal que lembra alguem distante!

HERNANI RAMIREZ

Guilherme de Almeida — O MEU PORTUGAL — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 5$

UM punhado de chronicas escriptas longe do torrão natal, quando o poeta paulista foi hospede de Portugal, apparecem agora reunidas em livro.

Guilherme figurou entre os bravos, na luta que empolgou S. Paulo em 1932, sendo por isso expatriado. Mas, no exilio, amenizou-lhe as agruras a gentileza sem par da gente portugueza. Na casa de irmãos experimentou a doce sensação de estar em sua propria casa, até quando lhe foi dado regressar ao seio amantissimo da terra bandeirante, que é tambem a minha terra bem amada. Eu comprehendo o sentido destas paginas, pois, de ha muito, conhecia a galharda nobreza dos filhos de Portugal, nobreza que empolgou Guilherme, o burilador destas chronicas escriptas com o coração. Vivem commigo muitas das sensações ora experimentadas pelo poeta do *Messidor*, quando, no meu exilio voluntario, buscava alegrias novas para os meus olhos de impenitente sonhador. Eis por que sinto e comprehendo a belleza das paginas deste livro, missal de ternura, suave como a propria alma do poeta, idolo do meu S. Paulo, companheiro das minhas horas côr de rosa da Vida!...

João Ribeiro — A LINGUA NACIONAL — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 6$

O autor, sem duvida, uma das mais illustres figuras representativas das nossas letras, explica as razões do livro, da maneira seguinte: "A *lingua nacional* — é essencialmente a lingua portugueza, mas enriquecida na America, emancipada, e livre nos seus proprios movimentos. Com esse intuito, e nesse fundamento, foram escriptas as paginas do nosso livro, que não inculcam lingua nova, mas revelam os matizes, as variações, e a originalidade do pensamento americano. Não procuramos systematizar o vocabulario acrescido á lingua européa, trabalho que já foi iniciado pela Academia Brasileira. Quizemos apenas dar uma amostra da fraseologia nacional, com o estudo das origens e com a documentação que pudemos alcançar em alguns momentos de pesquiza e de experiencia." Paciente pesquizador dos segredos da nossa lingua, o sr. João Ribeiro offerece-nos um livro singularmente interessante e útil. Com a sua leitura aprende-se, o que não é commum nos nossos livros...

Murillo de Campos — A EPILEPSIA E SUA SIGNIFICAÇÃO CONSTITUCIONAL — Eds. Flores & Mano — Rio — 3$

DOCENTE de Psychiatria da Faculdade de Medicina, o autor reuniu em volume uma série de observações de valor, commentando-as com a segurança de mestre que é, da sua especialidade clinica. O trabalho pertence á collecção denominada "Bibliotheca de cultura medico-psychologica", que é publicada sob a orientação de Neves Manta.

Catullo da Paixão Cearense — FABULAS E ALEGORIAS — Civilização Brasileira, S. A. — Rio — 6$

CATULLO já teve a sua época, provocando enthusiasmo pela maneira de poetar. Publicou uma série de livros, conquistando publico para a sua obra. Depois, entrou em férias...

Esta segunda edição das *Fabulas e Alegorias* prova que o livro agradou, devendo continuar a sua carreira victoriosa.

Humberto de Campos — LAGARTAS E LIBELLULAS — Marisa, ed. — Rio — 5$

UM punhado de chronicas de Humberto de Campos, o espirito scintillante, que traablha sem cessar, produzindo sempre e melhor. Este livro tem um delicioso paladar... A ironia reponta a cada pagina, e a philosophia do autor satura o nosso espirito deante do espectaculo da Vida. Mas, o illustre academico dispensa elogios, porque tem publico e os volumes que publica esgotam-se facilmente. E outra coisa não deseja quem escreve, vivendo do cérebro e pelo cérebro...

Mario Sette — SEU CANDINHO DA PHARMACIA — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 5$

O material deste romance é nosso. Figuras, ambiente brasileiro. O trabalho de articulação é simples, o que equivale dizer, perfeito. Mario Sette é um escriptor que dispensa elogios, pois tem o seu prestigio assegurado por uma somma de obras honestas, do ponto de vista literario.

Póde-se dizer que é o escriptor pernambucano mais conhecido e lido no paiz. Este romance, vivido em Pernambuco, interessa justamente pela singeleza. Nelle tudo é corrente, quasi não ha artificio nas suas paginas. E a trama envolve o leitor, despertando-lhe a curiosidade, que só desapparece quando chega ao fim do volume. Ainda assim, em nossa imaginação fica a figura de Amparo, bailando, com a maciez dos seus braços, o aroma da sua pelle, a quentura dos seus labios, a languidez da sua voz, a supplica do seu olhar... E, rompendo o silencio das horas da leitura, ouve-se distinctamente o grito desesperado de Anesio, implorando:

— Amparo!... Amparo!...

Affonso Arinos de Mello Franco — INTRODUCÇÃO Á REALIDADE BRASILEIRA — Schmidt, editor — Rio — 1933

ESTE livro tem um aspecto muito sympathico, por isso que foi escripto com bastante serenidade. O autor é um espirito de *élite*, que sabe observar e transmittir com rigor as conclusões dos seus estudos. Argumentação solida, idéas sadias, emfim um conjuncto de qualidades não communs nos dias que correm.

(Continúa na pagina 60)

COLLECÇÃO PARA TODOS
A melhor serie de Romances, dos mais interessantes autores estrangeiros, de Aventuras, de Amor, Policiaes e Historicos · Literatura sã.
ULTIMAS PUBLICAÇÕES:
S. S. VAN DINE
Homicidio ou Suicidio?
E. M. HULL
O Feiticeiro do Deserto
THORNTON WILDER
A Ponte de S. Luiz Rei
JACK LONDON
A Filha da Neve
O Lobo do Mar
A. CONAN DOYLE
As Ultimas Aventuras de Sherlock Holmes
WILSON BARRETT
O Signal da Cruz
A. E. W. MASON
As Quatro Pennas
SYDNEY HORLER
O Homem Calvo
SAX ROHMER
O misterio do dr. Fu-Manchú
A volta do dr. Fu-Manchú
BARONEZA ORCZY
O Favorito de Sua Magestade
EDGAR WALLACE
O Enigma da Chave de Prata
A Sósia
RAFAEL SABATINI
O Cavalleiro da Taverna
R. L. STEVENSON
O Clube dos Suicidas
ANDRE ARMANDY
O Renegado
RIDER HAGGARD
Ella
A Volta de Ella
Benita
EM TODAS AS LIVRARIAS
BROCHURA 5$
COMP. EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES Ns. 26, 28 e 30 - SÃO PAULO
ENCADER 7$

A confissão do autor é importante para a analyse nossa:

"Este livro é uma obra de saturação, si assim me posso exprimir. Defendi-me muito tempo contra as idéas que nelle exponho, e que acabaram por dominar-me, e defendi-me porque, como muitos moços do Brasil actual, achava que essas idéas representavam uma direcção contraria, retrograda, prejudicial á evolução normal do mundo de hoje. Pouco a pouco, porém, lendo, observando, reflectindo, viajando, penetrando mais a fundo as realidades, abandonando com menos esforço as apparencias, (será isto envelhecer?) comecei a ser sincero commigo mesmo. E lentamente, mas irresistivelmente, conquistei a verdade, rejeitei as theorias que me preoccupavam e installei-me na convicção. Foi, como disse, um caso de saturação pelo raciocinio. Durante algum tempo contentei-me com a solução pessoal do meu problema, certo de que os intellectuaes brasileiros deveriam seguir o mesmo processo que segui. Depois comecei a pensar que alguns vivem em condições differentes, impossibilitados materialmente de ver as coisas como ellas são, e não como dizem ser. Achei, então, que lhes devia esse ensaio.

"Si conseguir fornecer a alguns delles elementos para a decisão da rota a seguir, penso que não poderei nunca exigir recompensa maior para o meu trabalho. No caso contrario, satisfaz-me a idéa de que cumpri um dever que assumira para commigo mesmo: o de appellar para os intellectuaes, mostrar-lhes as responsabilidades que têm nesta encruzilhada em que se encontra o nosso paiz e esboçar-lhes os resultados que adviriam para o Brasil, si elle trilhasse, por impulsão dos intellectuaes, um ou outro dos caminhos que se defrontam."

E' uma advertencia importante.

Estamos realmente numa época em que é covardia o desinteresse pelo rumo dos negocios publicos.

Os intellectuaes são a força dirigente das massas incultas e no Brasil este phenomeno entra pelos olhos. Torna-se necessario que cessem a covardia de muitos e o commodismo de outros, que cada qual assuma o seu posto nas campanhas civicas, construindo um Brasil digno de projecção social mais efficaz em beneficio da humanidade. Nos sectores da luta, que cada um tome a posição mais de accôrdo com o seu modo de pensar, mas, o essencial é que tome posição. Nós ha muito que estamos nas linhas de frente e só recuaremos com os soldados do mesmo idéal, quando batidos pelos adversarios mais fortes. Para a frente!, é o nosso grito em pról do Socialismo do Estado, que julgamos resolver o problema brasileiro. Por isso mesmo, não desprezamos as observações deste ensaio sahido da penna de um intellectual de grande cultura, intelligencia seductora, brilhante, observações úteis como todas aquellas que são sinceras.

Erico Verissimo — CLARISSA — Liv. Globo — Porto Alegre — 3$5

UMA novella de amôr, escripta com singeleza e que por isso mesmo agrada. O autor é um infatigavel trabalhador, que no ambiente gaúcho não cessa de produzir. O seu nome apparece sempre ligado ás traducções de originaes estrangeiros, nas revistas, revelando uma mentalidade em plena formação. Este original sahido da sua penna se nos afigura bom, nas linhas geraes.

Technica apreciavel, linguagem facil, formando conjuncto que merece o nosso sincero applauso. O volume tem o numero nove da *Coleção Globo*.

Raul Machado — PASSARO MORTO — Rio — 1933

ESTE nasceu poeta e o seu nome está inscripto na anthologia dos versos brasileiros como autor de um soneto primoroso, que todos sabem de cór: *Lagrimas de cêra*. Aos dezoito annos de idade, Raul Machado ganhou a popularidade e os applausos ambicionados por muito medalhão que usurpa, dos verdadeiros homens de letras, as cadeiras da Academia.

Mas, na sua modestia, vae cantando como pássaro que vive em plena Natureza, longe dos homens e de tudo que rasteja. Por isso, faz o *elogio da vida*, desta surprehendente maneira:

Eu amo a vida pela propria vida!
Pela glória e alegria de viver!
Pelo amor e a aventura inatingida!
Pela suprema aspiração do sêr!

Com o pensamento sôfrego, erradio,
O embevecido olhar no sonho imerso,
Em cantos panteistas oficio
Meu culto deslumbrado do universo!

Trago em exaltações a mente accêsa,
A alma illudida por um sonho vão...
O ouro do sol alegra-me a pobreza!
O ouro da ideia basta-me á ambição!

Num delirio febril, que não se acalma,
Rondam-me as horas, de esplendores cheias..
Sinto a alma de Dionisio na minh'alma
E o sangue de Epicuro em minhas veias!

. . . .

E' assim o canto do poeta que linhas adeante faz tambem o *elogio do silencio*.

Pensa em silencio! E' no silencio, apenas,
Que esplende o pensamento creador!
Destina as tuas horas mais serenas
Para o milagre de uma idéa em flôr!

Ama, em silencio! Teu desejo acalma!
Vive em renuncia, si preciso fôr!
Sacrifica os anseios da tu'alma,
Em holocausto pelo teu Amor!

Sofre em silencio! Guarda no teu seio,
Num gesto heroico ou divinizador,
A queixa e o pranto de que vives cheio,
— Como um respeito pela tua Dôr!

Morre em silencio! Sê grandioso e forte,
No ultimo lance desesperador,
Tendo um sorriso para tua morte
E um pensamento para o teu Amor!

Só as almas irmãs, as creaturas sensiveis, poderão penetrar e sentir a belleza das paginas de *Pássaro morto*, livro que se lê de um folego.

H. Beecher Stowe — A CABANA DE PAE THOMAZ — Civilização Brasileira, S. A. — Rio — 5$

AINDA uma vez reeditada a obra de Stowe, vae certamente satisfazer á curiosidade contemporanea, que desconhece os livros que fizeram a delicia dos nossos avós.

O QUE SE DEVE SABER

A medicina infantil

A medicina infantil é um pouco especial. Não ségue o mesmo caminho da dos adultos e parece ligar-se mais aos tratados de hygiene que ao formulario pharmaceutico. "Quanto mais joven fôr a criança, — disse o pofessor Camby, — menor drogas empregareis."

Com effeito, o organismo joven das crianças, com seus tecidos novos, defende-se sozinho, admiravelmente. E, si são atacados por uma infecção grave? Então, a cura se fará com um regimen alimenticio especial, com banhos, e certos cuidados que pareçam necessarios.

O medico sabe disso; mas infelizmente, as familias o ignoram, e a mamãe reclama, imperiosamente, a poção salutar, que ella acredita ser a unica coisa efficiente para a cura.

Sob pena de passar por ignorante, o medico receita o preparado magistral que sabe muito bem ser inutil. Quanto mais componentes tenha a poção, mais autoridade conquistará. E' triste dizel-o; poram, é mais triste ainda que a criança tome uma droga que só tem por objecto levar a tranquillidade aos paes do enfermo.

Claro está que existem casos em que o medicamento se impõe; mas ha de ser quando o medico o considére de todo indispensavel.

O poder calorifico do sol

A quantidade de calor que o sol irradia em todas as direcções é enorme. A que a terra recebe em um anno, segundo as experiencias e thorias de M. Puillet, é capaz de fundir uma capa de gelo que dará para cobrir o nosso globo, e terá 32 metros de espessura.

O professor M. Langley fez experiencias sobre essa interessante questão, e obteve os seguintes resultados: Um raio de sol de um centimetro quadrado de secção, estando o céo descoberto, tráz á terra, em um minuto, o calor necessario para elevar de um gráu a temperatura de uma gramma de agua; si esse calor se concentra sobre uma camada de 1|20 de millimetro de espessura, um millimetro de comprimento e dez millimetros de largura, elevará sua temperatura a 83º5, em um segundo, suppondo-se que essa camada poderá absorver todo o calor que recebe. E, como o calor especifico da platina é apenas 0.0032 do calor da agua, uma fita de platina das mesmas dimensões elevará sua temperatura na mesma hypothese, em um segundo, a 2603º, temperatura que é sufficiente para fundil-a.

A MULHER DO PINTOR

RECURVADA em fórma de crescente, a pequenina cidade de E'tretat, com os seus penedos brancos, a sua areia branca e o seu mar azul, repousava á luz do sol de um bello dia de julho. A's duas pontas desse crescente, as duas *portas*, a pequena á direita, a grande á esquerda, avançavam pela agua tranquilla, uma com o seu pé de anã, a outra com a sua perna de colosso; e a agulha do campanario, quasi tão alta como o penedo, larga na parte inferior, fina no cume, espetava no céo a sua ponta aguda.

Na praia, ao longo das ondas, uma multidão sentada olhava os banhistas. No terraço do Casino, uma outra multidão, sentada ou em marcha, exhibia sob um céo cheio de luz um jardim de *toilettes* em que se destacavam sombrinhas vermelhas e azues, com grandes flores bordadas em sêda.

Na avenida, ao fim do terraço, outras pessôas, os calmos, os tranquillos iam a passo lento, longe da turba elegante.

Um joven muito conhecido, celebre, um pintor, Jean Summer, andava com um ar triste ao lado de um carrinho de doente em que repousava uma moça, a sua mulher. Um criado impellia cuidadosamente essa especie de poltrona rolante, e a estropiada contemplava com olhar triste a alegria do céo, do sol e das outras pessoas.

Elles não se falavam. Nem se olhavam, tambem.

— Paremos um pouco — disse a moça.

Pararam, e o pintor sentou-se a um banco dobradiço, que o criado lhe apresentou.

Os que passavam junto áquelle par mudo e immovel, olhavam-n'o com ar de comiseração. Corria a seu respeito uma lenda de devotamento. Elle a havia desposado, apesar do seu defeito physico levado por seu amor. E' o que se dizia.

Não longe dali, conversavam dois rapazes, sentados ao cabrestante, com o olhar perdido no horizonte.

— Isso não é verdade. Conheço Muito Jean Summer.

— Então, porque se casou elle com aquella creatura? Não era ella já enferma?

— Era. Elle casou-se com ella... por tolice!

— Por tolice?

— Sim, por tolice. Quando se é idiota, é-se idiota, e não se explica porque, nem como. Ademais, tu sabes muito bem que os pintores têm a especialidade dos casamentos ridiculos; elles casam quasi sempre com os modelos antigas amantes, emfim, mulheres avariadas em todos os sentidos. Por que, isso? Quem sabe lá? Era crivel, ao contrario, que a frequencia dessa raça de perúas que se chamam "modelos" os desgostasse para sempre desse genero de mulheres. Pois tal não acontece. Depois de fazel-as *posar*, elles as desposam. Lê só esse livrinho tão verdadeiro, tão cruel e tão bello de Alphonse Daudet: *As mulheres de artistas!*

"Quanto ao casal que alli vês, o accidente produziu-se de maneira especial e terrivel. A mulherzinha representou uma comedia ou, antes, um drama tremendo. Arriscou tudo no jogo, emfim. Era sincera? Amava Jean? Quem póde sabel-o? Quem poderá determinar de modo preciso o que ha de ambição e o que ha de real nos actos das mulheres? Ellas são sempre sinceras, numa eterna mobilidade de impressões. São violentas, criminosas, devotadas, admiraveis e ignobeis, por obedecerem a impenetraveis emoções. Mentem sem cessar e sem querer sem saber e sem sentir, e têm, apesar disso, uma franqueza absoluta de sensações e de sentimentos que testemunham por umas resoluções violentas, inesperadas, incomprehensiveis, loucas, que desarvoram os nossos raciocinios, os nossos habitos de ponderação e todas as nossas combinações egoistas. O imprevisto e o brusco das suas determinações fazem com que ellas nos appareçam como enygmas indecifraveis. E nos perguntamos sempre: "São ellas sinceras? São ellas falsas?"

— Mas, meu amigo, ellas são ao mesmo tempo sinceras e falsas, porque é da sua natureza ser as duas coisas ao mesmo tempo e não ser, pois, nem uma, coisa nem outra.

"Observa os meios empregados pelas mulheres para obter o que querem de nós. São meios complicados e simples. Tão complicados, que nunca os adivinhamos, e tão simples que, depois de victimados, não podemos deixar de nos admirar e exclamar: "Como! Ella me embrulhou assim, tão facilmente?"

"E ellas triumpham sempre, meu caro, principalmente quando desejam levar-nos ao casamento. Mas, vamos á historia de Summer.

"A tal mulherzinha era um modelo, está entendido. Posava para elle. Era bonita, sobretudo elegante, e tinha ao que parece, uma cintura divina. O rapaz apaixonou-se por ella, como a gente apaixona por toda mulher um tanto seductora que se vê muitas vezes. E pensou que a amava de todo o coração.

"Ahi está um phenomeno singular. Logo que desejamos uma mulher, acreditamos sinceramente que não podemos mais viver sem ella pelo resto da nossa vida. Sabemos muito bem que não é esse o primeiro caso occorrido comnosco, que o desgosto é a sequencia da posse, que é preciso, para poder gastar a sua existencia ao lado de outro ente, não um brutal appetite physico que logo se extingue, mas um accôrdo de alma, de temperamento e de humor. Cumpre saber discernir, na seducção que nos domina, si ella vem da fórma corporal, duma certa embriaguez sen-

De Guy de Maupassant

sual, ou dum profundo encanto do espirito.

"Em summa, elle pensou que a amava; fez-lhe uma porção de promessas de fidelidade e viveu completamente com ella.

"A moça era realmente gentil, dotada dessa ingenuidade elegante que têm facilmente as pequenas parisienses. Papagueava, pipilava, dizia tolices que pareciam espirituosas pela maneira engraçada por que eram ditas. Tinha a todo momento gestos graciosos bem feitos para seduzir um olho de pintor. Quando erguia os braços, e se inclinava; quando subia á carruagem ou nos estendia a mão, os seus movimentos eram perfeitos de conveniencia e justeza.

"Durante tres mezes Jean não percebeu que, no fundo, ella era igual a todos os modelos. Foram passar o verão numa cazinha em Andressy. Eu achava-me lá, uma noite. Quando desabrocharam as primeiras inquietudes no espirito do meu amigo.

"Como fazia uma noite linda, quizemos dar uma volta pela margem do rio. A lua derramava nas aguas tremulas uma chuva de luz, espargia os seus reflexos nos redemoinhos, na corrente, em todo o largo rio lento e fugitivo.

"Iamos ao longo da margem, um tanto embriagados por essa vaga exaltação que acendem em nós essas noites de sonho. Quizeramos realizar coisas sobrehumanas, amar séres desconhecidos, deliciosamente poeticos. Sentiamos fremir em nós desejos, extases, aspirações estranhas. E calavamo-nos, penetrados da serena e viva frescura da noite encantadora, dessa frescura da lua que parece atravessar os corpos, penetral-os, banhar o espirito, perfumal-o e enchel-o de ventura.

"De repente Josephina (era esse o seu nome) deu um grito.

"— Oh! viste o enorme peixe que deu um salto, ali?

"Elle respondeu sem olhar, sem saber:

"— Sim, querida.

"Ella zangou-se:

"— Nada! Não o viste, pois estavas de costas!

"Jean sorriu:

"— E' exacto. Está uma noite tão linda, que não penso em nada!

"A mulher calou-se. Mas, ao cabo de um minuto, assaltou-a uma necessidade de falar, e ella indagou:

"— Vaes amanhã a Paris?

"— Não sei — respondeu o pintor.

"Ella irritou-se de novo:

"— Pensas que é bom passear sem dizer palavra? Quando a gente não é estupida, fala!

"Ella não respondeu. Sentindo então, graças ao seu perverso instincto de mulher, que ia exasperal-o, ella começou a cantar uma canção irritante, com que nos haviam irritado o ouvido e o espirito durante annos.

"Jean murmurou:

"— Pára com isso supplico-te!

"E a mulher, furiosa:

"— Por que queres que eu me cale?

"Ao que elle respondeu:

"— Tu nos perturbas a contemplação da paizagem.

"Então estalou a scena, a scena odiosa, imbecil, com censuras inesperadas, recriminações intempestivas depois lagrimas. Nada faltou.

Entrámos em casa. Elle a havia deixado ir, sem replicar, entorpecido por aquella noite divina, e aterrado por aquella tormenta de tolices.

Tres mezes mais tarde elle se debatia furiosamente nesses laços invenciveis e invisiveis com que um tal habito envolve a nossa vida. Ella o segurava, opprimia e martyrizava. Brigavam de manhã á noite, injuriavam-se e se batiam.

"Afinal, elle resolve acabar com aquillo, romper a todo transe com ella. Vendeu todas as suas télas pediu dinheiro emprestado aos amigos, perfez vinte mil francos (era ainda pouco afamado) e deixou-os certa manhã sobre a mesa com uma carta de adeus.

"E veiu refugiar-se em minha casa.

"A's trez horas da tarde, soou a campainha. Fui abrir a porta. Uma mulher saltou-me ao rosto, empurrou-me e penetrou no meu atelier: era ella!

"Ao vêl-a apparecer, elle ergueu-se.

"A mulher lançou-lhe aos pés o enveloppe contendo as notas, com um gesto verdadeiramente nobre e, com vóz breve:

"— Aqui tem o teu dinheiro! Não o quero!

"Estava muito pallida, tremula, prestes sem duvida a todas as maluquices. Quanto a elle, vi-o empallidecer tambem de cólera prompto talvez a todas as violencias.

"— Que é que queres, afinal?

"— Não ser tratada como uma mulher publica. Tu me imploraste, tomaste-me comtigo. Eu nada te pedi. Fica commigo!

"Elle bateu com o pé:

"— Isso, nunca! Si pensas que vaes...

"Eu lhe havia tomado o braço:

"— Cala-te Jean! Deixa o caso por minha conta!

"Fui a ella, brandamente e, pouco a pouco, dirigindo-lhe palavras razoaveis esvaziei o sacco de argumentos que a gente emprega em taes circumstancias. E ella escutava-me, immovel, o olhar fixo, obstinada e muda.

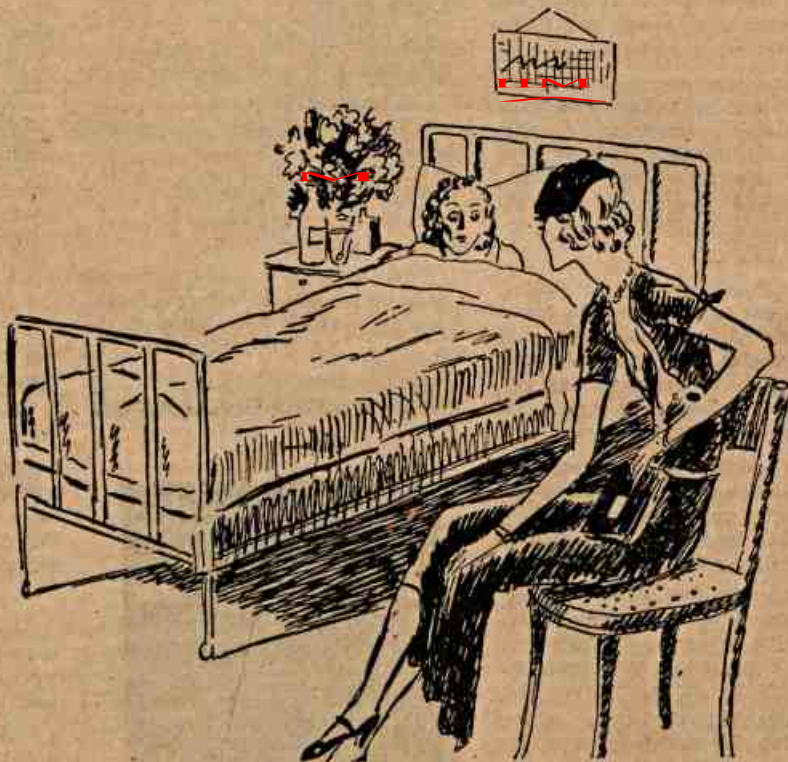
Por fim não sabendo mais que dizer, e vendo que o caso ia acabar mal, pensei em empregar um ultimo recurso:

(Continúa na pag. 66)

Conselhos praticos

VIMOS e ainda vemos mulheres gordas, enormes, monumentaes, que batem todos os *récords* e desafiam todas as comparações.

O elephante é monumental, como todo mundo sabe; mas elle é normal, porque é igual aos outros elephantes; e si por acaso é atacado ou aggredido, os seus semelhantes o defendem calorosamente. O porco tambem é enorme; porque, quanto mais gordo elle, tanto mais apreciado.

Com a mulher succede justamente o contrario. Um sacco ou uma valise tambem têm o direito de ser bojudos; mas uma mulher, não. A pobrezinha chama a attenção de todo o mundo, é ridicularizada, enxotada e acerbamente criticada. Chovem-lhe os conselhos em casa. Não coma pão, não tome leite; nem sopa, nem agua. Ande muito. Faça gymnastica. Tome banhos de mar. Vá para as montanhas. Fique trez horas de pé depois de cada refeição" Uff! Que peleja! Depois de um monte de sacrificios, a infeliz obesa começa a diminuir de peso. 102 kilos... 98... 79... Apparecem as bambinellas de pelle flaccida a invadir o territorio. Que fazer? Foi peor a emenda do que o soneto. A gordura sempre dá um aspecto de mocidade e frescura que a magreza destróe sem remissão. Mas ha um remedio heroico: correr ao consultorio de *cirurgia esthetica*, entregar-se ás mãos do supremo artista.

— Dr., por favor soccorra-me! Olhe em que estado fiquei! Aqui ainda tenho bolões de gordura... e lá um mar revolto de pelle enrugada!

Foi a porta aberta para uma epopéa de obras primas. A *ex-gorda* passava seus dias estirada sobre a mesa de operações, ou immovel nas camas das casas de saúde. Foi, em primeiro lugar, a delicada operação dos seios; depois lhe tiraram a terça parte das coxas; em seguida, foi a diminuição da papada. Mas ella achava que ainda não era bastante.

Seria bom tirar mais daqui, cortar mais dali.

Era insaciavel! Certo dia, esbarrou, num parque solitario com Hofmann, o feroz assassino, que a cortou em 43 pedaços e a mandou para outra cidade fechada dentro de uma mala armario. Infelizmente, ella não poude gozar da maravilhosa operação que a reduzira ás minimas proporções que havia sonhado, porque já estava morta!

* * *

O peso... o peso... é o

para emmagrecer

pesadello de muita gente... Diz o dictado que:

Quem muito se pesa...
Bem se conhece...
E quem bem se conhece
Muito se pesa...

E' provavel; mas as palavras encerram muitas vezes a mais cruel ironia. Porque dizemos de uma dama de anatomias transbordantes, que lhes é de uma *respeitavel* corpulencia, e o dizemos rindo?

Questões de gosto, de esthetica ou de moda? São coisas que não se discutem. Mas fica o caso indiscutivel que a mulher deve ser *fina* e até... *magra*.

O processo mais rapido para obter o resultado desejavel é, repito, o processo operatorio. De um lado, os ossos indispensaveis, do outro, as coisas superfluas. O diabo é que se póde morrer, com essas violencias, como o cavallo do inglez que morreu justamente quando começava a se acostumar...

A mumificação dá resultados que foram garantidos por seculos de experiencia, mas requer certos meios que repugnam á nossa sensibilidade moderna. Melhor será tomar em consideração as constantes pesquizas que se tentam aperfeiçoar nos laboratorios de chimica, ha mais de 30 annos, com o fito, justamente, de evitar, ou de retardar as intervenções cirurgicas.

Eis aqui com toda simplicidade e clareza, os fructos de tanto trabalho cerebral:

Pela manhã: supprimir o pequeno almoço. Ao meio dia: substituir o almoço habitual por 10 minutos de meditação. A' noite: quinze gottas de acido sulfurico e um ovo duro.

Naturalmente, não se deve tomar coisa alguma entre as refeições. Fazer isso durante 3 mezes. Tomar o peso, e verificando que não se emmagrece, supprimir o ovo.

Como se vê, é um remedio que está ao alcance de todo mundo.

Seja como for, haverá sempre no mundo dois generos de mulheres: A magra e a gorda.

Creio que a gorda é a mais apreciada.

Mas... e a triste odyséa da mulher magra da mulher que não engorda por meio algum? Já pensaram nisto? Na mulher cabide, na mulher crise, que parece estar sempre sem comer? Tem-se vontade de enrolal-a num carretel como um fio de linha, de pregal-a na escova do chão como um cabo de vassoura e, no emtanto, a pobrezinha faz tudo quanto póde para se libertar da triste enfermidade. Os homens a consideram com compaixão, as mulheres a olham com humorismo. Ella manda fazer vestidos que a avantajam, vive comendo de manhã á noite, acorda de madrugada para engolir mingáos de araruta e de maizena. Tem em casa espelhos convexos para alimentar bôas illusões. E nada disso produz o effeito desejado. Mas assim mesmo encontra o homem para casar com ella e ahi engorda emfim. Engorda periodicamente. Quando completa 52 annos, para com as alternativas de gorduras periodicas, mas já adquiriu bastante juizo para não se preoccupar mais com o seu physico. Em compensação, recebe da municipalidade o premio que se confere ás mulheres de numerosa prole.

Foi a desforra da mulher magra sobre a mulher gorda...

Itavaz

A mulher do pintor

(Conclusão)

— Elle te ama ainda, minha filha; mas a sua familia quer casál-o e comprehendes...

"Ella teve um sobresalto:

"— Ah! Ah! Comprehendo agora!

"E voltando-se para elle:

"— Tu vaes... tu vaes... casar?

"E elle, francamente:

"— Vou, sim!

"Ella deu um passo á frente:

"— Pois si te casares eu me mato, ouviste?

"O pintor retrucou dando de hombros:

"— Pois então... mata-te!

"A mulher repetiu duas ou trez vezes, com a garganta opressa por uma angustia horrivel:

"— Hein? Que dizes? Que dizes? Repete!

"Elle repetiu:

"— Pois é. Mata-te, si queres!

"Ella tornou, sempre com uma pallidez assustadora:

"— Eu não devia duvidar... Pois vou atirar-me pela janella!

"O pintor pôz-se a rir, foi até a janella, abriu-a e, curvando-se como uma pessôa que faz cerimonia para não passar em primeiro logar:

"— Aqui está o caminho. Queres passar!

"Ella o olhou durante um segundo com o olhar fixo, terrivel, louco; depois, tomando o impulso como para saltar uma cerca no campo, passou deante de mim, deante delle, transpôz o parapeito e desappareceu...

"Nunca esquecerei o effeito que me fez aquella janella aberta, depois de vêl-a atravessada por aquelle corpo que cahia; pareceu-me, durante um momento, grande como o céu e vazia como o espaço. E recuei instinctivamente, sem ousar ver, como si eu proprio fosse cahir.

"Afflicto, Jean não fazia um gesto.

"Trouxeram a pobre creatura carregada, com as pernas partidas. Nunca mais poderia andar.

"Louco de remorsos e talvez tambem tocado de reconhecimento, o seu amante tomou-a de novo e casou com ella.

"Ahi está meu caro, a historia".

A noite vinha. Sentindo frio, a moça quiz partir; e o criado pôz-se a empurrar para a villa o carrinho de invalido. O pintor caminhava ao lado da sua mulher, sem que, pelo espaço de uma hora, houvessem trocado palavra...

Quadras

I

LINGUA DE EVA

Fala, fala, fala, fala...
Xinga, xinga, xinga, xinga...
Esse demonio não cala!
Parece que tem mandinga.

II

A COSTELLA

Mudar de estado procuro.
Deus! sabeis do que eu preciso;
Dae-me mulher sem juizo,
Com juizo não aturo.

III

LIVRO E MULHER

Livro e mulher, não se empresta;
Livro não se restitúe;
Mulher, a razão conclúe,
Restitue-se, se não presta.

IV

BEM DISTANTE...

Se durmo, sonho e te vejo.
Acordo e te vejo? Não!
Estás no meu coração,
Bem distante do meu beijo!...

V

SIM E NÃO

Quando dizes sim, é não.
Quando dizes não, é sim.
Se fôr meu teu coração,
Ah! dize o contrario a mim.

VI

VAE TARDANDO...

Tu, da vida, o amargo sugas,
E, velha o amor vae tardando...
Suspiras; de vez em quando
Vaes ao espelho vês as rugas...

VII

NUMA ESTANCIA DE JURA

Muito feia quando vi,
E mais feia quando chora;
Veranista, vae-te embora,
Feias, bastam as d'aqui.

VIII

FOGO e FEITIÇO

Não tens pernas, tens caniço;
Teu corpo graça não tem;
Mas tens nos olhos feitiço
E um fogo que nos faz bem.

LEOPOLDO D. AMARAL

NA CHUVA...

(HISTORIA VERIDICA)

No meio da chuva torrencial a joven caminhava apressada. Os pézinhos ageis mal tocavam a calçada alagada. O corpinho "mignon" parecia ainda menór sob a abóboda negra da sombrinha. E o rostinho mimoso desapparecia, afogado na gola erguida do capóte de casemira.

A rua estava desérta.

Ouvia-se apenas o marulhar das aguas na sargeta. E o gemer longinquo de um radio...

Súbito, o silencio foi quebrado pelo arfar possante de um motor. Uma baratinha passou celére...

— Oh!!

O grito foi tão vibrante, que o chauffeur da barata se assustou. Freiou violentamente. Saltou. E, correndo, foi até o logar onde a pequena gritára.

— Que foi?

Na calçada, ella estava furiósa. Os labios, muito polpudos, nervosamente mordidos, pareciam prestes a esguichar sangue. Nos olhos, relampagos. Nas faces um rubor de cólera...

— O senhor não enxérga?

Elle não comprehendeu.

— Mas, que lhe aconteceu?

Silencio de segundos. E a rajada:

— Estupido!... Veja em que estado me pôz o casaco!... Um casaco, que me custou um mez de economias!... O senhor é um criminoso!

Elle olhou para o capóte da pequena...

Estava molhado. Sujo. Cheio da agua immunda que cobria o asphalto.

— Foi a barata que...?

— Claro!... Idiota! Quem havia de ser?

— Mas, senhorinha...

— Eu vou ao districto! O senhor tem que me pagar!... Ai! O meu rico casaco!...

— Perdoe-me...

— Qual perdoar, qual nada!... O senhor tem é que me pagar! Pelo capóte e pela pneumonia a que me arriscou... Então, o senhor acha pouco! De que me serve, agora, a sombrinha?... E tudo graças ao senhor, "seu" cretino!...

Já complétamente encharcado, o rapaz tentou desculpar-se:

— Porém...

— Olhe! Olhe aqui!

E a garota, arregaçando um pouco o vestido, esticou a perna na direcção do interlocutor. A meia, ligeiramente molhada, colava-se á pelle.

O homem não se poude conter.

Esqueceu a situação. E, estouvadamente, murmurou:

— Que linda perna!

Immediatamente, uma mão nervósa desenhou na face do imprudente cinco dedinhos afusados.

— Atrevido!

E a pequena afastou-se a passos rapidos.

O desastrado, a principio, ficou boquiabérto. Depois, não dando importancia á chuva, correu no encalço da offendida.

— *Mademoiselle!*

A mocinha não respondeu.

— *Mademoiselle!*

Ella, nada. Continuava a caminhar.

— *Mademoiselle!... Mademoiselle!...*

Estavam já bastante longe da baratinha.

— *Mademoiselle!*

Ella parou, finalmente. Cravou os olhos cinzentos no insistente. Não sorriu. E falou:

— Perde seu tempo e seu francez!

Rodou nos tacões altos. E voltou em direcção á barata.

O moço olhou-a com pasmo.

Por que voltava? Seria louca? Estaria brincando?

Mas, não pensou muito tempo. Decidiu-se. E retornou atraz dos passos della.

— Senhorita!

— ...

— Eu não tive culpa.

— ...

— Foi a róda.

— ...

— E a agua.

— ...

— Está encantadora assim, fazendo biquinho...

— ...

— Senhorita!

— ...

— Perdão!

— ...

Estavam novamente no logar do "accidente"...

Chovia sempre.

Ella parou.

Elle tambem.

Fitaram-se.

Ella franziu a testa. Afundou mais o rosto na gola do capóte. E tornou a voltar sobre os proprios passos...

O rapaz olhou o céu. A chuva não parecia querer abrandar. Porém, elle não se intimidou. E, de novo, emparelhou com ella. Agóra, entretanto, sem falar.

Trez vezes foram e voltaram. Calados...

Por fim, a garota cansou. E interpellou o "satelite":

(Continúa na pag. seguinte)

— O senhor quér deixar de me seguir?...

— Já não a sigo.

— Hein?!

— Estou fazendo o "footing"...

— Muito interessante!... Pois vá fazer seu "footing" em outro logar.

— Não pósso.

— Como não póde?

— Não quéro abandonar a minha Chrysler.

— E quem o impéde de a levar?

— A senhorita.

— Eu?!

— Sim. A senhorita mesmo, com essa carinha de anjo...

— Como?!

— A róda que teve a ousadia de a sujar, só com o seu perdão tornará a gyrar.

— Sabe que é muito "engraçadinho"?

— Sim. Papae já o dizia...

— O senhor é o typo tolo...

— Muito obrigado...

— ... do cabeçudo!

— A senhorita acha mesmo?

— Do in... in... in...

— Intelligente?

— Não!

— Intellectual?

— Não é isso!... Do in... indigésto!

— Arre! Custou a sahir...

— Impolido!

— E a senhorita é delicada como uma flôr de manacá!...

NA CHUVA...

(Conclusão)

— Enjoado, além de tudo!

— *Delicious*...

— Amolante!

— *My baby!*...

— Ah!...

Ella não poude terminar. A excentricidade do dialogo, no meio da chuva, fez-lhe vibrar a córda do riso. Não houve geito de dominar-se. E a gargalhada estoirou...

Elle riu tambem. E commentou:

— Parecemos até dois actores de cinema filmando alguma comédia!...

— E'! O senhor tem cara de Buster Keaton...

— E a senhorita é tal qual a Zazú...

— Sim. Mas, não debaixo de um aguaceiro como este.

— Ora! A barata está ali. Vamos entrar?

— Nós dois?

— E então?

— Não concórdo.

— Prefere a chuva?

— Ou a barata sem você.

— Está cérto!

O rapaz abriu a portinhóla da Chrysler.

— Entre!

— E você?

— Eu ficarei aqui fóra.

— Sendo assim...

A pequena pulou para as almofadas da baratinha.

O rapaz, ao contrario do que ella talvez esperasse, bateu a portinhóla. E, calmamente, sentou-se no guarda-lama...

A mocinha contemplou-o com um sorriso. Abriu a bolsa. Tirou um espelhinho. Uma caixinha de pó...

— "Que bom que estava
Aquelle abraço,
Que me deu ensejo
De sentir a vida
Como um grande beijo..."

O Adão tentou fumar. Prendeu nos labios um cigarro. Mas, a chuva não lhe permittiu satisfazer ao desejo.

Lá dentro, a Evazinha tinha terminado os retóques na pintura. Parára de cantar. E foi com uma expressão deliciósa que, estendendo o pescoço, gritou para o rapaz:

— Eh! Buster...

Adão, então, não perdeu tempo. Entrou tambem. E, num segundo, na chuva só ficou a fumaça da Chrysler, que partira como uma bala...

AFFONSO NETTO

TRUCS E ILLUSÕES

pelo PROF. ARONACK

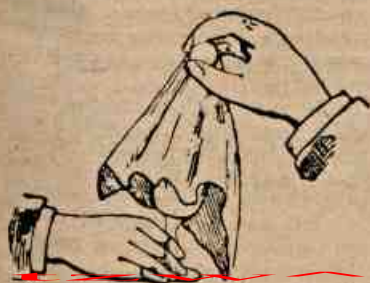
A MOEDA ENCANTADA

COMO se póde fazer desapparecer uma moeda num copo com agua?

Deve-se arranjar um pedaço de crystal exactamente igual na fórma e na grossura a uma moeda de cem réis.

Escolhe-se, depois, um copo commum de crystal.

A agua, como bem sabeis, é o maior dissolvente da natureza, e, emquanto esta verdade seja incontestavel e incontestada, quero dar-vos hoje uma prova.

"Puz nesta vazilha agua distillada, que eu proprio fui buscar, para ter a certeza de sua pureza.

Aqui tendes um copo que, pelo som que deprende, indica ser de crystal. A sua transparencia prova que não tem fundo falso e que, facilmente, podeis verificar... Quereis ter essa bondade, senhor?... Estaes convencido de que não tem fundo falso?... Sim. Então, peço-vos que o segureis alguns minutos. Primeiramente, vou enchel-o com a agua da garrafa; depois, pedirei a alguma pessôa caritativa que me empreste uma moeda de cem réis; e como tenciono restituir a mesma moeda que me emprestaram e não outra semelhante, peço-vos que tenhaes a bondade de marcal-a com este lapis, antes de m'a entregardes...

Emquanto durar a operação, examinaremos juntos este lenço de sêda.

Ao tirar o referido lenço de cima da mesa, apoderamo-nos do pedaço de crystal empalmando-o na palma da mão direita.

No centro da sêda, vou collocar a moeda que acaba de ser marcada."

Executa-se o que se acabou de dizer; mas, em vez de collocar a moeda emprestada e que foi marcada, põe-se o pedaço de crystal e conserva-se a moeda na palma da mão. Essa troca se faz emquanto a mão está occulta pelas pregas do lenço de sêda.

— Peço ao senhor que tem o copo com agua, que segure tambem com a outra mão a moeda coberta com o lenço de sêda.

Dessa maneira, tendo as duas mãos occupadas, elle não terá curiosidade ou ao menos possibilidade de olhar para dentro do lenço de sêda (figura n. 1).

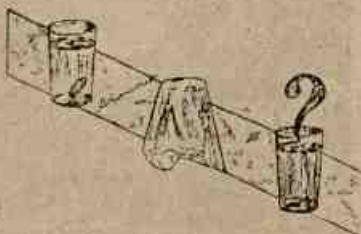
Tenha-se o cuidado de fazer segurar a moeda transversalmente e não pela espessura, para que não possa, ao pegar, reconhecer que é de crystal.

Colloca-se o lenço por cima do copo dagua, de modo que, quando soltar-se, a moeda vae cahir no copo.

— Quando eu tiver contado tres, o senhor terá a bondade de deixar cahir a moeda nagua. Principio... Um... dois... tres!

Ouve-se a pancada da moeda no copo.

— Tire agora o lenço!...

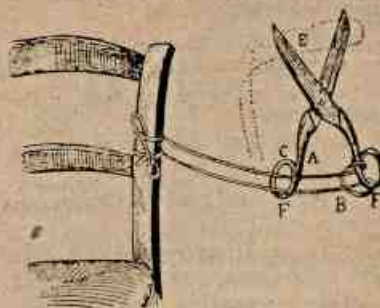
A moeda dissolvida volatiliza-se immediatamente, e nada mais se vê no copo (Fig. 2.). O espectador que operou, segundo as indicações que se lhe déram, olha para o fundo do copo e fica admirado

de não vêr coisa alguma: o pedaço de crystal, effectivamente, não é visivel.

Pede-se immediatamente o copo e mostra-se de longe aos espectadores.

O magico, levando a moeda na palma da mão, como ficou dito acima, introduz esta no bolso de um dos espectadores, e dahi retira a moeda, que em seguida leva ao individuo que lhe emprestou.

LIBERTAÇÃO DE UM PRISIONEIRO

EIS um interessante passatempo para uma reunião familiar.

Liga-se um dos anneis de uma thesoura a uma fita dobrada e prendem-se as extremidades desta a

uma cadeira, como indica a gravura.

Feito isto, pede-se á assistencia que desligue a thesoura sem desatar os nós que prendem a fita. A muitas pessôas, parecerá, á primeira vista, facil — mas, tentando, desistirão, se não forem conhecedoras, como o leitor vae ficar, da maneira de o fazer.

Toma-se a fita nas partes A e B, introduzindo-a pelo annel C e, conforme a linha ponteada, passa-se a thesoura pela argola que a fita fica formando.

Basta isto para que o problema fique resolvido.

NOTA — Tendo curiosidade em saber se estão sendo bem acolhidas as chronicas que venho publicando em FON-FON, ficarei grato aos amadores que me escrevessem com seus endereços para a redacção desta revista.

EM FAMILIA

De Fernando Levisky

(Continuação do numero anterior)

Nisto, ouviram-se gritos no jardim. Fui ver o que era. E encontrei meu sobrinho puxando raivosamente os cabellos da menina do vizinho, que berrava para todos os lados.

Peguei no meu sobrinho e trouxe-o para casa. Logo ao entrar, elle jogou-se nos joelhos da mãe, chorando e queixando-se de mim:

— Eu... br... brinca... va... vá, de locomoti... ti... va. E tio bateu-me... ba... teu-me forte.

— Não aguentei o olhar odioso da minha cunhada e eclypsei-me. Fui buscar um chocolate para Pedrinho. Elle não quiz acceitál-o, fez-se muito de rogado e só depois de eu ter-lhe pedido perdão, do crime que não pratiquei, resolveu acceitar o chocolate.

A mãe louvou a sua bondade em perdoar os inimigos...

A sogra fez questão absoluta de ajudar minha mulher na preparação do almoço. Quando voltei, era já meio dia. O almoço estava na mesa e só faltava eu.

A cunhada trouxe a sopa. Todos se serviram, menos o Pedrinho.

Logo ao acabarmos a sopa, o Pedrinho falou:

— Vocês não sabem? Eu tenho uma surpreza! Ah!...

E, vendo os nossos olhares ansiosos, continuou:

— ...eu tinha cuspido na sopa que vocês tomaram.

Senti cocegas no estomago.

O pae de Pedrinho belliscou-o por baixo da mesa. O garoto começou a berrar, como si estivesse sendo assassinado. A mãe pegou-o no collo e começou a acalmál-o. Nos intervallos do chôro de Pedrinho chamava o marido de estupido e perverso, que não sabia lidar com crianças.

— Elle brincou, — disse-nos ella. — E a sopa era tão gostosa...

Eu não comi mais nada no almoço.

Depois do almoço, meu cunhado convidou-me a ir tomar cerveja no bar. Acceitei.

Tomámos duas cervejas. Meu cunhado pediu *sandwiches*. Depois, jogámos umas partidas de bilhar. Ganhei todas. Fiquei satisfeito. Mas, quando já era hora de voltar para casa, meu cunhado falou:

— Faça-me o favor de pagar esta conta, que esqueci o dinheiro no paletó do outro terno (como se elle tivesse "outro terno").

Não tive remedio: paguei.

Voltámos para casa.

O Pedrinho arrancára todas as photographias do album. Faltava um vidro da janella que dava para o jardim.

Fui ao meu gabinete. Minha mulher veiu chorando, contar-me os successos do dia. Nisto, bateram á porta. Era a cunhada que chamava para o jantar. Fomos.

Eu não toquei na sopa, por ser a mesma do almoço.

Porém, quando trouxeram a carne, senti uma fome de lobo. Tirei um bom pedaço e aprompteì-me para comêl-o.

Nisto, ouvi que alguem soluçava na mesa. Levantei os olhos do prato e vi minha sogra chorar, limpando as lagrimas com o guardanapo.

— Que ha? — perguntaram as duas filhas.

— Na... nada — respondeu, soluçando, a sogra. — Meu ma... ma... ri... do mo... morreu. Ai... ai... ai...

— Mas seu marido não morreu ha quinze annos? — perguntei, pondo um pedaço de carne na bôcca.

— E'... é...

— A vovó chorou o dia todo, falou o Pedrinho. Até quando eu fui á cozinha encontrei-a chorando e preparando a carne.

Senti salgadissima a carne que havia engulido. Tinha vontade de vomitar.

Dahi a pouco, a sogra socegou e comeu tudo quanto estava no prato.

Invejei o seu apetite, mas nada provei nessa noite.

Depois do jantar, quiz deitar-me, mas meu cunhado insistiu para jogarmos um "poker". Sou tão timido, que acceitei. Resultado: ás 11 horas tinha perdido o mez de ordenado que levára adeantado.

* * *

Os cunhados occuparam o nosso quarto, de dormir. A sogra installou-se no sofá da sala de visitas, e o Pedrinho fez questão de dormir sozinho no meu gabinete.

Minha mulher deitou os colchões na sala de jantar, e fomos dormir.

A' noite, accordamos coçando-nos. As formigas picavam-nos desapiedadamente. Tinham sido apanhadas pelo Pedrinho no jardim e postas em baixo de nossos travesseiros.

Não consegui conciliar o somno e fui ver o que fazia Pedrinho no meu gabinete. Encontrei-o dormindo calmamente. Mas o meu escriptorio tinha um aspecto desolador. A tinta estava espalhada nos papeis que eu deixára na mesa. O tinteiro estava cheio de leite. Os quadros que pendiam das paredes apresentavam numerosos cortes de thesoura.

Fiquei irritado e preguei uma bôa sova no Pedrinho. Elle accordou logo após a primeira pancada, e, chorando, foi queixar-se a sua mãe.

Todos accordaram e dahi a pouco fui assaltado por cunhados, sogra e sobrinho.

— Monstro! Perverso! Sem coração! — gritaram todos.

Pedrinho batia-me com os pés.

Senti-me novamente timido e pacato e pedi que me desculpassem, pois estava doente. Batêra injustamente na criança por estar nervoso.

A sogra, aproveitando-se do meu estado de fraqueza, obrigou-me a tomar um frasco de oleo de ricino.

Tive uma noite horrivel. De manhã bem cêdo, peguei minha mulher, e, emquanto meus parentes dormiam, fugimos da nossa propria casa, como dois ladrões, e voltamos para o Rio.

O ALFINETE DE GRAVATA

De Assis Moraes

(Continuação do numero anterior)

Elle Lucio Mendes, pobre; ella, Lucia Ribeiro, filha de um commerciante abastado.

Amavam-se...

O joven desejou casar com a amada. A moça tambem desejou esse enlace matrimonial...

Falaram entre si a respeito de sua união pelos indissoluveis laços do consorcio.

Lucia abordou seus progenitores: solicitou-lhes o consentimento para o acto supremo de sua existencia.

Elles, o sr. Henrique e d. Cordalia, se oppuzeram fortemente, fazendo allusões sobre a "posição"... social do rapaz.

Ordenaram á joven que desse fim ao namoro.

* * *

Os jovens, não obstante o seu ardoroso amor, abstiveram-se de revoltas. Resignaram-se...

E veiu a despedida amorosa... Ultimo trecho do romance daquellas duas almas attrahidas — uma para a outra. Ultimo trecho, sim... Phraseados de enternecimentos e angustia entrecortados de olhares apaixonados. Capitulo feito de doçuras amargas. Nessa phase derradeira, a amada, tirando de uma bolsa o alfinete, offertou-o ao amado:

— Acceite isto, que é para que nunca se esqueça de mim...

— Agradecido.

O colloquio ainda se manteve algum tempo; e elles separaram-se...

* * *

Ao joven causou escrupulo o seu projectado acto de converter o adorno de gravata em méro especimen de artigo de negocio. Lucia o obsequiara com o alfinete o pequenino alfinete que se destacava como uma prova do amor da amada, e como um penhor do amor perenne do amado... Ella lhe falára em termos categoricos, incisivos, sob o influxo de affectos. Além das palavras que assignalámos ha pouco, ella lhe dissera mais: que devia receber o alfinete de gravata, tel-o, conserval-o, afim de assim jamais olvidal-a, a sua querida Lucia.

A transacção pretendida se revestia do aspecto de um mercantilismo indigno. Exprimia ainda desprezo, desamor, ingratidão. E o amor do rapaz não se extinguira e nem entibiára. Seria um sacrificio aquelle, o de passar ás mãos de uma pessôa qualquer a lembrança da amada, e a troco de alguns mil réis...

* * *

Si recorresse ao auxilio de algum amigo ou companheiro de serviço? Arranjar com um delles certo emprestimo que já lhe servisse? E pedir pagamento adeantado ao empreiteiro sob cujas ordens trabalhava? Oh! não!...

O papel de pedinte, elle o detestava, por desagradavel, antipathico e penoso. Tinha receio das recusas verdadeiras ou dissimuladas.

* * *

Veiu-lhe á idéa um outro alvitre. O deposito do pequenino objecto em poder de quem lhe emprestasse uma quantia que, lhe parecesse satisfatoria. Ao terminar proximo da semana estaria de posse da retribuição a que tinha direito pela lufa-lufa diaria. Certamente poderia então solver o debito. Mas... si o não pudesse? Perderia o objecto empenhado... Circumstancia identica á do negociamento, ou mesmo peor.

* * *

O meio mais praticavel era, sem duvida, o da venda do valioso adôrno, e meio simples, realizavel, decisivo.

Por outro lado o sacrificio a que elle seria arrastado, teria a compensação correlativa: um beneficio: a saúde de sua mãesinha. Com os remedios receitados, poderia ella vir a sarar...

* * *

O moço vendeu a preciosidade a um dito Benjamim. Esse sujeito, ganancioso e avarento, o ludibriou com desplante e sagacidade. O esperto lhe pagou o ouro de alto quilate pela quarta parte do valor. Não obstante a fraude de que foi victima, ainda assim Lucio lucrou: recebeu avantajada importancia. Nem suspeitou da patifaria do typo que elle chamou de "seu salvador".

Pagou a conta do pharmaceutico. Comprou a dinheiro os medicamentos precisos na occasião e os que se tornaram necessarios depois. A conta do dr. Moreira tambem foi saldada. As demais consultas foram pagas cada uma de per si.

* * *

D. Eulalia recobrára a saúde...

* * *

Lucio dizia e redizia comsigo mesmo:

— Si Lucia souber o que fiz ha de approvar o meu procedimento...

(*Continuação do numero anterior*)

No momento em que ella voltava a esquina da rua, Sherlock Holmes chamou-a em voz baixa:

— Senhora Blunt! Senhora Blunt!

Admirada, parou, mas, vendo não longe della um homem de aspecto miseravel com um nariz de ebrio, continuou a andar sem responder.

— Attenda-me, senhora Blunt! tornou o policia. Sou... um amigo... sou Sherlock Holmes.

— Deus do céu! agora reconheço-lhe a voz. Mas que trajo é esse! Seguiu-me?

— Não, fui apenas visitar Blackwell. E agora responda-me sinceramente, senhora Eveline, que foi fazer á casa de seu primo?

As lagrimas brilharam nos olhos da pobre senhora.

— Vou dizer-lhe, sr. Sherlock, ainda que com alguma vergonha.

"Depois da conversa que tivemos hoje, não podia afastar a odiosa suspeita contra meu marido, e, mau grado meu, parecia-me ouvir constantemente meu primo dizer-me que tinha visto meu marido descer de um carro acompanhado por uma mulher encantadora.

"Resolvi então voltar a vel-o para lhe pedir que me dissesse a verdade.

— E então!... que lhe respondeu elle?

— Manteve o que tinha dito... oh! receio bem que me falasse a verdade.

Sherlock tranquillizou a infeliz Eveline o melhor que poude.

Depois pediu-lhe para voltar para casa, e até nova ordem, que não fosse á casa do primo sob nenhum pretexto.

— Diga-me, juntou o policia, quaes são as occupações de seu primo Charlie? De que vive?

— Não sei. Mas seu pae morreu ha alguns annos e deixou-lhe uma bonita fortuna; talvez viva dos rendimentos.

Eveline despediu-se do policia nas trevas da noite.

CAPITULO V

UMA CASA DEHABITADA

Sherlock continuou de sentinella á esquina do Dover-street, e desta vez a sua paciencia foi posta á prova.

Deram nove horas, dez, sem que se abrisse a porta do numero 24.

A's dez horas e vinte e nove minutos, Sherlock consultou o relogio. Neste momento, um homem que elle ainda não tinha visto sahiu do predio. Usava com os pescadores do Tamisa, umas botas grandes, calça muito largas, um casaco muito amplo, e, na cabeça, uma carapuça.

Os mysterios

(SHERLOCK HOLMES

O policia não poude ver-lhe o rosto, mas apesar disso não duvidou um instante siquer que fosse Blackwell, porque fixara bem a figura do mysterioso primo da senhora Eveline Brunt.

Seguiu-o á distancia, mas de modo a não o perder de vista. Por emquanto era facil. A gente que andava pelas ruas permittia que se occultasse.

Mas o policia, ao mesmo tempo que caminhava, dizia comsigo que não seria sempre assim! Era necessario que se metamorphoseasse completamente para affrontar os olhares do primo Blackwell.

Não tinha tempo para voltar á casa, devia portanto operar a mudança, mesmo caminhando.

Metteu-se por um rua escura, tirou a cabelleira que metteu na algibeira, fez outro tanto á barba e com o lenço, limpou a côr vermelha que lhe dava o aspecto dum ebrio. Não era bastante. Desejava transformar-se de modo que Blackwell não pudesse de modo algum reconhecel-o.

Serviu-o o acaso. Passou junto delle um cavalheiro com um elegante e comprido sobretudo e chapéo alto.

— E' o sr. Carr que vejo? murmurou Sherlock. Anda em serviço?

— Não, tenho licença esta noite e dirijo-me ao club, tornou o elegante cavalheiro.

— Nesse caso queira emprestar-me o seu sobretudo e o seu chapéo. Depressa, depressa, não posso demorar-me, tome o meu chapéo em troca.

— Mas, permitta, esperam-me no club.

— Com a bréca! é um policia do bairro central e não quer auxiliar-me? Que dirão os seus superiores se alguma vez o souberem? De resto, estou prompto mais tarde a prestar-lhe identico serviço e auxilial-o se o vir em embaraços.

Num abrir e fechar d'olhos, o sr. Carr, convencido, despiu o sobretudo que Sherlock Holmes vestiu immediatamente; procederam da mesma maneira com os chapéos.

Tudo isso demorara dois minutos. Era forçoso recuperal-os. Sherlock poz-se a caminhar a passos largos e depressa os seus olhos penetrantes distinguiram Blackwell, que seguia tranquillamente o seu caminho.

Já não temia que o reconhecessem. Com o comprido sobretudo e a chapéo alto, dir-se-ia um negociante em boas circumstancias, que regressa á casa depois de terminar os seus negocios.

O itinerario que Blackwell seguia parecia que os levaria longe.

Já atravessara a Blue-Ancher-Road, depois o Southwark-Park, e entrava na Dept-ford-Road.

Começava ahi esse bairro de ruas mais ou menos espaçosas que cruzam nas immediações do Tamisa e das docas onde estão installados os escriptorios dos corretores de mercadorias, dos armadores assim como os grandes depositos das casas de exportação e importação.

De repente Sherlock viu entrar numa casa o homem que seguia.

Não julgou conveniente entrar após elle. Não podia saber por quem era habitada. Portanto limitou-se a vigiar o predio pelo lado exterior.

Como quasi todas as casas de Deptford-Road, a frente desta era extremamente estreita. Tinha dois andares, cada um com tres janellas que davam para a rua.

Em nenhuma dellas se via luz e o conjunto do

...de Londres

(Por CONAN DOYLE)

...dio dava a impressão de um completo abandono. Sherlock reflectia.

...ra-lhe absolutamente necessario pedir esclarecimentos acerca dos moradores do predio.

...o dessa maneira poderia saber a quem ia aquelle ...nem fazer uma visita a hora tão tardia. Eram já ...re horas da noite.

A maior parte dos predios contiguos eram occupa...s por escriptorios ou depositos que, naquelle mo...nto se achavam fechados.

A uns cincoenta passos brilhava uma lanterna ver... á entrada de uma taberna frequentada por mari...beiros. Mas ali certamente que não saberia a ver...de, admittindo mesmo que lhe quizessem dar al...mas indicações.

—Não se me apresenta outra solução. Tenho que ...rar, disse por fim Shenlock comsigo mesmo, urge ...e veja com os meus proprios olhos o que se trafica ...quella casa...

O policia andou para traz e para deante e certo de ...e ninguem o observava das janellas sempre escuras, ...avessou a rua e caminhando rente á parede che...u junto da porta que não estava fechada.

Empurrou-a o preciso apenas para poder passar e ...etrar num corredor.

A escuridão era completa e elle não levara a lan...rna. Por felicidade achou uma das algibeiras do ...retudo do policia Carr uma caixa de phosphoros ...ceiaes que ardem durante cinco minutos.

Sherlock acendeu um e viu uma escada que condu...a ao andar superior. O resto do corredor só offere...a á vista as paredes nuas.

O policia subiu a escada sem fazer o minimo ruido. A' luz do phosphoro distinguiu um certo numero ...e portas abertas que dava para quartos absoluta...ente vazios.

Das paredes cahia o papel aos bocados devido á ...midade, e a madeira do solo estava num estado ...amavel.

—Ah! uma casa deshabitada!... disse o policia ...msigo. Blackwell deve ter motivos muito parti...lares para aqui vir.

Mas onde estará elle? Teria subido ao segundo ...dar? Vamos já ver!

...e ter ao andar superior por uma escada muito ...eita, no fim da qual havia uma porta aberta.

Sherlock examinou um vasto aposento que viu na ...a frente, mas Blackwell não se achava ahi.

Voltando ao primeiro andar o policia parou um ...omento e ouviu um ruido singular, como que o ...surro da agua.

—O Tamisa, murmurou elle. O lado opposto da ...sa dá para o rio.

O seu rosto energico e intelligente illuminou-se com ...m sorriso.

Em seguida entrou num dos quartos e aproximou-se ...e uma janella aberta.

O phosphoro tinha-se apagado.

Teve o cuidado de não o atirar para o chão afim ...de não deixar vestigios da sua passagem. Metteu-o ...na algibeira.

A lua, de resto, illuminava o quarto fracamente ...as sufficientemente, e, inclinando-se na janella viu ...lá baixo as aguas sombrias do Tamisa.

Fez ao mesmo tempo uma descoberta importante. ...resa ao parapeito da janella achava-se uma escada ...e corda que cahia na superficie da agua.

—Foi por aqui que Blackwell partiu, disse comsigo o policia.

"Como verosimilmente não saltou para a agua, estava com certeza um bote esperando-o.

"Diabo! Isto merece attenção. Um homem que começa um passeio de um modo tão mysterioso deve ter negocios bem importantes no rio e motivos para não dar nas vistas...

"Mas para poder seguir a pista dos actos mysteriosos deste individuo, urge absolutamente que me conserve aqui até que elle volte.

"Sem duvida no regresso ha de abordar aqui com o bote e subir para casa pela escada de corda.

"Mas tudo isto deve levar tempo.

"Blackwell tanto póde conservar-se toda a noite fóra como entrar dentro em pouco. Em todo o caso, preciso avisar Harry.

Sherlock sahiu então da casa e correu a uma estação telegraphica que notara numa rua pequena que ia ter a Deptford-Road.

Entrou e expediu o telegramma seguinte:

"Sherlock Holmes, Victoria-street.

Harry deve ir Deptford-Road. — Casa com tres cruzes a vinte passos da passagem Remington. — Esperar em frente porta á esquerda até que volte ou envie outras instrucções."

Em seguida o policia tornou-se culpado de um pequeno roubo.

Sobre a carteira por detraz da qual estava o empregado do telegrapho havia um lapis encarnado.

O mais disfarçadamente possivel, Sherlock Holmes metteu-o na algibeira e despediu-se do empregado.

Logo que chegou em frente da porta da casa deshabitada, desenhou na parede á esquerda da porta de entrada, tres grandes cruzes com o lapis encarnado.

Entrou em seguida no predio e dispoz-se a passar a noite ahi.

Antes de mais nada acendeu um phosphoro e illuminou o quarto onde se encontrava.

Teve o cuidado de não permanecer de pé, mas poz-se de joelhos para que a luz não podesse ser vista do rio.

Descobriu a um canto do quarto uma caixa grande.

Como não lhe era agradavel passar toda a noite em pé, sentou-se sobre a improvisada cadeira.

Collocou ao lado o revolver carregado com seis balas.

Mas tinha ainda outra arma: a faca que Harry roubara a Blackwell e levara para casa.

—Não será mau conserval-a ao alcance da mão, disse de si para si.

E collocou-a na caixa, perto de si, de modo a poder pegar-lhe ao primeiro alarma. Decorreram duas horas.

Sherlock Holmes encostara-se á parede e estava de ouvido attento ao menor ruido.

(Continúa na pag. seguinte)

Mas, a não ser alguns ratos curiosos que se arriscavam a sahir dos seus buracos, nada ouviu senão o sussurro monotono das aguas do Tamisa que corriam debaixo da janella.

As nuvens interceptavam por vezes os pallidos raios do luar que illuminava o quarto.

Sherlock sentiu que o somno o vencia.

Mas emquanto esperava poder ainda resistir-lhe, os olhos fecharam-se-lhe subitamente e — coisa que nunca lhe tinha succedido naquelles casos — adormeceu...

A lua que naquelle momento rompera as nuvens incidiu os seus pallidos raios sobre a cabeça do policia, encostada á parede fazendo realçar as feições accentuadas do seu rosto energico.

CAPITULO VI

A FACA DE SHERLOCK HOLMES

— Olá! camarada, parece que bebeu aguardente de mais, e está para ahi a dormir como um bem aventurado!

Sherlock despertou em sobresalto ouvindo uma voz rude resoar-lhe aos ouvidos.

Sem se mexer abriu os olhos.

Viu então junto de si um homem gordo, de hombros largos com um trajo identico áquelle com que Bdackwell sahira de casa, com a differença que este tinha um grande chapéo molle.

Tanto quanto se podia distinguir á pallida luz do luar, tinha a cara cheia de signaes de bexigas, o nariz grande e chato, as maçãs do rosto salientes. Em resumo, o conjuncto estava longe de ser seductor.

— Ah! estás aqui de sentinella? continuou o homem ou ter-te-ia o chefe encarregado de outra coisa?

Sherlock Holmes respondeu sem se alterar e sem hesitação:

— O chefe partiu no barco,, espero que volte.

— Então tens que esperar. Não sabes que o chefe se demorará trez dias no sitio para onde foi? Ha negocios importantes a tratar. Tambem eu para lá vou; vens commigo?

— Com effeito, vou. Tinha até perguntado já a mim mesmo se não faria melhor dirigindo-me para ahi.

O policia não tinha a menor idéa do que poderia ser o tal "sitio".

Mas tinha o cuidado de responder de modo que o seu companheiro não pudesse conceber a minima suspeita.

— E' ainda assim, extraordinario que não nos tenhamos nunca encontrado continuou o homem de hombros largos. Ha quanto tempo fazes parte do bando?

— Eu? ha muito tempo. Conheço-te muito bem e já te vi mais de uma vez.

— Com os diabos, e eu não me lembro de te ter visto. Mas, é certo, todos conhecem o "Escalpado".

O homem tirou o chapéu e Sherlock comprehendeu então porque lhe chamavam o "Escalpado".

Tinha-o sido realmente.

Não se via nem um cabello na pelle do seu craneo e este — um conhecedor como Sherlock não podia enganar-se — apresentava alguma coisa de facticio.

Aquelle homem estivera provavelmente muito tempo no Far-West americano. Devia ter cahido nas mãos dos indios que o haviam escalpado. Fôra salvo a tempo pelos brancos que o tinham curado da horrorosa ferida.

— Podes de resto, considerar-te feliz por ter visto a faca junto de ti, tornou o "Escalpado" mostrando a arma que se achava sobre a caixa. Se não tivesse visto, ter-te-ia dado cabo da pelle immediatamente.

— Era o que eu teria tambem feito se tivesse encontrado alguem a dormir sobre esta caixa, se não provasse por algum signal que era dos nossos, retorquiu Sherlock com o maior sangue frio. Mas quando se vê esta faca nas mãos de alguem, sabe-se logo com quem se lida.

— Naturalmente tornou rindo o Escalpado, é um dos nossos signaes de reconhecimento. Vendo-a junto de ti comprehendi logo que pertencias ao bando dos piratas do Tamisa.

Ainda que se contivesse, Sherlock Holmes não pôde deixar de dar uns estalidos com os dedos, de contente que estava.

O Escalpado fazia portanto parte dessa terrivel associação que a policia de Londres procurava descobrir havia tanto tempo e de que só conhecia a existencia e nada mais.

O acaso servira-o maravilhosamente e fizera com que descobrisse uma pista magnifica.

Blackwell era evidentemente um Pirata do Tamisa e talvez... não, certamente, o chefe do bando.

Entretanto o Escalpado dirigira-se para a janella emquanto Holmes mettia na algibeira o revolver e a faca.

Com grande espanto o policia viu o seu companheiro saltar o parapeito da janella e desceu pela escada de corda.

— Onde irá elle? pensou o policia, não se vê nenhum barco. E comtudo não pode saltar para o Tamisa.

Como se tornaria perigo fazer uma pergunta cuja ingenuidade podia trahil-o, seguiu docilmente o "Escalpado".

— Espera um pouco, já aproximo o barco, disse o pirata quando se acharam a pequena distancia da superficie da agua.

(Continúa no proximo numero)

Preço das assignaturas

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.)...... 48$000
Semestre (26 »)...... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.)...... 70$000
Semestre (26 »)...... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.)...... 78$000
Semestre (26 »)...... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.)...... 115$000
Semestre (26 »)...... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SÉRGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso

Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2-4136

Director: 2-0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir Internacional de Publicité Gargon & Levindrey

Rue Trenohet, 9 — France

Pass VIII Ludgate Hill.

Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ...... 1$500

MOLESTIAS DOS RINS

Uma advertencia da natureza

Os rins desempenham um papel de primordial importancia no organismo em geral. São verdadeiros filtros que limpam e purificam cada gotta de sangue que corre em nosso corpo. Separam as substancias nocivas e detrictos, que passam pela bexiga junto com a urina, para serem expulsos do organismo.

Succede com frequencia que por diversos motivos os rins se vêm obrigados a levar a termo uma tarefa superior ás suas forças, que acaba por alterar-lhes o funccionamento. D'ahi se produzem transtornos diversos que se manifestam por dôres na região renal ou molestias nas vias urinarias.

As Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga constituem um medicamento digno de confiança para combater as desordens renaes e urinarias. A feliz combinação dos seus ingredientes alem de ser um bom estimulante para os rins, é um antiseptico e um calmante das vias urinarias. Não facilite com a sua saúde. Tome um medicamento que vêm merecendo a approvação de numerosos facultativos e que goza de uma reputação firmada.

Ha mais de 45 annos que os medicos recommendam as Pilulas De Witt para as affecções dos rins e da bexiga. E' um medicamento em que V. S. póde depositar toda a sua confiança, pela sua benefica acção sobre os mencionados orgãos. Se antes de tomar uma decisão, V. S. deseja experimentar as Pilulas De Witt, envie-nos o coupon abaixo. Pela volta do correio receberá uma AMOSTRA GRATIS. Basta tomar algumas pilulas para ter uma idéa do seu valor.

PILULAS

De WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

Pódem experimentar-se em casos de

RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO DA BEXIGA, LUMBAGO, SCIATICA, MOLESTIAS DOS RINS
e todas as Molestias provenientes do excesso de acido urico no organismo.

O seu medico sabe o quanto são boas

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd.
(Dept. R160), Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome ....

Endereço.......................................

....

Mande em envelope aberto....sello 20 Reis

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

RUA ARISTIDES LOBO, 115 — PHONE 2-1266

SECÇÃO DE MATERNIDADE: PARTO COM INTERNAÇÃO EM ENFERMARIA COM 4 LEITOS .... 300$000 — QUARTO PARTICULAR .... 450$000